

III PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos



O lançamento da terceira Antologia – Poesias, Crônicas e Contos – reafirma a continuidade do crescimento artístico-literário dentro de nossa academia. A arte de escrever estimula docentes, discentes e técnicos-administrativos a produzirem textos que refletem as diversas práticas e relações socioculturais em constante evolução na sociedade em que vivemos.

A premiação através do Troféu Inglês de Souza deste III Prêmio Proex/UFPA de Literatura estimula a comunidade universitária a perpetuar a arte da escrita tão bem construída em nosso estado. Em gêneros curtos a criatividade e a crítica abordadas pelos autores nos diversos trabalhos nos propõem "escritas polifônicas" para serem lidas, ouvidas e desvendadas por ávidos leitores.

O Prêmio Proex de Literatura agrega-se aos diversos programas e projetos culturais de extensão da UFPA, tais como: a publicação Tucunduba: Arte e Cultura em Revista, o Prêmio Proex de Arte e Cultura, a Quinta Cultural, o Cine-Guamá, o EntreLivros, os Corredores Culturais para Belém e as ações de interiorização como os Encontros de Arte e Cultura em Extensão e o Projeto Multicampiartes, promovendo amplo diálogo de formação artística e cultural com nossa sociedade.

Leonardo José Araújo Coelho de Souza
Diretor de Apoio Cultural

III PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

REITOR

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

VICE-REITOR

Horácio Schneider

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Fernando Arthur de Freitas Neves

DIRETOR DE ASSISTÊNCIA DE INTEGRAÇÃO ESTUDANTIL - DAIE/PROEX

José Maia Bezerra Neto

DIRETORA DE PROGRAMAS E PROJETOS - DPP/PROEX

Silvana Nascimento da Silva

DIRETOR DE APOIO CULTURAL - DAC/PROEX

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

AVALIADORES

Antonio Juraci Siqueira

Paulo Nunes

Alfredo Garcia

COLABORADORES

Liuzelí Caripuna (DAC/PROEX)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

José Fernandes Fonseca Neto

EDITORAÇÃO

José Fernandes Fonseca Neto

Jean Fernando Pereira Ferreira

REVISÃO

Luiz F. Branco

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Biblioteca Central da UFPA, Belém - PA - Brasil

Antologia: poesia, crônicas e contos. - Belém, 2013

Ao alto do título: Pró-Reitoria de Extensão

III Prêmio PROEX/UFPA de Literatura

ISBN: 978-85-63728-10-4

1. Poesia brasileira - Pará. 2. Crônicas brasileiras - Pará. I. 3. Contos brasileiros - Pará. I. Universidade Federal do Pará. Pró-Reitoria de Extensão. III. Prêmio PROEX/UFPA de Literatura (3. : 2013 :Belém (PA)).

CDD - 23.ed. 869.98

Pró-Reitoria de Extensão da UFPA

III PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos



Universidade Federal do Pará
Belém/PA-2012





Apresentação

O Prêmio PROEX de Literatura da Universidade Federal do Pará-UFPA conhece sua terceira edição. O presente livro retrata o seu resultado, com sessenta trabalhos laureados, sendo vinte em cada uma das categorias do certame: conto, crônica e poesia. Os autores aqui publicados tiveram seus trabalhos examinados por comissão julgadora independente composta por literatos e professores renomados.

Destinado à comunidade universitária da UFPA, entre os sessenta premiados, a grande maioria são discentes de graduação e pós-graduação, num total de quarenta e quatro laureados. Dez são docentes e seis são técnicos-administrativos. Sendo que na categoria Conto, foram: catorze discentes, três docentes e três técnicos-administrativos premiados com a publicação de seus trabalhos. Na categoria Crônica, dezesseis discentes, dois docentes e dois técnicos-administrativos têm seus trabalhos publicados nesta edição. Na categoria Poesia, catorze discentes, cinco docentes e um técnico-administrativo foram escolhidos para integrar a presente antologia.

O referido resultado do Prêmio PROEX de Literatura demonstra que na Universidade não se produz somente o conhecimento científico, mas também se produz cultura literária de boa qualidade. Sendo a presente antologia um convite à leitura, um estímulo a que novos e antigos literatos ofereçam seus trabalhos nas próximas edições. Oxalá assim seja.

Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto
Diretor de Assistência e Integração Estudantil da PROEX

POESIAS

- 19 Para Zé Cláudio e Maria do Espírito Santo
Josiclei de Souza Santos
- 22 Álbum
Anselmo de Sousa Gomes
- 24 Ménage à trois
Elizier Junior Araujo dos Santos
- 26 Canto solidão
Airton Souza de Oliveira
- 30 Literante
Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior
- 32 Folhas de um outono
Caroline Pinheiro Lobato
- 33 Palavras cantadas
Esther Mirian Cardoso Mesquita
- 35 Medianeras
Fabiano da Silva Pereira
- 37 Inquietação
Franciorlis Freitas Viana
- 39 Jardim de lama e pedra
Jacqueline Lima Coelho Sampaio

- 41 Noturna
Jaqueline do Socorro Costa Silva
- 43 Fome
Jeferson Conceição Araújo
- 44 Ode à vida
Jorge Fernando Negrão de Lemos
- 46 Inundação
José Raimundo Barreto Trindade
- 48 Teu amor me veste
Luciana Cristina da Silva Rego
- 49 O eu-lírico e a lira
Marcela Maria de Paiva Azevedo
- 51 Angelus Novus na Amazônia
Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues
- 54 Saga
Rita de Cássia Paiva
- 56 Em memória de Antônio Tavernard -
a outra visita de Santo
Roberta Conceição Tavares
- 58 Boletim de ocorrência
Thyanne Tavares Freitas

CRÔNICAS

- 63 Libanês em ti?
Natália Abdul Khalek Mendonça
- 67 Anacrônico
Robson Heleno da Silva
- 71 Rede Globo, bebidas, mentiras e estupros, não necessariamente nesta ordem...
Alan Frick de Queiroz Muniz
- 73 Os passos
Airton Ícaro Cantuária Gonzaga
- 77 As condições alimentam as virtudes
Alex Junior Azevedo Lobo
- 81 Corações pós-modernos: sonhos embalados em redes
Ana Lúcia da Conceição Ramos Maracahipe
- 83 Dia de seminário
Arthur Coroa Mendes
- 85 Uma manhã na vida do escritor
Bruno Eleres Soares
- 89 A dançarina
César Augusto Martins de Souza
- 93 Flanêrie auto[e]motiva
Daniel Prestes da Silva

- 95 O Curuçambá-UFPA
Dielly de Castro Silva
- 99 O livro aberto
Elias Abner Coelho Ferreira
- 103 Caixote-parafernália-do-tempo
Franciorlis Freitas Viana
- 109 Falida infância
João Marcelino Pantonja Rodrigues
- 113 Mais um dia
Jorge Wesley de Souza Bezerra
- 115 Crônicas do cotidiano
Kleiton Luiz Nascimento Reis
- 117 Lembranças de um moleque do bairro do Guamá
Lindemberg Monteiro dos Santos
- 121 Efeito detergente
Luis Junior Costa Saraiva
- 125 Em que mundo eu vivo?
Luiz Gustavo Dias Ferreira
- 127 Madeiras e mãos: mundos miritizados da criação
Raphael Carmesin Gomes

CONTOS

- 133 Os desertos
Anselmo de Sousa Gomes
- 137 Seis sorrisos
Airton Ícaro Cantuária Gonzaga
- 141 O sono dos motores
Matheus Rossy Araújo Aguiar
- 147 O príncipe encantado
Alan Victor Flor da Silva
- 153 Despedida
Allyson Allen Lima Pereira
- 155 O tempo da partida é da chegada
Antonia Nayane Muniz de Oliveira
- 157 Além-mar
Daniel Prestes da Silva
- 161 Troca
Danilo Mercês Freitas
- 165 Intrínseco humano
Denise Araújo Lobato
- 169 À sombra da chuva
Edir Augusto Dias Pereira

- 175 **Amor(as)**
Edivan dos Santos Gomes
- 179 **Além daquela sala**
Ingra Carla de Oliveira Cardoso
- 183 **As pálpebras que me abrigam**
Isaque Felipe Carvalho da Silva
- 189 **Futuro de um pretérito mais-que-imperfeito**
João Marcelino Pantoja Rodrigues
- 193 **Percepção**
João Victor Rocha Micuanski
- 197 **Clarice e os outros**
José Aremilton Alves de Oliveira
- 201 **Strawberry fields forever**
Leandro Cavalcante Lima
- 205 **Artemis 902**
Maurício Leal Dias
- 215 **Eu matei Máisa**
Thaís Christina Coelho Siqueira
- 221 **Ènigmatique**
Thayanne Tavares Freitas





Poesias

com seus galhos
com sua madeira
tombam também gargalhos
gritos de meninos
tombam também com suas folhas
sonos sem hora
cantos de pássaros
aromas de aurora
tudo o que já fora
e o que já não agora

também o homem
quando tomba
não morre só
nem só em sua matéria

sua voz já não ouvida
sua casa hoje vazia
a ausência de seus hábitos
a ausência de seus gestos
causam nos vivos
um estado de óbito

e mais se adensa
a morte ainda
se os mortos quando vivos
defendiam a vida

e mais se adensa
esta morte ainda
quando não vem
a que na vida
chega na idade
de todo homem
de todo fruto
de toda árvore
o manso sumir do dia
no fim da tarde

e mais se adensa
esta morte ainda
quando ela vem outra
numa versão covarde:
a que durante o pleno voo
abate o viver da ave

esta morte sem nome
nos vivos não passa
nos vivos não morre
nos vivos não some

Álbum

Anselmo de Sousa Gomes

A fera do tempo erode vidas
Corrói estampas de memória
Deglute amor
E, no fio tecido do espaço-passo
Transgride verdades
Retoma mortos
Aflora o que pode ser verdade
Mas não é
Observo a carne dos retratos, nela olhos prescritos de ausência
Rostos amarrotados dos dias de gaveta, do sem sono dos colchões
Sorrisos que sorriam ainda sem saber
Em que altura ia o outono
O quão efêmero era o eterno
O quão finito e raso era o oceano
Observo o tempo esparramado no vácuo dos semblantes
Das poses feitas
Dos ídolos acorrentados
Dos pés em tensão feliz
Do arco rígido das bocas
E sinto a tristeza que não tem nome
A grande tristeza esculpida metalicamente na cor dessas fotografias
Seja qual for delas
Esses velhos presentes fantasmas

Evocando o seu pequeno sempre
O seu milimétrico para sempre
Evitando olhar o abismo negro e iminente que roça seus pés
Que sussurra em seus ouvidos forçadamente cerrados
Aquele canção
Aquele canção sem começo nem fim
Nem sim
O que tu não imaginavas, criança?
O que tem agora de gosto aquele beijo?
Quanto espinhos sangram os abraços?
Me fala do inocente desespero, amigo
Da fera que ruge através da jaula do teu vestido
Do sono que encampa a tua luz
Do velho mesmo sol espalhado acima desse passado
E daquilo que julgavas anti-solidão
Há mentira maior que a tua sinceridade?
Há engodo maior que a naturalidade do teu gesto?
Te contaram, porventura, da grande armadilha que viria depois do flash?
Imóvel e triste
O Álbum espera
Sabendo que não virá

Ménage à trois

Elizier Junior Araujo dos Santos

Manhã de sábado flertava com Macabéa.

Sua aura solitária, seu brilho apagado,
atravessavam minha poética existência.

Sentia, de verbo a verbo saudoso, o doce sabor de goiabada com queijo.

A vida que outrora era ríspida, com a morte trouxe a vida,
renasce uma estrela.

À tarde mantinha matrimônio com a flor bela de Espanca.

Flor que dissecava solidão, que minha
introspecção insistia chamar de lentidão.

Entardecer de café à pupunha, frustrante varredura,
refletia seu rebanho lírico à sedução.

Era gozo estridente que resplandecia, era morte que batia,
na flor bela de Espanca.

À noite extasiava-me com Clarissa Dalloway que,
de tanto percorrer e esticar minha alma,
decifrava-me até emoldurar o tempo de minha eloquência.
Que do fluxo de consciência colhia eternidade, passado e sequência.
E os fatos sorriam em mim, dentro e fora
do meu transcorrer.

Meu *eu* já se tornara *nós*: pedaço de cada essência, de cada vivência,
de corpo e letras em uma transa literária.
Meu olhar tornara-se voz, ecoando o silêncio de minha morada,
para que só assim deixar de ter para simplesmente ser,
três vidas em uma alma.

Canto solidão

Airton Souza de Oliveira

Para o poeta Ademir Braz

Da janela, imota, revejo
a tarde envidraçada, despejada
em porção imatura
além da tarde, pássaros apressados
migram freneticamente a cantarolar
iludivelmente canções insanas.

Folhas da goiabeira não resistem
ao tempo, caem a secar no chão
enquanto a aranha em teimosia
tece o lar frágil de uma
imagética composição inexplicável
está aí um segredo não contado.

Os pés descalços sentem o frio de um
chão antigo, mas sujo
estremecem, parecem congelar a alma.

De meu íntimo vem um som
aceso, indecoroso como um pássaro
sem as penas necessárias, em nudez
inocente, penujoso.

Dessa janela aberta em um quadrante ilusório
o céu consola em cores buriladas
nesse instante de mim paradoro
formigas mantêm regras equilibradas
aproveitando a penumbra de meu corpo
trilham em trilha a vontade de viver.

Pelas frestas da parede emadeirada
onde fixa está a janela
fragmentos de um sol tímido
de um cair de tarde
denunciam o momento de saudade.

Pela ausência de flores no jarro posto à mesa
conclui-se que nada está anormal
prosegue a poesia, consolo é o melhor remédio.

Vou aguardar na inquietude de sempre
o cair da noite ser saudado
pelo canto repudiante da rasga-mortalha
que irrita em seu voo acelerado, alado
a procurar um lar inocente, sem risco.

A noite é imagem apenas
porque os grilos repousam dissimulados
e guardam seus cantos esconsos.

No casebre, o telhado enlodado
arremessa nas retinas o passado
pequenas fissuras são portas de entrada
do tempo entre tempos passando.

Dessa vez nem mesmo rastros existem
estão envelhecidas as gramas plantadas
pelo velho Mundico ao longo de seus cabelos brancos
com mãos enrugadas a recolher
capim a capim, são as cenas
que vêm repentinas em minha memória.

Daquela parte da casa à qual Maria
chamava cozinha, não sei por que segredo
vinha o cheiro do café a perturbar
as narinas, os sentidos, os sentimentos
e domava minha alma por completo.

Enquanto uma aranha estática repousava
em seu lar depois do tear
ao seu lado, uma outra também estática
descansava em paz eterna, mórbida
abandonando de vez, seca, a destecida teia.

Lentamente a tarde dissolve o sol
de forma a derreter esperanças.

Há uma noite em mim
onde formigas rendosas caminham apressadas
migalhas aos montes em um corpo frágil
são fados o caminhar silente das formigas.

A porta trancafiada põe em mim
um sentimento retrógado, fixo e sem solução.

Da janela dou vazão aos sonhos
querente a volta do passado para uma degustação.
Miro outras casas, outras pessoas ao longe
impacientes, apressadas a caminharem o mesmo caminho.

O vento traz um cheiro triste da tarde
recostado na janela, entre frestas invadidas
sinto ausências reais do afago e dos olhares
sou face de um passado remoto.

Literante

Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior

O meu dia em transe,
Impertinências,
Dois berros,
Apenas um choro

(cílios tácteis)

ante a angústia

– angustiante –

literante...

Formas destituídas,

(visto as palavras)

Desnudo os olhos...

Mergulho as páginas

numa xícara de café.

Saboreio o fim da tarde
Mastigando células hipotéticas,
apalavrado, aliso o dorso
da tua constituição
– dentadas violentas –
Olhidentadas
contradança
a caneta baila ao longe...
A página, embebida,
cafeínoliteratura
palavramarga
Café adocicado...

Folhas de um outono

Caroline Pinheiro Lobato

Terminei de arrumar as malas...
Agora só falta botar o pé na estrada.
O momento da partida sempre lembra a chegada
Cada passo caminhado está marcado na estrada
O vento sopra arrancando as folhas secas das árvores,
Para dar lugar a novas, a flores, a uma nova fase.
Os pensamentos invadem a mente no distrair da razão
Lembranças, sonhos, pessoas, sentimentos...
Mil coisas vindas à tona ao mesmo tempo
E os detalhes enriquecendo cada recordação.
Os caminhos que se cruzaram, as águas que se encontraram;
Tudo isso eu posso ver quando olho para trás,
Mas a essência de cada gota que tocou a minha pele,
Estará presente em mim e em todos que a distância vai deixando para trás.

Palavras cantadas

Esther Mirian Cardoso Mesquita

Que a música jamais me largue
Que escorra como suor
Que eu soe
Envolvida em melodias do cotidiano
Uma cantora sem voz
Uma cantora de palavras presas ao papel
Uma alma sedenta de sons
Inquieta com o silêncio
Amiga do mundo que acorda barulhento
Que a música seja uma amiga eterna
Daquelas que por mais distantes não se esquece
Que mesmo sem saber as notas
Eu possa tocar a alma dos apaixonados
Que minhas palavras cantem
Aquilo que minha mente grita em desespero
Incapaz de ser compreendida
Desmancha-se nos mais belos arranjos
Que eu consiga no silêncio de um leitor
Expressar a musicalidade que não precisa de rimas

Que eu consiga cantarolar o mundo em linhas
Que minha alma de artista incompleta
Consiga expressar a música que já não escorre
Mas simplesmente evapora
Transpira
E me sufoca
Que a sublime magia de um acorde
Ensine-me a expressar tudo
Que eu com palavras vazias
Tanto desejo cantar!

Medianeras

Fabiano da Silva Pereira

I

Que seja o primeiro de muitos,
Talvez, o último de vários.
O inverso do ontem,
Ou contrário de amanhã.

Que seja reconhecido entre o caos do dia a dia
Do trânsito engarrafado, de um sorriso envergonhado
No atraso ao trabalho, num ônibus lotado
Até de um “bom dia”, talvez.

Com os primeiros raios,
Vem o recomeço.
Os pássaros anunciam um novo dia,
E o trânsito anuncia novos tormentos!

Tão purificador quanto a chuva.
Às três horas, o relógio anuncia um novo tempo.
Limpendo a poluição do céu,
Abrindo espaço para um novo Arco-íris.

II

O tempo deixa o detalhe despercebido.
Deixa a pressa cegar nossos olhos,
O trânsito doentio,
E as pessoas irreconhecíveis.

Transforma os momentos em fotografia.
Transforma a ferida em cicatriz,
E a cicatriz em ferida.
O Preto e o Branco se tornam Cinza!

Que o tempo não tenha piedade!
Deixa o Passado a ser lembrado,
Deixa o Presente a ser vivido,
E o Futuro a ser construído.

Ah o Tempo! As lágrimas se transformam em risos,
E os risos se transformam em lágrimas.
Ah o Tempo! Abre espaço para o novo
E o novo abre espaço para o recomeço...

Inquietação

Franciorlis Freitas Viana

Que inquietação
Sinto
Repentinamente uma vontade
De voar
Voar sem destino
Mas com uma direção:
O mar

Que inquietação na alma
Sem que haja algo que me
Apeteça
Tenho tristeza
E a pior das tristezas e estar-se triste
Por nada
Apenas por estar

Que inquietação, meu Deus!
Capaz de me fazer aflorar
Amores superados há tanto tempo
Que vêm senão para arengar
Um contento que não deveria ter
E por isso me inquieto de tê-lo
No olhar
Que ainda procura o mar
Sem, no entanto, vê-lo

Que inquietação me trouxe esta tarde
Quem lhe requereu que a trouxesse
Ao peito fatigado deste poeta?!
Sobrepujando-me o invólucro da idade
Arrastou-me para antigas serestas
Num devaneio, sob o olhar da verdade
A verdade é que quase morro nela!

Que inquietação mais quieta impera
Quando apenas se sonha
Protraindo a vista além, na janela
Dorida dor é esta, que nos proponha
O que não nos pode dar
Não a opulência do que é fausto
Nem a longevidade do que é eterno
Apenas uma olhadela no mar

Jardim de lama e pedra

Jacqueline Lima Coelho Sampaio

Por algum motivo sonhei com a casa da minha avó
Não qualquer casa, mas AQUELA casa
Cheirava a mato, chuva de fim de tarde e alegria
A farofa de ovo no fogão e o café servido no copo barato
Crianças correndo, endiabradas
Televisão velha
O quarto da prima mais velha que ninguém poderia entrar
Armadores de rede
Desejos no chão feitos com pedaços de tijolos
Desejei uma casa, uma árvore e pessoas ao redor
Jardim de lama e pedra
E insetos barulhentos
Minha avó vestida numa bata gasta e sandália nos pés
Feliz! Feliz! Feliz!
Que toque Roberta Miranda e assem a carne para as visitas!
O sol caindo e tudo sendo engolido pela mais perfeita escuridão
Luzes amarelas iluminando precariamente o aposento mais importante
Luz que queima e o escuro a nos assustar
Tudo acaba

Ainda lembro-me do choro infantil dela ao perder AQUELA casa
Como uma criança ao perder o precioso brinquedo
Triste senhora de olhar cansado, ai dela!
Pereceu rapidamente
Corpo minguando pelo cansaço da idade
Eu lembro...
Foram lá os momentos mais belos de uma infância simples
Minha infância
E para lá a sua alma foi, certamente
Ou talvez este seja apenas o desejo sincero daqueles que permanecem aqui
Aqueles que não partiram
Não ainda.

Noturna

Jaqueline do Socorro Costa Silva

Adoro a Noite,
O mundo
O mar
A rua.
Teu corpo no meu,
Chuva
Encruzilhada
A cama.
Olhares notívagos
De damas perdidas
Donzelas fingidas
Bocas púrpuras.
Oferendas ao mar
Castelos de areia
Um gole de vida
Bocas surdas.
Nos braços de abraços
Lembranças noturnas
Pecado

Léthes!
Desmancham no vento
Nosso altar
Rosas minhas
Estrada tênue.
No Templo do teu Ser
Magia que chega de noite
Chaga aberta
Boca alcoólica.
Noturnos dizeres
Pacientes amores
Colares, sementes
Noturna.

Fome

Jeferson Conceição Araújo

Só uma ideia me consome
vaga
leve
informe

meu ser
(na ânsia de se dar)
faminto dorme

enquanto insone
é a fome
que me
come...

infame:
fome vã
de a tudo dar um nome.

Ode à vida

Jorge Fernando Negrão de Lemos

Passa, vai passando
Corre
Lenta, modorrenta
De patins
Pelas calçadas
Quebradas, partidas, polidas
Vida estúpida
Metida a besta
Irresoluta
Sem disputa
Corrida, escorrida
Cheiro de chuva
Me vira, desvira
Revira, mentira
Inunda a profunda

Afunda, moribunda
Viu aquele garoto?
Sem postura, olhar perdido
Típico da idade pouca
Queria lhe levar a inocência
Vida porca, torta
Esquerda em sua direita
Patética, raquítica
Me parte, me bate
Continua tua má educação
Ingrata, barata
Se perde, nos perde
Em pensar que vi isso tudo esta tarde...
E eu só tinha ido ao banco!

Inundação

José Raimundo Barreto Trindade

Chove copiosamente sobre Belém,
alagando as almas,
inundando desejos.

Chove sofregamente
numa cidade triste,
desfazendo aos poucos velhos querereres,
contradizendo antigas expectativas,
deixando o rastro alagado de ruas, quintais e bocejos sonolentos.

Chove lividamente sobre a baixada de homens gentis.
Cobre as camas, desfaz os leitos e sobrepôs angústias.
Eis um gole de cana:
Branquinha boa que penetra a alma e aquece o corpo!
Lá se vem a enxurrada com a dose de fervor necessária.

A rua, encoberta, se desfaz e vira o que sempre foi: um igarapé oculto.
A forma desfeita pelas mãos descuidadas dos maltrapilhos humanos.
Os quintais ao soçobram, se enchem e transbordam.
Resta, apenas, o grito comprido do “prego” encharcado
no alto do biribazeiro.

A chuva alimenta o pega-pega dos moleques de rua,
na bola suada,
na pira danada,
na alegria das brincadeiras da água vadia.

Depois do dilúvio um sol forte,
farta claridade, pouca suavidade.
Meus olhos escancarados cintilavam!
Na rua cachorros sorriam,
homens vadios,
velhos senis.

Meus olhos escancarados se curvavam,
crianças sem dentes sorriam suas bocas nuas,
bêbados crentes recitavam,
pastores descrentes oravam,
meus olhos encantados sorriam.

Na bodega aberta,
com a cachaça posta,
meus olhos atentos lamentavam
a luz recaída.
Fragmentadas as pupilas por fim esvaneceram.

Teu amor me veste

Luciana Cristina da Silva Rego

O teu amor já não me serve.
Já me sufoca,
Me aperta as mangas.

O teu amor já não me serve.
São calças curtas,
Meias rasgadas.

Pode ser difícil entender.
Pior mesmo é explicar
Algo sem quê nem porquê.
Cresci demais pra você.

O teu amor já não me serve.
Pode me despir,
Caminho nua.

O teu amor já não me serve,
Mas se crescer,
Tem lugar no armário.

O eu-lírico e a lira

Marcela Maria de Paiva Azevedo

(Quem eu sou?)

Sou meu poeta da vida

Numa vida sem prosa

E de prosa em poesia.

(Quem é você?)

És minha maior regra,

Numa vida sem regras.

És minha segunda pessoa, no singular.

(O que eu quero?)

Eu quero um verbo,

Quero escrever meu desfecho,

Quero você, na segunda pessoa do meu plural.

Quero uma conjugação verbal,

Quero uma concordância de vidas,

Quero casar o verbo,

No futuro mais-que-perfeito.

E te querendo, quero eu.
Em prosa de vida
E vida em poesia,
Na minha conjugação, casarei com você.

Angelus Novus na Amazônia

Marcos Mascarenhas Barbosa Rodrigues

O aço trova um canto fúnebre
Anúncio ensurdecidor
Abre-se a terra
Será o Anjo do progresso?
Cujas asas da Amazônia não saem
Vendaval desvairado
Ficaram todos encadeados
Sangrou a hiléia, fizeram-se estradas
Afogaram-se os rios, fez-se hidrelétrica
O fulgor do Anjo é encantador
Seu feitiço mordaz
Rádio, jornal e TV
Arautos do capital
Inocula a prosperidade
A gente toda a esperar
Não sara mais
E ninguém vê
Roupa, comida e trabalho
Escola, remédio e salário
E nada de chegar
Mais uma vez, mais uma época

Castanha, caucho e diamante,

Passou...

Marabá mais uma vez se assusta

Transpassada pelos grilhões de aço,

...este chegou.

Imobilismo empobrecedor de nossos empreendedores

Sempre à espera de boa época

Da Nova Marabá ao São Félix

Da Cidade Nova à Pioneira

O cabelo até seca

Esse tal progresso nada de chegar

De novo só o discurso

Esse falatório não dá mais pra aguentar

“Estamos a prosperar: hidrelétrica, ALPA e hidrovia”

Mas para o povo não há salvaguarda, nem outra via

Que a de não participar

Mais uma vez desse tal progresso,

Este Anjo caído

Que por termos um belo rio,

o Tocantins

Serra emprenhada de minérios,

Carajás e tantas outras

Ele amaldiçoa-nos:

– A beber água impura

– A pagar caro pela comida

– A ser assaltado por aí

– Sofrer andando sob sol

– Não ter transporte para ir

Sobrevoos e insônia

Anúncio de destruição

Saga

Rita de Cássia Paiva

I

Meu sangue
Não é como o seu
Meu sangue
Esvai-se
Em meu doer
Sofrimento e chaga.

O seu
Escorre por
Seu capital
Seu poder
Seu possuir.

Sou o aborto
Das suas posses
Vítima
De sua hegemonia.

II

Meu sangue
Espreita
Seu status.

Minha cor
Mareja
Suas notícias:
Sou raça
Mescla vadia
Luta minha
Na sua paz
Insana.

Minha fala
Dilacera seu mundo

Sou cosmos

Sou quem
Perde no corpo
O rigor
Da MINHA raça.

E leva
Nos olhos
A cor da alma
Da gênese
Do Gênesis.

Sou a fortuna
E a tristeza
Na miséria
Do sonho e pó.

A alma não é pequena
Mas me falta
Ser
E sê-lo livre.

Éter,
Tenho meu estar
Alheio
A seu rótulo
A seu nome
A seu medo.

Sou cultura
Ânima, povo, chão.

**Sou arma
Urna de língua
Que você
Não fala
Nem respeita.**

Sou senhor
De meu ritmo
De meu pranto
De meu transitar.

Meu canto
Vigia
Seus sons
E minha alma
Leve e livre
Busca
Eternamente
SER

Em memória de Antônio Tavernard: a outra visita de Santo

Roberta Conceição Tavares

Meu São João, meu São João
Na porta do meu destino
Desse dia confuso que se espera pela noite
Como o poeta do Rancho Fundo
Espero que escreva a palavra paz

.....

Nesse mês do vosso dia
Com fogueiras brilhando de alegria
Espero também uma parada sua
Na melancolia do meu portão
Meu São João, meu São João

.....

Não como os balões das noites vossas
Que vão subindo, subindo e desaparecem
As fogueiras que se apagam
Depois que crescem sejam os amores
Que escorrem das minhas mãos

.....

Meu São João, meu São João
Como o poeta que com o mar se confunde
Em atos de extremas similitudes
Sonho com alegrias eternas
Cantando pelas noites num rojão...

Boletim de ocorrência

Thayanne Tavares Freitas

Ah, seu delegado!!
Foi tudo tão rápido
Ele levou o que eu tinha de mais precioso
Se quiser, posso ajudar no retrato falado

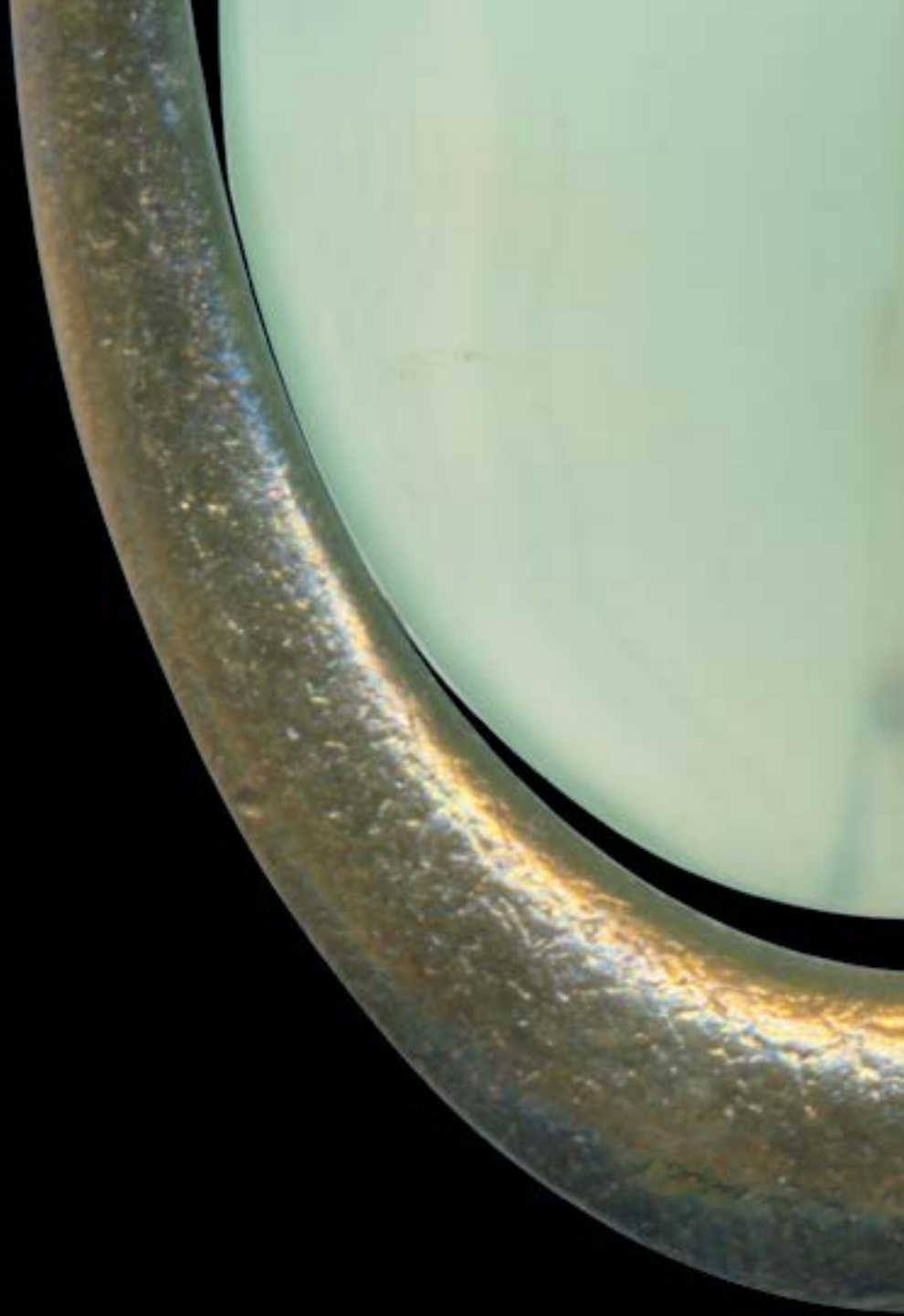
Olhos negros como o céu na madrugada
Cabelos escuros e sem nenhuma barba
Usava chapéu de panamá e paletó branco
Tinha gentileza nas palavras e nas mãos uma rosa

Ele aproximou-se como quem não quer nada
Envolveu-me com uma aparente paixão
Docilidade nos gestos e até o brilho no olhar ele forjou
E as mãos que me fizeram apaixonar deslizavam macias

De repente como um algoz
Em uma atitude feroz
Do peito arrancou-me
Um coração a bater por paixões

Com um movimento canhoto
Segurou-o na mão e se foi
Com um andar tranquilo
Dos boêmios em seu hábitat

E aqui estou, a denunciá-lo
Só quero meu coração de volta
Intacto e a bater
Por futuras paixões a me acalantar





Crônicas

Libanês em ti?

Natália Abdul Khalek Mendonça

A mãe disse de pronto: “Teu avô”. Sei o que continuo eu, porque não morre, nem sequer adormece. Decido por este chão, no qual meus pés, nossos, não estão fincados, e o que passo a percorrer são seus des-caminhos, nunca os mesmos, nunca o mesmo chão, nunca os mesmos pés.

Sua morte foi o estalo. Faz seis anos comecei a me pensar descendente de libanês. Momento onde as reflexões sobre o passado pulsavam nas falas, no choro. Dias de passar à tarde no hospital. Como sempre, ele não conversava muito, mostrava carinho no silêncio. Khalil Anis andava sem barulho no pé, sentar manso, cabeça erguida, inspirava-me respeito. Na doença tomei susto, vendo-o xingar as enfermeiras e enfermeiros em árabe – “rarakleptefé!” assim eu entendia –, antigamente se aborrecia só arregalando os olhos. Lembro das visitas mulheres, quem eram aquelas? De um meu avô que foi embora e chegou novo nas histórias que passei a escutar.

Vovô Khalil era uma fortaleza tranquila, uma montanha. Na maior parte do tempo o encontrava ouvindo música árabe em seu toca-fitas, cantava de olhos fechados, dançava com as mãos ou batia palmas. Às vezes na cadeira de balanço próxima à janela, tomando seu *whisky*. Um dia comentou que as cantoras árabes vão com suas vozes a um lugar desconhecido das ocidentais. Fairuz, vizinha da lua, uma de suas prediletas. Tentou me ensinar a contar em árabe, uahad, tnen, tlet,

arbaa, não lembro... Naquele quarto eu sentia uma saudade imaginada daquela terra. Seus amigos libaneses vinham em casa, semelhantes a ele, um tanto estranhos a mim. Na cozinha, jadra, tabule, kafta, charuto, hommus, babaganoj, namura, coalhada escorrida, azeitona preta, zatar, azeite, pão careca mesmo, mas sem o miolo... meu avô era uma delícia! Sua alegria era que repetíssemos, era pôr à mesa a quem trouxéssemos em casa. Uma vez acusou-me de comer todas as azeitonas, esbravejava “cho-rom-bo-rom!”; injustiçada, escondi-me embaixo da mesa e só saí quando o vi se recolher, daí ele volta e pergunta: “Passou o soluço?”. Tinha dessas, tinha uma formiga nos dedos a nos dar beliscões de surpresa. Sempre com dinheiro no bolso da camisa, oferecia dez, vinte reais pra comprar um sorvete. Jogávamos baralho na sala, eu e tia Aida, ele passava no corredor, nem bem fitava o jogo, soprava-me a dica certa! Às seis da tarde se arrumava elegante e eu não via sua volta. Acho, ninguém a percebia.

Chegasse alguém falando afoito demais, vovô esperava a pessoa acabar, olhava nos olhos e permanecia quieto. Meu pai, o maranhense, quem pescava alguma memória entre seus poucos comentários. Vovô cursou até a quinta série e sabia do mundo de tudo um pouco. Tia Magda lembra de uma época em que sentava na cabeceira da mesa e contava casos. Nas madrugadas de dor compartilhada – vovô já pedia a Deus que o levasse –, a família recordava as provas de força que participou no Acre. Na queda de braço ganhou até trinta grades de cerveja. Seu amigo Houston respondeu a um adversário: “Quando ver um libanês, jamais lhe faça um desafio.” No exército inglês, durante a Segunda Guerra Mundial, foi campeão de boxe. Exibia-se carregando uma cadeira de madeira do chão ao céu, pela ponta, com uma só mão. Tem a proeza do Cinema Iracema: ele e vó Charife, grávida, foram à inauguração, quando viu a multidão aos empurrões, encostou as duas mãos sobre as colunas da entrada, e fez assim uma barreira até que ela estivesse segura em sua poltrona; e corre a lenda das colunas entortadas

pelo ato heróico de Khalil. As mesmas mãos costuraram terno de príncipe. O ofício de alfaiate aprendeu com seu pai, Anis – este não sabem se nasceu na Palestina ou passou um período por lá – dono de uma alfaiataria no Líbano. Vovô não gritava com os filhos e filhas, vovó que ralhava feio, ela passava mais tempo com os nove. Macapá, São Paulo, Rio de Janeiro, ele ia trabalhar. Certa vez foi contratado para achar diamantes no Xingu, mas outro achou primeiro. Entre os cortes, fios, pontos, retalhos, nós de minha vó incansável, meu avô teve mercadinho, trabalhou em bingos, era bom jogador, meu tio vendeu patos, meu tio teve táxi.

Desde criança, meu “nariz de bruxa” era motivo de piada. Em casa observava os rostos, dava raiva atestar a falta de alternativa, todos são narigudos, teria de ser nariguda para sempre! Depois ainda descobri que o bendito não para de crescer. Nas oficinas de teatro, eu com catorze, quinze anos, escolheram me chamar pelo sobrenome Abdul. Lá no Líbano, se disser Abdul, não quer dizer nada, a origem é definida pelo complemento, o meu é Khalek. Mas gostei, cacei uma bandeira do Líbano pelas gavetas do vovô, fiz colagem na capa do caderno. Ele já tinha sido levado. Parei de comer quibe, nenhum era igual. Quis aprender a cozinhar, usar bastante as mãos, sem tantas ferramentas. Comia pão acompanhando o que fosse. Azeite, alho, limão, segredo perto do coração. Cor, cheiro, gosto daquela serenidade. Presenteava os queridos com saquinhos de zatar, uma joia em tempero. Um companheiro atentou: “É como se me trouxesse um pedaço da sua casa”. Meu paladar é meu avô e meu Líbano. Das visões que me tecem? Parece até que vario, perguntam: “És descendente de indiano? De índio? De chileno?”, algumas vezes enxergam uma “brasileira-árabe”. Ao vestir saia longa, lenço, já ouvi: “Você tem uma aura turca”. Acho graça, como se veste uma árabe, turca não, uma libanesa? Ao contrário das minhas tias e minha mãe, não suporto joias. As mulheres daqui brilham e fazem barulho.

Tio Farid, o filho mais velho, guarda uma espada que passa de pai para filho, com a qual o bisavô Anis andava em seu cavalo, naquela roupa de druso. Ninguém se torna druso, a pessoa nasce, a pessoa é. Nasceu e passou parte da juventude no Líbano, de 1962 a 1968. Conta que em Beirute havia muitos cassinos e corridas de cavalo, nas ruas circulavam carros norte-americanos caríssimos. Sobre o que vi na bolsa da prima Sâmia, o “terço druso”, não é um terço, é o Masbah, uma forma de passa-tempo ou exercício de concentração, quando se está pensando em negócios, por exemplo, dedilha-se para desanuviar. Para ele nem todo árabe é exímio comerciante, apenas os libaneses, descendentes dos fenícios navegantes. As irmãs do vovô, Linda e Najla, e o irmão, Fouad, ainda moram em Beirute... um dia os conhecerei? Reconheço em meu tio o orgulho árabe de meu avô, jamais ombros caídos. Na tia Magda e na mamãe, o valor à família reunida. Libanês em mim é porto sempre por achar, uma saudade e uma procura.

Os mesmos que dizem: “Mas nós nunca fomos árabes árabes”, “Esquecemos quase tudo, não preservamos”, são os que rasgam o pão e o passam no prato com azeite de oliva. A visita fica olhando, eles explicam: “Árabe come assim”. São os que sussurram segredos no francês não entendido pelos mais novos. Reconhecem no primogênito o predileto, portador de autoridade, embora errasse tanto quanto os outros. Irritam-se com a brincadeira que guarda a ofensa, ao dar o sobrenome: “É... família de terrorista”; com os apelidos, tio Anis brigou com um por chamá-lo insistentemente de Jesus Cristo. Orgulham-se quando alguém acha curioso, bonito, e se interessa em perguntar de onde vem. E arriscam um: “Ah, o nosso povo é assim, emotivo demais”.

Anacrônico

Robson Heleno da Silva

Pelas ruas, os carros gritam ferozes, pedindo passagem. As pessoas falam ininterruptas em seus celulares, sozinhas. Ruídos conhecidos, que me ferem os ouvidos. Semáforos, placas, outdoors, desenhos, palavras, cores. Um frenesi de imagens vazias, que me cansam o olhar. O ar traz consigo aquele costumeiro odor de fumaça e dinheiro. Embora as coisas nunca tenham sido diferentes antes, sinto-me alheio a tudo que me cerca. Sempre foi assim desde que me lembro.

Não vejo sentido em meu trabalho. Muito menos nos sorrisos bajuladores que alguns se obrigam a ofertar-me diariamente. Sinto os olhares de inveja daqueles que, assim como eu, não entendem como cheguei onde estou. O desprazer pelo que faço sempre me fez tão funcional. Seria esse o motivo? O fato de eu fazer o que deve ser feito sem qualquer reação adversa? Se for isso, percebo certo sentido. Afinal, na tentativa de agir como máquina, me transformo na personificação do sonho de meus superiores.

Percebo que é tudo sempre assim. Há uma mecânica que rege a vida de todos. Não se vive o momento em suas minúcias. Há sempre um pensamento regulador preocupado com o devir. Há a necessidade de planejar o amanhã, por mais que ele seja igual ao hoje. A grande ironia disso tudo é que esse tão esperado dia seguinte pode não vir.

A existência pode se encerrar no hoje e tudo se perder. Todos sabem disso, mas por que ainda insistem em viver em função de uma mera possibilidade?

Contudo, o grande paradoxo disso tudo é que, embora as pessoas vivam como se a vida fosse se estender conforme suas vontades, há certa aversão pelo que é duradouro. Tudo é descartável, passageiro. Os produtos já trazem consigo um prazo predeterminado de sua duração sejam eles materiais ou afetivos. Fala-se de um sentimento inesgotável, eterno, mas como mera utopia. É um sonho irrealizável. Talvez seja em prol dele que relacionamentos começam e terminam. Começam pela esperança e terminam pela frustração de não o encontrarem.

Certa vez questionei o significado de tudo isso. Alguém me disse que não importava, pois no fim, a vida é apenas uma grande sucessão de efemeridades. Achei coerente, visto ser a própria vida uma efemeridade. Mas, sempre tive a impressão de que as coisas não deviam ser assim. Que, mesmo que o tempo em sua ação inexpugnável possa tirar o brilho de tudo, no fim alguma marca haveria de restar. Que é possível vislumbrar a eternidade mesmo em algo passageiro. Que em meio a estas relações artificiais, poder-se-ia desenhar algo de natural.

Confesso que tentei vivenciar a prática de minhas convicções. Mas, uma vez mais me vi frustrado. Confiei em palavras ditas com olhar de verdade, mas que no fundo eram levianas. Pensei que enfim provaria ao mundo estar certo, que as coisas podiam ser como pensei, eternas a seu tempo. Contudo, meu sorriso se desfez ao perceber que estava apenas me iludindo com algo que não resistiria a algo voraz como o tempo.

Foi então que me dei conta de minha solidão. Meu grito sequer ecoava pelas paredes da caverna. Eram apenas devaneios meus, sem qualquer sentido para os que estavam a minha volta.

Eles talvez se sentissem com relação a mim do mesmo modo que eu sempre me senti diante de tudo a minha volta. Tínhamos enfim alguma similitude. Mas esta só me era útil para mostrar que eu não pertencia àquele mundo. Alguns julgavam meus ideais como sendo antiquados. Outros diziam que meu pensar sequer se encaixava em algum contexto. E assim, na falta de um consenso, designaram um termo genérico para me apelidar: anacrônico.

Rede Globo, bebidas, mentiras e estupros, não necessariamente nesta ordem...

Alan Frick de Queiroz Muniz

E só pra constar...na minha opinião a Rede Globo de Televisão é cúmplice de estupro...tô com muito sono pra tratar deste assunto hoje...aliás tinha prometido que não iria falar sobre assuntos que não fossem o concurso do INSS, mas a desfaçatez com que Pedro Bial simplesmente omitiu as razões pelas quais o tal modelo foi expulso, e sorriu para as câmeras, me fez pensar duas vezes...

Confesso que assisti a algumas edições do Big Brother, algumas cheguei a torcer... de fato é muito difícil esconder-se da mídia de massa nos dias de hoje, seja qual for o tipo...

É muito difícil ficar longe de porcarias como o tal forró pegado, o funk, o pagode babaca dos paulistas ou o tecnobrega paraense... na verdade é difícil não emitir juízos de valor sobre os dilemas que são criados a partir de vontades da alta burguesia carioca, que escreve, ano após ano, as vazias novelas das 8...

É bastante complicado contrapor-se a argumentos oportunistas, rasos e irresponsáveis, que os telejornais não cansam de nos apresentar como exercício pleno da imparcialidade profissional.

Mas desta vez a Rede Globo passou dos limites... que ela apresenta seres humanos como ratos de laboratório na corrida por um queijo gordo e delicioso... afinal... todos sabemos, e, a grande maioria pouco se importa, já a bastante tempo...

Mas desta vez ela exagerou... e penso que este exagero não vai ser de simples contorno, como tentou fazer um sofrível Pedro Bial, ao mascarar com a hipocrisia de seu sorriso, calando sobre um estupro acontecido debaixo dos narizes, quero dizer, câmeras, dele e do grande mentor Boninho... na quentura de seus estúdios, ao vivo pelo “pay per view”...tudo isso depois de festa em que estes são estimulados a encherem o pote de mangaça...

Todos sabiam que o cara estava com a menina na cama... será que, diante das circunstâncias, não seria mais do que esperado que as pessoas (responsáveis pelo programa) acompanhassem as atitudes do dito cujo??... e por que razões foram os assinantes que avisaram a polícia...???

Enfim, e este programa vai continuar... da mesma forma... a menina sabe que foi estuprada??? alguém falou pra ela???... os movimentos feministas vão deixar que isso corra assim, sem nenhum tipo de manifestação???... O Ministério Público vai tratar desta questão como???. Tá aí uma pergunta que eu gostaria de ver respondida... enfim... tô achando que vai dar merda, e que, desta vez, o sorriso amarelo de Bial vai ser a capa de um livro decadente...

Os passos

Airton Ícaro Cantuária Gonzaga

Têm uns lugares que não visito mais. Andar parece, nesses dias, uma ideia ruim. Ou simplesmente, o tipo de coisa que se der para evitar, a gente evita. E têm uns lugares que só fazem sentido quando meus pés os reconhecem.

Tenho que visitar esses lugares. E depois, reescrever esses lugares. Pois para isso é que me serve a memória. Guardar em palavras as coisas que vivi.

Gosto de andar. Ainda que sob o calor, firmar um passo atrás de outro parece representar certas bobagens que aprendi a valorizar. Quer dizer, andar não é fácil. Até dói, com o tempo. Mas sentindo o chão na sola, a poeira se afastando com o vento, correntes de ar passando pelas roupas para o corpo em um dia quente... A pele lhe lembrando das felicidades desatentas de um dia qualquer.

Qualquer passeio é melhor à noite. A despeito do perigo, sempre troco, de pronto, todo o brilho excessivo que o sol dispensa pela escuridão fria dentro dos bolsos, entre os cabelos, sobre as roupas. Olhando janelas brilhando, dentro de veículos e na face dos prédios, imaginando que algumas dessas pessoas, talvez, tenham esquecido como a noite é.

Não me esconderei enquanto puder deixar a noite entrar. Porque ela me lembra de coisas boas. Sob ela, vale a pena caminhar.

Seja por um sanduíche, seja por uma mesa de sinuca. E que seja com alguém. Porque há caminhos e nós sabemos disso. Uma sequencia deles já largamos, mas há caminhos que nos dizem coisas boas. Sobre eles nós seguimos. Sobre as marcas de quem esteve, está, permanecerá conosco. E as marcas que deixamos atrás de nós são as trilhas em que nossos amigos seguirão. Mesmo morrendo um pouco todo dia, já que isso não é bem uma opção, não há por que forçar demais a vista para se encontrar os motivos de vivermos muito todo dia. Eu olho para trás, para aqueles que pude conhecer e guardar.

Andar é importante, física e metaforicamente. O corpo precisa de saúde, andar ajuda, isso não é novo. A metáfora é tão simples quanto: o encontro ocorre nos caminhos que nossos pés seguem. E o encontro é fundamental. O encontro cria a arte, cria a dor, a ausência, amores de todos os tamanhos, alegrias breves e memoráveis. Ele cria as pessoas e estrutura os laços entre elas. Sim, às vezes destrói tudo isso também. Contudo, a destruição tem corpo extenso, o olhar mais atento também precisa se voltar para a esperança. Para a criação. O encontro cria e nos faz confiar em suas criações. Às vezes, um par de mãos apenas não é suficiente. Se você já ouviu falar que tudo começa com um único passo, então podemos conversar por algumas horas.

Passear por aí e encontrar pessoas me relaxa, pois sei que ainda há muita coisa a se criar. Então, eu escrevo. Sobre os encontros, imaginados ou não, sobre os passos que já dei, transfigurados em movimentos recriados. Quem sabe se as letras formarão realidades no futuro? Eu não me arrisco a negar possibilidades. Tudo o que me cabe é duvidar e acreditar, em luta para manter esse equilíbrio estranho.

Por que escrevo sobre o que faço? Será que tenho outra opção? Por que meus passos e pessoas cabem em um texto? Como consigo colocá-los lá, se os deixo espalhados por todos os lugares em que já

passei? Minha vida nem é tão grande, mas os caminhos já foram tantos que esqueci alguns. Bem, não tive deuses bons em minha vida. Nem muitas pessoas boas com seus feitos extraordinários reorganizando todo o caos. Não. Encontrei pessoas e é isso. E elas fazem coisas e tudo o mais, e o que fazem também é o que deixam, e do que nos lembraremos, porque é o que as traduz. E podemos traduzir as marcas que deixamos em palavras. Arrisco dizer que devemos, pois a palavra sincera mostra, ao futuro, quem nós realmente fomos.

Passos sob a chuva. A cidade muda de cor quando a chuva cai. Ela ganha outras passagens e possibilidades. Fazer promessas é uma coisa meio vã, mas talvez eu prometa caminhar sob a chuva com cada um dos meus amigos, pelo menos uma vez. Acho que essa promessa pode funcionar, tenho uma vida para isso.

Sorrisos e lágrimas cabem sob as mesmas gotas de chuva. Observar dói, pois a realidade não tem face, então ela nunca sorrirá para nós. Mesmo essa tristeza, entretanto, pode criar. Tentar criar assim é um trabalho do tamanho de muitos e muitos anos. Escrever sobre o sangue, oculto ou não, produzido na cidade exige que empenhemos nossa calma e nossa tranquilidade, em função de algo que, esperamos, seja melhor: mudanças. Coágulos para o sangue da cidade, cicatrizes para os vasos já rompidos. Duvido que a palavra, solitária, contenha o fluxo vermelho. Mas creio que, sem ela, nosso sangue não deixará de escapar.

O acaso é a coisa mais forte que já conheci. E sequer fomos pessoalmente apresentados. O acaso ignora o que fazemos. Porque não há, necessariamente, coisas boas guardadas para quem faz coisas boas. Às vezes sim. Muitas vezes não. E nesses últimos casos, o que permanece é a possibilidade de, com tudo aquilo que ficou conosco em nossas histórias, possamos ajeitar nossos corpos e pés doloridos e seguir fazendo outras rotas. Do resultado, não há nada que eu possa

dizer. Do caminho, bem, esse poderá ser divertido. E mesmo que machuque, ainda poderei escrevê-lo.

E por poder observar essas coisas que são feitas e todas as pessoas que as fazem, eu tenho o alimento de minha escrita. E o terei enquanto meu olhar se mantiver amplo, nesse espaço entre mim, aqueles que amo e aqueles que conheci. O que fazemos ali dentro são nossas histórias. Que não existirão se nossos passos jamais se cruzarem. Então, eu ando.

As condições alimentam as virtudes

Alex Junior Azevedo Lobo

Vozes e passos apressados causam uma sonoridade confusa, barulhenta, porém, conservam certa ordem, como se alguém as regesse de longe. Os pés de *dona* Josefa arrastam os chinelos desgastados – tão quanto seus pés – com voracidade no asfalto quente; *seu* Finelon levanta seus habituais gritos esperando vender seu peixe; a voz do locutor anuncia nas desgastadas e velhas caixinhas de som penduradas nos portes as melhores promoções da semana, a mãe de santo que traz seu amor em dois dias, a melhor funerária, ou o motel onde o seu amor se torna verdadeiro. Coral tão belo quanto feio, só se apresenta em um lugar da cidade: na feira. Aos domingos essa apresentação encerra mais cedo. Aquele era justamente um dia desses. Caminhava por lá com essa bela ópera, e não coral como dizia antes, pois os elementos citados nos remetem mais a uma ópera wagneriana... como dizia, caminhava com essa ópera singular como trilha sonora desejando comprar sabe lá o que, mas com o intuito de gastar as poucas moedas que se encontrava em minhas mãos que, pelo longo período em que lá estavam, chegavam a me incomodar. Avistei, repentinamente, à beira da rua uma velha carroça, carregada e entulhada daquilo a que nós chamamos de livros, o qual um humilde senhor, de rosto suado e bastante queimado pelo sol, e que demonstrava, além de tudo, o seu cansaço, era responsável – chamo-lhe de responsável, e não

proprietário da carroça e dos livros, apenas para evitar equívocos – não que ele não fosse, deveras, o dono. Mesmo sem me aproximar, percebi que aqueles livros usados estavam à venda e que aquela carroça, humilde, velha e cansada como o seu responsável, tornara-se, não sei quem nomeou assim, um *sebo*. O que é um sebo? No dicionário essa palavra aparece como *secreção semifluida das glândulas sebáceas*, o que podemos entender como banha, gordura. Até hoje essa palavra não consegue dizer o que ela pretende ser, isto é, o local onde se vende livros ou discos usados. Realmente a linguagem é parca, e o português mais ainda. Talvez o tupi-guarani de Policarpo resolvesse o problema do *sebo*. Mas, deixemos as divagações, e voltemos à feira.

O gosto por livros sejam eles novos ou velhos, fez com que me aproximasse para ver se me agradava de algum, e, enfim, gastar a miséria de dinheiro que a tanto já incomodava e fazia suar minhas mãos. Quando vi de perto a condição da carroça, dos livros e do homem que ali estava a me olhar com um cuidado, sem piscar - hábito imposto pelo bairro em que a feira se encontrava – a vontade de gastar o dinheiro, que improvisava minhas mãos de bolso, aumentou, pois, ao ver o rosto daquele senhor cansado, com fome talvez, criou-se em mim um sentimento de pena, que me fez decidir que aqueles dois reais, era exatamente esta a quantia a que eu a pouco chamara de miséria, teriam de serem gastos ali. A partir daquele encontro já era óbvio, não sei pra ti, desatento leitor, que eu tinha que sair daquela feira com um livro na mão, no lugar das moedas.

Tomada a decisão só me restava, a partir daquele momento diante da carroça, encontrar um livro de meu interesse, e, além de tudo, com um preço miserável, tal quais as minhas moedas, com um preço adequado a elas. Mexendo pra lá, pra cá, percebo que a predominância dos livros era daqueles que deveriam ser devolvidos, ao término do ano letivo, à escola, e estes já não me serviam mais.

Contudo, eu ainda não havia perdido a esperança de que poderia encontrar em cima daquela carroça algum de meu interesse e finalmente poder ajudar aquele pobre senhor que sabe lá por quais necessidades estava ele ali a vender os livros que suas crias deveriam devolver a escola. Dando mais uma olhada, avisto, nas entranhas da bagunça, Jorge Amado, quase se afogando em meio ao mar de livros didáticos, e tiro-lhe rapidamente antes que uma onda o atingisse e eu o perdesse de vista. A felicidade de ter encontrado um autor de tamanho porte em meio aquele monturo de livros que, acho eu, já não tinham nenhuma utilidade para mim foi precedida por enorme tristeza quando percebi que se tratava de um livro em ótimas condições de saúde e que, portanto, minhas poucas moedas não se ajustariam ao preço. Hesitei em perguntar ao proprietário – agora tinha certeza que era ele mesmo o dono – o preço do cobiçado livro. E analisando por alguns minutos, tanto o livro como o vendedor, resolvi perguntar:

– Qual o preço do livro, senhor?

E ele me respondeu secamente com sua cara de fome:

– Cinco reais!

E então, finalmente, a felicidade de ter encontrado tal livro foi derrotada pela simples pronúncia seca de duas palavras. Agora era a angústia que tomava conta de mim, por dois motivos: primeiro, eu não iria conseguir mais comprar o único livro que me interessava, pois, ainda me faltavam três reais; e segundo, como é que poderia um livro de um escritor tão bom como o baiano e, ainda mais, em tão perfeito estado como aquele estar à venda pela pequena, e menos que simbólica, quantia, que eu não tinha, de cinco reais? Quem teria abandonado aquele livro tão bom ali? Bom, o que interessava mesmo era pensar em uma solução para resgatá-lo dali e ajudar o

pobre homem. E pensar que minhas moedas não se ajustariam ao preço, mas que o preço poderia muito bem se ajustar a elas foi minha última faísca de esperança, que eu ainda pouco dera como falecida. E novamente analisando, agora mais o livreiro do que o livro, perguntei meio acanhado:

– Qual o preço do livro, senhor?

– Cinco reais, meu jovem! É pra levar!

E logo em seguida, respondo baixinho:

– Só tenho dois!

– Só dois!... É Jorge Amado, meu caro, menos de cinco é sacanagem.

E o senhor, fazendo uma cara de quem não podia recusar os meus dois reais, pois o ponteiro já se aproximava das doze, e quase não havia mais componentes da ópera, isto é, as possibilidades de venda eram quase zero, abriu a mão pra receber as moedas da minha – que agora se sentiam aliviadas – me entregando, em seguida, *Mar Morto*. Com essa entrega, os sentimentos se confundiam dentro de mim. Por um lado, a dor: o que poderia um homem, com sei lá com quantos filhos a sua espera, fazer com dois reais? Por outro, a dor de ter comprado Jorge Amado por dois reais, e a felicidade de ter adquirido-o, isto é, de ter comprado prazer por tão pouco, apesar de ter que contar com a *virtude* e as *condições* que só um americano que mora por essas bandas pode ter conhecimento: *Malandragem* e *Miséria*.

Corações pós-modernos: sonhos embalados em redes

Ana Lúdia da Conceição Ramos Maracahipe

Só amei um homem. Você parece bobo. Sou uma mulher confusa. Quero você! Cuide-se bem. Tenho pretensões futuras que começam hoje. Sou movida a planos milimetricamente desorganizados. Não quero pensar em você a cada milésimo de segundo do meu dia. Tive muitos homens, mas não lembro o nome deles. Você poderia me adicionar pelo menos na sua vida virtual? Gosto dos logotipos que não entendo. Você não é bonito. Vou ao cabeleireiro à tarde e à manicure amanhã. Você parece uma imagem inventada na minha retina. Hoje tenho reunião às 11 horas. Semana que vem tem jogo da seleção argentina na TV a cabo. Detesto não saber o que você fará em 2014. Minhas amigas estão casadas, cansadas e gordas. Suas mãos grandes sempre me assustaram. Preciso comprar um carro popular. Nunca nos beijamos. As pesquisas de tão exatas sempre vêm acompanhadas da palavra: aproximadamente. Não sou romântica. Com você eu aceitaria até o papel de mulherzinha: de dona do lar, de Amélia, de mãe dos seus filhos, de puta. Os indicativos das ações da Ibovespa estão em queda. Sexo é vida, mas às vezes tem indícios de morte prematura. Você foi o primeiro e o único homem a me dispensar. Todas as mulheres mentem. Sou um pouco de tudo que

you always want. In 2012, Brazil will have a financing plan for family agriculture. I don't know how to swim. You just need to follow me on *twitter*. I'm like all the women who never want to copy. I want to read another book by Hegel. One day I will show you the perfect fit of our architectures. Another assault on the Red Line. It's late. I need to lie next to the man who succumbs to my adrenaline.

Dia de seminário

Arthur Coroa Mendes

Belém, tarde, chuva e alguns fatores irrelevantes como uma provável greve de ônibus alimentam o meu dia. Em minhas mãos seguro firmemente o *Manifesto Comunista* olhando para o teto e pensando que talvez eu seja um homem melhor em algum universo paralelo, e que em outro eu não acreditaria em “universos paralelos”.

Sem nenhum sarcasmo e com uma pitada de humor chego à conclusão de que há certos livros que não permitem movimentos, mesmo os leves, ao seu término, livros este que eu cultivo com certa paixão, e alguns outros nem tanto.

Reclino a poltrona e ao me pegar olhando para o teto penso na possibilidade de algo surgir de lá, ao mesmo tempo em que meu pensamento voa, meus olhos permanecem no mesmo lugar e a minha mente não, a minha cabeça me vem a figura de meu professor e sua pose rígida e simples, seu jeito brutal de ser carismático e sua leveza intelectual, não! Não são os seus adjetivos que me prendem, na verdade é a sua inteligência exagerada sobre a minha futura e simples apresentação.

Levanto da cadeira e a chuva engrossa, a preguiça me atrasa e o relógio me apressa, olhando pela janela vejo o céu e seus trovões, e ainda procurando um sinal de que a vida vai melhorar sigo ao meu quarto para poder me arrumar.

A hora passa e o ônibus não se aproxima, e por mais singelo que pareça fico triste pelo modo como a vida passa, eu, parado, na chuva fina, com o sapato sobre o asfalto sujo e nervoso pela demora do ônibus, e mesmo depois de chegar na sala de aula bate o nervosismo, frio na barriga, calafrio e aquelas coisas que têm toda a liberdade de chegar a qualquer hora menos naquele momento.

Proponho, introduzo, argumento e encerro a minha discussão, meus colegas me aplaudem, meu professor me elogia pelo debate, recebo um excelente, sento em minha cadeira e fico feliz e relaxado por ser teimoso e ter lido pela segunda vez a obra do começo desta para tentar arrancar aplausos e elogios, afinal de contas, eles são sempre seguidos por boas notas.

Uma manhã na vida do escritor

Bruno Eleres Soares

Ando calmamente até a parada de ônibus. Sob o sol que apenas começa seu caminho diário, assim como eu o faço, caminho lentamente pela rua apinhada de cachorros sem dono, característica marcante de minha e de várias outras ruas belenenses. Observo com ternura o movimento das sombras, de janelas que começam a se abrir para que o dia entre; assim como escuto, cheio daquela pequena felicidade que nos guia para um dia feliz, o canto de algumas aves que não mais se abatem com o barulho infernal de automóveis ou os latidos contínuos, amigáveis ou não, daqueles cachorros tão maltratados.

Espero pouco tempo na parada e logo o expresso para a faculdade chega. Entro e me posiciono num dos lugares ao fundo, onde pouca gente resolve ficar. Mesmo que o caminho até a universidade seja longo, não pego nenhum livro ou mp3 para passar o tempo. Estou, faz já alguns dias, entretido com os transeuntes e suas pequenas ações e movimentos. A atividade de observar a vida humana ao redor tornou-se um passatempo para mim, e sempre volto com ótimas ideias para “pôr no papel”, que na verdade significa escrever no computador e postar no meu blog (não muito famoso, mas que recebe alguns acessos e comentários).

De súbito, no meio do caminho, sinto vontade de escrever. Como se respirar dependesse da ação, procuro um papel em branco que sirva para isso na minha mochila; mas nada encontro além de gigantescos livros sobre vertebrados e suas vidas. Cada vez mais ansiosa por despejar aquela erupção de palavras, resolvo usar o verso de um trabalho que deveria entregar naquele mesmo dia. E escrevo, escrevo despejando todo o conteúdo que queima por dentro do meu corpo e que luta desesperadamente por liberdade, por oxigênio.

Mas, ao término, quando vejo as palavras que teci desesperadamente naquele frenesi que me tomara por completo alguns minutos antes, a raiva toma conta de mim. Leio e releio as palavras provindas do meu não pensar, do caos que estivera em minha mente por tão pouco tempo. Então me irrita com o que está escrito. Está tudo errado! Tenho vontade de rasgar aquela folha e escondê-la de todos, para que nunca mais a encontrem. Ou ainda a destruir por completo, levando junto essa inaptidão em escrever absurda que me domina a mente e suas sombras impressas no papel.

Decepção. Revolta.

Num turbilhão de pensamentos depreciativos, pergunto-me se já fui escritor algum dia e se já tive alguma habilidade para compreender, criar e recriar mundos, jeitos, pessoas e eventos, fantásticos ou não. Observo, envergonhado, as pessoas passando do lado de fora do grande veículo. A felicidade já não está estampada em minhas feições – sobrando apenas a angústia que escorrera lentamente, de dentro d'alma para fora, absorvendo-me completamente em suas águas frias e escuras.

Volto a encarar com frugalidade as pessoas que andavam por ali, tentando aquietar a alma e os medos. Respiro fundo. De novo e de novo, na tentativa de dominar o espírito autodestrutivo presente, acalmá-lo e lhe transformar em seu avesso. Aguento o sentimento

com calma para não parecer estranho diante de tanta gente, que agora percebo ter lotado o ônibus que estou. Aproxima-se a parada que vou descer. Levanto, com a mochila pendurada num dos ombros e o papel e a caneta ainda seguros firmemente em uma das mãos.

Desço em frente a um dos grandes portões da universidade, já bem ativo essa hora com a entrada dos estudantes de tantos cursos ofertados. Observo atentamente aqueles que andam tão apressados para suas aulas, estágios e outros afazeres dentro daquele mundo de livros, política, amores e amizades. Ao passar pelo portão e dar bom dia ao segurança que está todos os dias ali, começo a imaginar a vida de todos eles. As paixões ardentes que poderiam comover o mundo, ou aqueles estudantes hercúleos que trabalham oito horas por dia e ainda arranjam tempo para estudar, ou ainda um ou outro de aspecto sonhador e introspectivo, que pensa nas diversas maneiras de mudar o mundo ao seu redor com a política ou com a pesquisa.

E o impulso de escrever volta, com todo seu aspecto divino, tal quais as correntes oceânicas de força sobrenatural. Curvo-me, sentado num dos bancos de pedra nua dispostos perto da entrada, como se já não tivesse opções a seguir além dessa. Arrebatado por impulso de outro mundo, escrevo freneticamente até que minhas mãos comecem a doer, preenchendo as folhas brancas com minhas ideias e universos, cheios da fantasia e beleza que preenche o cotidiano de cada um ali – ainda que tão poucos percebam a pureza e naturalidade do que há, do que é.

A dançarina

César Augusto Martins de Souza

Em um daqueles dias em que estamos cansados, não necessariamente do trabalho, porque era um dia de folga, mas do cotidiano sem novidades boas para refletir e sorrir, tendo de conviver com o mau humor alheio e com o nosso mesmo, tive a oportunidade de vê-la pela primeira vez e aprender um pouco que, em dias comuns é que o agradável inusitado pode acontecer.

Estava em um parque público assistindo a apresentação de um boa orquestra que em si mesma trazia uma ar de nostalgia, quase saudosista, de um tempo em que se ia ao parque para brincar, flertar, namorar, passear com o cachorro, tomar sorvetes, sem essas preocupações urbanas, cada vez mais comuns, em um mundo recheado de maldades cada vez mais comuns.

Enquanto assistia à orquestra, e, ao mesmo tempo, os debates sobre futebol entre um vendedor de churros com um cliente, ela surgiu, quase invisível, no meio de uma multidão, parecia estar em outro plano, tanto que ninguém a viu ou não se deu conta dela. Ela se balançava, dançava, com uma cesta cheia de bombons de chocolate pendurada sobre seus ombros, rodeada por algumas flores.

Parecia saída de alguma lenda ou história de literatura, mas era real, bem ali, diante de meus olhos atônitos, dançando para si mesma, sorrindo para dentro, exalando para fora, como se o mundo

fosse, naquele momento, enorme e pequeno ao mesmo tempo, como se o seu balançar trouxesse à baila velhos tempos em que era possível dançar ao som de uma orquestra de músicas eruditas.

Dançava músicas eruditas, como se fossem as mais dançantes do mundo, porque dançava sem dançar, não se balançava visivelmente, era um movimento de si para si, que parava as maldades, devolvia o gosto dos novos velhos amores, reensinava a brincar no parque, a sorrir de problemas, a namorar despreocupadamente em um banco de parque de uma grande cidade.

Enquanto a dança corria o mundo parecia parar, com suas guerras, com suas agressões familiares, com as brigas em torno de um estádio de futebol, com os, cada vez mais frequentes, assaltos e outras formas de violência urbana e o gosto pelo simples e belo ressurgia sem querer, invadia a mente de forma ousada, mesmo contra a nossa vontade.

E ela não dançava, apenas sentia, como se fora uma dança, dança da floresta, dança do universo, com suas múltiplas e incompreensíveis cores e formas, dança natural dos animais, do vento, do mar e de todos outros componentes de nosso belo mundo, cada vez mais tornado feio pela nossa intervenção destruidora e pela nossa presença.

Em outro dia eu caminhava pelo calçadão da praia e ela novamente dançou, dessa vez sem música alguma, ela surgiu do nada, apareceu do nada, para mostrar que o nada pode devolver a cada um de nós a noção dos tudos que realmente importam, que ficaram perdidos ou esquecidos em algum recôndito de nossa memória como se fossem um lenda.

E de repente comecei a sentir saudade do que nunca conheci ou senti, fui transportado a lugares mágicos e ali pude vê-la dançando em meio a floresta, observada por animais, como se fora parte deles. Dançar sem dançar é mágico, sorrir de dentro para fora, transformou

minha caminhada pelo calçadão da praia, me transportou para outro plano do qual eu nunca concretamente imaginei fazer parte e me fez entender que dançar outras danças, mais singelas, sorrir o sorriso interno ainda é possível.

A dançarina me fez lembrar que não precisamos mais dançar os ritmos cruéis e perversos a que nos acostumamos, e que o sorriso não necessita mais ser aquele que forçosamente temos oferecido como forma de conquistar apoios ou acordos, ou para parecermos bons a nossos próprios olhos.

Em cada movimento, na cestinha de bombons dependurada junto ao ombro, no sorriso, ela chama a atenção para a bondade que emana e se espraia aos outros, tornando um dia corriqueiro em um pouco melhor, e que o mundo nosso belo mundo pode ser melhor se compreendermos a dança que devemos dançar e os movimentos que cada um de nossos corpos têm de fazer.

Creio que ela ainda está dançando pelo caminho, quase sem ser percebida, em alguma estrada, praia, calçada ou, quem sabe no meio da rua, para mostrar os ritmos da vida a serem aprendidos, os significados de movimentos esquecidos e nos levar a sentir saudades de tempos nunca antes vividos ou ocorridos em que, era divertido brincar em praças ou, como diziam os poetas, o amor era anotado em bilhetes.

Flanêrie auto[e]motiva

Daniel Prestes da Silva

Voltar à noite pra casa, depois de um dia de aula, sempre foi mais do que apenas “voltar para casa”.

De noite, é quando eu mais gosto da cidade. É quando, iluminada e arejada, ela se abre em imagens, ora apressadas, ora lentas, – cheias de contrastes do belo e feio, do passado e do presente, do luxo e da miséria, pela janela do ônibus, em um trajeto que não deve durar muito mais que vinte minutos.

As primeiras imagens que chamam minha atenção, ao descer toda a José Malcher, são as pessoas, que mais parecem vultos humanizados, nas paradas parcamente iluminadas, pelas quais o ônibus passa ligeiro.

Vultos cansados da longa jornada de trabalho e/ou estudo, casais curtindo os beijos apaixonados (com olhos atentos para não perderem ônibus). São pais, mães, irmãos, maridos, esposas e, mesmo, ninguém.

Num piscar de olhos e no virar de uma curva, adentramos a Assis de Vasconcelos, de onde vemos, fugazmente, o Grande Teatro descansando em paz, envolto de árvores e coretos de luz republicana, como que recém-saído da *Belle Époque*.

Contrastando com esse idílio, surge-me em mais uma curva rápida, no Boulevard Castilhos França, a Estação das Do[ndo]cas, soberbamente iluminada, com suas lojas, restaurantes; uma “pequena cidade de *lux[o]*” de frente para o rio.

Ao lado, o primo Ver-O-Peso, da feira, das ervas e banhos, do peixe com açaí e tanta gente e tanta coisa, de noite, iluminado e quase vazio de gente. É belo. É belo como a cor laranja dos uniformes dos garis que varrem, do laranja das lixeiras que guardam as esperanças e sonhos espalhados no dia. Nem piscamos os olhos, já em frente ao Mercado de Ferro, estamos. Ajeitando-se em papelões, pescadores, caminhoneiros e outros tipos esperam, próximo à Praça do Relógio, o dia que vem, para vender o peixe e ganhar o pão, enquanto espero, junto com o impaciente motorista, o sinal abrir. Mas não se engane, que o tempo deles não é ditado pelo relógio e nem pelo semáforo.

O tempo deles é outro. O tempo que importa é o da maré.

Logo à frente, assistindo a todo esse espetáculo humano, eleva-se o Palácio Azul do Rei. Rei?! Sr. Prefeito Fulano de Tal, que nada vê. Uma floresta encantada o separa do mundo.

Dezesseis de Novembro.

Tamandaré e o seu rio de gente.

Na Gama Abreu, judiciário e religioso face a face. A igreja está iluminada. É dia de missa, Sr.?!

Já na avenida da fé, tão mais antiga que as mangueiras centenárias que a ladeia, sob os olhos amorosos de DEIPARAE VIRGINI A NAZARETH, um mar de gente sobe nos coletivos, em procissão, pagando as promessas nossas de cada dia. E, a cada nova parada, o ônibus que era praticamente só meu, vai enchendo e as imagens vão se acabando em borrões escuros.

E é de frente para o grande Mercado de São Brás, que o meu cansaço pede uma dose de sono e, como em todas as noites, depois dessas e de tantas outras visagens, eu adormeço no assento duro do ônibus lotado e sonho com a grande cobra, que adormecida no subsolo, circunda Belém.

O Curuçambá-UFPA

Dielly de Castro Silva

O Curuçambá-UFPA é uma das linhas de ônibus que realizam embarque e desembarque no terminal rodoviário da Universidade Federal do Pará, é em grande parte utilizado por universitários que residem em Ananindeua, ou em outros municípios da região metropolitana de Belém.

Quem nunca teve oportunidade de assistir a um jogo de futebol americano, pode satisfazer essa vontade assistindo, no terminal, um dos embarques do Curuçambá-UFPA. Qualquer usuário deste ônibus está apto a desenvolver este agressivo esporte, que exige agilidade, alta capacidade tática, bastante força bruta e velocidade para bloquear e perseguir o adversário. Sendo os alunos da noite os que mais se destacariam em sua prática.

É de comum acordo entre os estudantes que pegam ônibus no terminal rodoviário da UFPA, que o Curuçambá-UFPA pode destruir relações sociais, os incrédulos podem confirmar tal afirmação, conhecendo a história de Helena e Vinícius. Os dois se conheceram ainda no cursinho preparatório, enquanto ela se preparava bastante para entrar no curso de administração, ele não se preparava tanto assim para entrar no curso história. O tempo que passavam juntos, alcunhado de grupo de estudo, serviu para uma rápida proximidade, e assim enfrentado a dura jornada de um vestibulando que deseja uma

vaga na UFPA, os dois construíram uma forte amizade. No momento do listão, estavam juntos, e ela só comemorou sua aprovação aliviada depois que os aprovados de licenciatura em história foram anunciados e lá, entre os últimos nomes, estava o de Vinícius.

Os dois foram juntos a todos os eventos iniciais, e entre a semana do calouro e a aula magna, traçavam planos empolgantes de sua longa estadia dentro da universidade, regada de idas ao Vadião, tardes na beira do rio e almoços baratos no Restaurante Universitário, onde, pensavam eles, curariam a gastrite adquirida durante o cursinho. Finalmente as aulas começaram, como Helena e Vinicius estudavam no mesmo horário, nem mesmo a distância entre o profissional e o básico os impedia de voltarem juntos pra casa compartilhando os primeiros dias de aula.

A quinta-feira chegou, trazendo com ela o primeiro forró universitário para dar boas vindas aos calouros, os dois obviamente se fizeram presentes, perto das 10 da noite, minutos mais tarde do que costumavam sair desde o início da semana, direcionaram-se ao terminal rodoviário, que estava tomado de estudantes que aguardavam fervorosamente uma oportunidade de ao menos chegarem à avenida Almirante Barroso, onde teriam maiores possibilidades de chegarem as suas casas.

Dado o avançar da hora, a única opção de acesso à avenida, e também a Ananindeua era o aguardadíssimo Curuçambá-UFPA. Vinícius e Helena em breve conheceriam a dinâmica daquele complexo sistema, mas por enquanto teriam que agir sem essa informação. Após longa espera, eis que surge, atravessando a avenida Perimetral, aquele pelo qual todos lotavam o terminal. Um bom usuário do Curuçambá-UFPA desenvolve em pouco tempo apurada capacidade de percepção, prevendo com exatidão o ponto exato onde o ônibus estacionará, isto é um dos procedimentos fundamentais do pré-embarque.

Vinícius e Helena não haviam tido oportunidade de desenvolver tal capacidade, e as consequências seriam irreparáveis, mal posicionados que estavam Vinícius foi arrastado pela multidão até ser lançado dentro do ônibus, enquanto Helena ficou entre os que, desta vez, não conseguiram embarcar.

Vinícius, enquanto era apertado de todos os jeitos dentro do ônibus, pôde ver Helena da janela, ela fazia uns gestos, que mesmo que ele pudesse compreender não seria capaz de atender. Ela pedia mais que pedia, ela exigia que ele descesse e não a deixasse sozinha, mas Vinícius, naquele momento, era incapaz de entender, incapaz mesmo até de se mover. Para desespero de Helena o Curuçambá-UFPA, que não é chamado de curuçambala à toa, desaparece rapidamente na escuridão da Perimetral. Hoje os dois não se falam mais, nem de longe lembram a amizade construída há tempos. Ela evita circular pelo básico e carrega certo preconceito contra estudantes dos blocos situados perto da beira do rio, diz ela, que eles não possuem o mínimo de cavalheirismo.

Não que Vinícius evite circular pelo profissional, ele tem preguiça mesmo de ir por lá, e ainda sente vergonha de não ter conseguido lutar contra a onda que o afastou de Helena. Os dois nunca mais se cruzaram. Ao passo que ele aprendeu a dinâmica do Curuçambá-UFPA, ela faz questão de sair 15 minutos antes do término da aula, para evitar esta mesma linha, e quando se depara com mais uma partida de futebol americano no terminal rodoviário da universidade, comenta com a amiga a selvageria. Helena tem cada vez mais certeza que o Curuçambá-UFPA destrói as relações sociais mais sólidas.

O livro aberto

Elias Abner Coelho Ferreira

A sala estava silenciosa naquele momento. Entreaberta, a porta permitia que uma réstia de luz empoeirada entrasse iluminando vagamente o gasto azulejo do chão. A luz percorria metade do ambiente, passando por uma cadeira grande e vazia, e indo parar numa enorme mesa de madeira trabalhada em relevo florido nas laterais, próxima a um armário de ferro. A mesa era larga e já bastante gasta pelo tempo. Os pés grossos davam-lhe um aspecto de firmeza e pareciam estar ali para apoiarem o mundo, ou para sustentar o fardo incansável dos homens, qual mitológico Atlas...

Sobre a mesa havia certa quantidade de papéis soltos e algumas pastas coloridas empilhadas de qualquer jeito. No centro, próximo a um vaso com flores artificiais, estava o livro, aberto e marcado com uma régua transparente de pontas estilhaçadas. O livro... Era grande, mas não muito volumoso e a capa preta dava sinais de desgaste nas beiradas, onde já se esbranquiçava devido ao uso frequente.

O fecho de luz fraca vinda de fora iluminava tenuamente o livro aberto, com suas linhas horizontais e seus traçados verticais impostos por mãos humanas, e aqui e acolá palavras entrelaçadas e nomes encadeados, unidos por um propósito: a transmissão do conhecimento. Este livro (quem sabe?) talvez faça as vezes do Titã e mantenha continuamente o mundo dos homens, sustentando-o

sobre os ombros cansados ano seguido de ano – e sempre, enquanto os homens ainda existirem, enquanto a humanidade carecer de conhecimento, de sabedoria... Um fardo eterno, então. Haverá um dia em que os homens já nascerão sábios? Quando este dia chegar o livro será esquecido, e ninguém nem se lembrará de pelo menos colocá-lo em um museu, como um dos contribuintes para a evolução humana...

A luz que se esgueirava para dentro, contornando os objetos confusos da sala, não parecia notar que o livro existia ali. A bem da verdade só umas poucas pessoas sabiam da existência do livro, onde encontrá-lo e o que fazer com ele. Mas por mais incrível que pudesse parecer, nem mesmo estas compreendiam a importância *deste* livro em particular e o que ele significava... Talvez o vissem por outros ângulos, e sem importância alguma até (ou apenas como obrigação diária).

Do lado de fora estava bastante silencioso mesmo àquela hora da manhã, mas vez ou outra o som de risadas e conversas eram ouvidos nas proximidades, seguidos de passos apressados. Em algum lugar longe dali, um carro qualquer acelerou cantando os pneus no asfalto e um apito soou alto. O dia continuava normal.

Enquanto isso, o livro permanecia do outro lado daquelas paredes, quase esquecido de todos. As suas linhas estavam cheias de histórias latentes, algumas recentes e outras de pretéritos muitíssimo perfeitos, porém que se encontravam no presente e que se complementariam rumo ao futuro desconhecido. Histórias contadas de trás pra frente, não obedecendo à linearidade cronológica do tempo fugaz nem ao cubículo restrito do espaço das entrelinhas, e sempre assinaladas com uma marca única, individual. Quantas vidas diferentes contadas naquelas páginas! Quantas lágrimas, sorrisos; sacrifícios! Desejos oprimidos ao longo de anos; vitórias alcançadas

nos finais. Renúncias constantes e necessárias... Apesar disso havia um denominador comum entre todas elas: nunca eram escritas por derrotados! Só os vencedores de grandes batalhas tinham o privilégio de pôr o nome no livro e subentender suas histórias naquelas páginas, deixando que a casualidade do tempo ditasse as regras do inexprimível...

Todos os homens – ou quase todos – tiveram ou ainda terão suas histórias contadas direta ou indiretamente naquele livro especial. Médicos, advogados, arquitetos, professores e todos os demais profissionais, todos de uma forma singular começaram a escrever suas trajetórias por trás das linhas do livro, ou nas dos seus muitos congêneres espalhados por aí desde há muito... Você, caro leitor, não foge à regra.

Alguém deu um grito e saiu correndo pelo corredor que passava ao lado da sala. Uma mulher falou alguma coisa com uma voz alterada que foi sumindo ao longe junto com as batidas do sapato no piso. Silêncio novamente.

O livro está ali sempre. Sua essência nunca chega ao fim, por mais que suas páginas acabem junto com os anos, ela sempre se renova. Sempre! Então nova capa, novas folhas e velhas ou novas histórias para (não) serem contadas, lembradas. E um novo livro surge junto com uma nova era, para o ciclo assim recomeçar... Tudo estava ali, registrado naquelas páginas: o ano, o mês, até o dia e a hora, assinalados individualmente em cada linha. Tudo registrado, dia após dia, ano após ano. Tudo mesmo! Até os erros que não passavam despercebidos (talvez por isso muitos detestassem o livro)...

De súbito, o silêncio da sala é interrompido pelo som agudo de uma sirene que foi crescendo e se prolongando, seguida por uma multidão de vozes em disparada vinda de todos os lados. Instantes depois a porta da sala é aberta, e por ela entra uma pessoa

apressada, arrumando os óculos que escorregavam devido ao suor do rosto. Tossiu e limpou a mão no bolso de trás da calça suja de giz. O professor consultou o relógio no pulso esquerdo e assinou rapidamente o livro de ponto que estava aberto sobre a mesa e saiu, fechando completamente a porta.

Caixote-parafernália-do-tempo

Franciorlis Freitas Viana

Quando criança, construí no quintal uma nave do tempo. É verdade que nem de longe se aproximava do DeLorean spielberguiano, cuja película ainda nem havia sido filmada. Mas a pobreza tecnológica não depreciava o invento, antes ressaltava minha condição de precursor do Michel J. Fox. A tal máquina futurista era um caixote de papelão, forrado com tábuas e suspenso em seis tijolos velhos deitados lado a lado. Suas asas eram as próprias tampas estiradas; o vento as fazia bater sugestivamente igual a um pássaro ou ao tatarlar dos anjos. A cauda era um cabo de vassoura. O volante era um velho aro de bicicleta, cujos botões de controle aéreo eram tampinhas metálicas de garrafas king size; a famosa KS, hoje quase demodê. O piloto era um molecote de dez anos ataviado com um traje astronautambólico composto por um boné com a aba sempre voltada para trás, óculos ray-ban furtados da gaveta do tio Iorles, luvas plásticas de cozinha e um guardanapo verde amarrado no pescoço.

O caixote-parafernália-do-tempo, uma vez puxada à manivela de ignição, transportava-me para o ontem ou pro amanhã; para o deserto do Saara ou para um vale repleto de dinossauros. Inopnadamente eu relampejava entre as estrelas da Via Láctea. Estacionava uns instantes a visitar o E.T. daquele famoso filme,

depois zarpava tencionando, antes do amanhecer, duelar com Darth Vader. Aliás, “que a força esteja com você!” era o incentivo dado por Billy Jhou antes das minhas epopeias fantásticas – nota: Billy Jhou era o meu cãozinho vira-lata. Assim, na minha imaginação pueril, eu era o desbravador das eras, o conquistador de terras inóspitas, o descobridor de novos mundos, o navegador dos sete mares, o bandeirante das galáxias. Tudo isso sem sair do quintal de casa.

Agora tais lembranças me causam estranheza; como se não tivesse sido propriamente eu, mas um heterônimo. Heterônimo semelhante a um cisco incômodo no olho. Um cisco que quando julgamos ter retirado com sopros ou no lavabo, eis que volta a pinicar. A criticidade resmunga: “– tinhas pés e usando-os, como rodas, podias ter ido a qualquer parte – nunca foste. Teus braços, bem poderiam ter sido duas asas abertas em voo – nunca partiste”. A velha covardia em pele de prudência argumenta: “falar é fácil, difícil é fazer!”. Ao contrário do que se deduz, a idade não dá o bônus das possibilidades, mas o ônus das limitações. Crianças são felizes porque são borboletas azuis, adultos são ressabiados porque voltaram para o casulo.

Não sei o que aconteceu com minha invenção, nem com minha invencionice. A ampulheta da vida, irrefreável, escorreu suas areias duma âmbula a outra e sob tantos grãos me enterrei. Tapei os ouvidos para todas as filosofias epicuristas e tornei-me estóico, diminuí as ocorrências dos risos, passei a me preocupar com assuntos sérios, escassez de palavras, poucos amigos, angústia, estresse, sonhos aposentados, pés sempre correndo e nunca chegando, corpo acompanhando uma sombra, um Baudelaire versando sobres moscas e larvas, tudo o que é normal no cotidiano de um homem moderno. Rechacei as airoas divagações de menino, as viagens interplanetárias e as odisséias homéricas. Cheguei a recusar convites do meu filho, quando pequeno, para encenar batalhas de trincheiras. O caso é que

de repente vi diante de mim um pequeno exército de soldadinhos plásticos esverdeados, perfilados e aguardando uma imaginação fértil capaz de fazer-lhes ganhar história e do outro lado um garoto com os olhos brilhantes a ver como o pai iniciaria a aventura. Mas o pai, travado, não soube o que fazer com tantos bonecos. Na hora a televisão começou a passar algum programa de adulto que deslembro e ganhou minha atenção, pedi licença ao meu filho e saí, quando voltei décadas depois ele havia crescido...

Dizem que existem três coisas que jamais voltam: a palavra dita, a lança arremessada e a oportunidade perdida. Quem o declarou olvidou apenas do patriarca deste tripé: o Tempo. A palavra não retrocede porque o Tempo não retrocede. A lança não retorna à mão que a atirou porque o Tempo não retorna. A oportunidade não reprisa porque o Tempo é desprovido de marcha à ré. Elejo-o vilão universal. Lex Luthor, Coringa, Dr. Octopus, todos são suas muitas facetas. Quando miro o espelho e me dou conta destas tēmporas enevoadas, deste rosto estriado, destes olhos constantemente semicerrados, deste aspecto nostálgico, percebo que fora represália do Tempo por causa do meu caixote infantil que ousava desafiar suas normas estruturalistas. Tempo! Além de devorador dos próprios filhos tem outro grande defeito: é vingativo. Costuma dizer-me, sibilante, nos tímpanos, neste ato esvoaçam os pelos protuberantes da minha orelha, que nem um urso no encalço do caçador que matara seu filhote é tão terrível quanto ele, e que no meu caso os papéis dum e doutro estão bem definidos.

O que mais detesto no Tempo? Resposta: toda vez que o vejo, ele está mais jovem. Eu mais degradado, mas curvado, mais puto, mais rugoso, mais cegueta, mais mouco, mais próximo do fim de tudo! A morte com sua gadanha me avizinha, cumprimentando-me manhã, tarde e noite. É assombroso. Quiçá, ocasião de se ombrear

a Florbela Espanca nos versos “Deixai entrar a morte, a iluminada/
A quem vem para mim, pra me levar/ Abri todas as portas par em
par/ Como asas a bater em revoada”. Sinceramente, a quem pretendo
enganar? Autoajuda tem caráter paliativo. Morro de pavor da morte!
E não há receio mais universal. Criamos deuses e paraísos por sermos,
essencialmente, medrosos ante o desconhecido. Quando adultos
não podemos correr pra debaixo da cama, então, corremos para a
marquise de alguma teologia salvatória – ah, seu eu fosse um devoto!
Assim, definho neste quarto de hospital, ébrio de reflexões, sem
poder fazer uso da oralidade devido este aparelho respirador ligado
24 horas ao lado do meu leito. Minha comunicação se restringe a
olhares marejados, respiração estertorosa e gemidos dilacerantes.
Não ouço mais a cantoria do meu curió, o som do meu bichinho foi
substituído por um gotejar irritante de soro líquido.

Dormindo numa poltrona, desajeitado devido à pequenez
do móvel, está meu filho – aquele dos soldadinhos – tem me feito
companhia todas as noites. Olhando-o assim reconheço que inexistem
frase tão exata como a que sentencia serem os filhos eternas crianças
para os pais. Até para aqueles que sucumbiram ante a truculência
do tempo e hoje exclamam pelas brincadeiras que poderiam ter
sido brincadas, os entardeceres que deveriam ter sido mais bem
apreciados e os sorrisos espontâneos que escaparam pelas frestas.
Uma rabiola faz falta! Ninguém desmereça o poder que uma rabiola
tem de intersectar a geração do walkman e a geração do smartphone!
Intersectá-los na euforia de um mesmo “ou vai-te!”, intersectá-los
numa mesma correria atrás da pipa fujona; que baila no céu como se
fosse o palco do Bolshoi, e vai se acabar enrolada na fiação elétrica,
mais até aí é uma interseção, a intersecção entre pai e filho que vão
ao boteco do seu Manoel comprar uma nova rabiola.

Estou saudosista do meu caixote-parafernália-do-tempo.

Gostaria ardentemente de nele entrar uma última vez, puxar aquele manche uma única vez, romper os limites do Tempo uma derradeira oportunidade e voltar para encontrar um Eu que certamente me receberia com um abraço amigável, tendo nos olhos esperança e um sério questionamento “*Então, o que me tornei no futuro?*”. Ao que responderia, sem pestanejar, na bucha “*Tu, meu caro, te tornaste um idiota! Mas vim para te ensinar tudo corretamente...*”.

Falida infância

João Marcelino Pantonja Rodrigues

Embora os mururés passassem no mesmo vagar de sempre – ao gosto da maré – as chaminés dos galpões, agora abandonados na outra margem do rio, não ostentavam o mesmo orgulho de outrora, da áurea época (?) em que as caldeiras das serrarias davam o ritmo à atividade madeireira, fazendo as chaminés vomitarem a fumaça do progresso aos quatro ventos.

Agora só o silêncio, volta e meia interrompido pela leve espuma da maresia acariciando o cais; e pelo ruído, menos sutil, que minha garganta fazia a cada gole do suco de graviola, trazido de um quiosque ali próximo.

Sentado num banquinho do terminal hidrovitário eu era a multidão ali presente.

Mas eis que a inconstância, essa mola invisível que move o mundo, trata de mudar bruscamente o cenário, como se sacudisse ao repente o copo de dados do acaso, antes que o líquido de meu copo se esvaísse por completo.

Como num passe de mágica o espaço é rapidamente tomado por crianças, que pareciam sair de todas as partes, como o fazem as formigas ao terem seu ninho atacado; ou como reagem, instintivamente, os trabalhadores das serrarias, em obediência aos apitos das caldeiras; ou, ainda, os alunos em resposta à campanha do recreio.

Enquanto tentava compreender a razão daquilo, a imagem me trouxe à mente os gurus de um modesto projeto educacional que, como tantos outros, buscava alargar os horizontes de espremidos sonhos infantis.

Não obstante as ações terem se encerrado há mais de um ano, as lembranças das atividades por mim conduzidas como educador voluntário na turma ainda permaneciam vivas em meu imaginário: a gritaria dos gurus, a sala de aula improvisada etc.

Das treze crianças que haviam começado a frequentar as atividades, uma figura bem simbolizava o submundo periférico do qual todos fazíamos parte, mesmo sem compreender: Pedro.

Introspectivo em alguns momentos, o menino de 10 anos fugia das aulas de reforço em matemática e português, dizendo que não sabia ler... – Ele sabe sim, professor! Ele está enrolando! – exclamava uma colega que costumava sentar-se ao seu lado. Mas ele insistia em dizer que não sabia, rindo disfarçadamente, evitando me encarar nos olhos. Aliás, era tão introspectivo quanto arisco. Sempre saía pela tangente com qualquer pessoa que quisesse saber por que razões não fazia as atividades de classe.

Não cheguei a descobrir, afinal, se ele sabia ou não ler. Havia recorrido aos autores a cuja leitura tive de me habituar na universidade, mas eles não pareciam minimamente interessados em me fornecer resposta alguma.

A disposição do pequeno nas atividades lúdicas, especialmente o futebol, jogado num campinho de terra batida, contrastava com sua introspecção e seu olhar perdido na sala de aula. No campo ele falava, gritava, escalava o time, dizia em que posição o fulano devia ficar, xingava o juiz da partida (que era eu), chutava a bola para fora, fazia gol, comemorava. E tinha o hábito de colocar nas mãos as sandálias havaianas surradas pelo tempo e pelo uso. E saía correndo, rindo, levantando poeira, com as sandálias embutidas nas mãos, feito

pequenas asas. E assim o jogo prosseguia, por vezes, até o sol das quentes tardes de verão se debruçar por detrás da floresta tropical que se prolongava para muito além de nosso imaginário.

Após as primeiras semanas do projeto, Pedro sumiu. Comecei a fazer visitas ao bairro, para saber onde as crianças moravam. Em uma das incursões, descobri onde a família dele se abrigava, mas a rústica construção estava abandonada. Haviam se mudado para outro bairro, disseram uns vizinhos. Mas não souberam informar seu exato paradeiro. Em todas as direções, naqueles arremedos de ruas, se estendia uma infinidade de cartazes de políticos sorridentes, quase enfileirados, enfeitando as paredes das casas, olhando por sobre o mato que crescia por toda parte. Era ano eleitoral...

Meu devaneio foi interrompido por uma minúscula mão puxando a manga de minha camisa: uma criança com um carrinho de picolé. – Açai, leite condensado, bacuri e graviola! – disse o menino entusiasticamente, tirando a tampa do carrinho e apontando para dentro. – Graviola – disse a ele, enquanto descobria a razão de todo o tumulto: um navio, de porte médio, desses que fazem linha Belém–Manaus, despontava ao longe, na curva do rio.

À medida que se aproximava do porto, as crianças que já haviam tomado conta do espaço pareciam ficar mais extasiadas.

A embarcação vai encostando no terminal, abarrotada de turistas: alguns às portas dos camarotes; outros sentados em redes coloridas que enfeitavam o espaço como bandeirolas em arraial junino ou na copa do mundo; outros, ainda, no toldo do navio. Com suas máquinas fotográficas em punho, registravam tudo.

Acenavam para as crianças, que pulavam umas por cima das outras no porto, em meio aos *flashes*. Os pequenos acenam de volta. Os *clicks* se multiplicam. Meninos pulam na água: *click*. Crianças conduzindo carrinhos de picolé: *click*. Mais outro e mais outro aparecem em canoas: *click, click, click...* Afinal, quem são os passageiros?

Nós em relação a eles ou eles em relação a nós? Indiferente à minha suposta indagação filosófica e ao meu picolé de graviola, a sessão de risos e *flashes* continua: *click*...

A cena, apesar de muito comum por aqui, não deixava de me causar certo espanto.

A profusão de pernas e rostos vai se condensando até que, em meio aos relâmpagos dos *flashes*, avisto a alguns metros de mim uma expressão familiar: pele morena, olhos redondos e atentos. Não parecia ter crescido desde a última vez em que o vi. Estava descalço, mas não que suas sandálias estivessem acopladas às suas mãos, feito asas. Não dessa vez. Era porque talvez não as tivesse mais. Asas cortadas...

Mas era ele, sim. Era Pedro. Carregava no pescoço um cordão de algodão-doce, como se fosse um colar. Quem sabe um dos últimos vestígios doces daquela amarga infância. E do qual ele logo teria de se desfazer, em troca de sua sobrevivência (ou “subvivência”?).

Ele mirava o navio, como um predador que armasse o bote, mas logo foi ofuscado por um *click*, vindo do toldo. Acenou de volta para uma senhora que havia disparado o *flash*.

Olhou ao redor e me viu. Esboçou um sorriso contido no canto da boca. Mas antes que eu tivesse tempo de me aproximar e dizer qualquer coisa, deu um ligeiríssimo pique de uns quatro metros pelo meio do povo, como fazia no campinho, e atirou-se na parede da embarcação, agarrando-se a um enorme pneu: *click*. Ao que outros meninos, com suas sacolas de tapioquinhas e pupunhas amarradas às cinturas, começaram a saltar em direção aos outros pneus, que agora além de servir à sua função original – proteger a pintura das laterais – também funcionavam como apoio àqueles minúsculos homens-aranhas.

Pedro entrou com um movimento que deixaria Peter Parker admirado. Tirou um algodão-doce do colar, virou o rosto para um lado e outro, e sumiu no emaranhado de gringas redes, como se por elas houvesse sido engolido. E foi...

Mais um dia

Jorge Wesley de Souza Bezerra

7h! Acusa freneticamente o despertador! Embromo um levantar meio grogue, meio João bobo, mas me pesam as pálpebras e logo impelido pela preguiça desabo encaçapado no espaço entre a parede, a cama e o criado-mudo. – Trimmm! – Persevera o impertinente galo mecânico. Arremesso meu braço tão estabanado e impreciso quanto uma boneca contorcionista em direção ao delator das horas e em nocaute lanço-o ao chão; balbucio algumas palavras, viro-me para o outro lado afogando minha cabeça embaixo do travesseiro.

– Trimmm! – 7h30! Protesta o teimoso auxiliar forçando sua antiquada engrenagem! Vencido, levanto-me.

Banho frio, sem aquecedor nem ducha elétrica. Rapidamente molho os cabelos e sigo desajeitado para a pia da cozinha na intenção de escovar os dentes. Há muito tempo deveria ter consertado a do banheiro.

Chão molhado, toalha suja e úmida. Havia apenas uma camiseta vermelha limpa na gaveta de roupas. O dia nublado exigia uma peça cinza, talvez uma branca até melhorasse meu humor, protestei contra mim mesmo!

A cafeteira quebrada e a pilha de louças sujas. Senti vontade de voltar para a cama mas a toalha molhada já ocupou meu lugar. Olhei-me no espelho e senti desgosto, a remanescente camiseta

cor de sangue definitivamente vem me afrontar, – hunft –. Meias sujas, tênis velho. Olho para o relógio na parede e lembro-me de que estou atrasado. Engulo algo que havia na geladeira. Pego a mochila e paro pensativo. Alguns segundos para ter certeza de que não esqueci alguma coisa. Abro a porta, fecho a porta.

No elevador, lembro-me da pia imunda, amanhã será igual! Melhor seria não tivesse tomado banho e, por sua vez, lavado a louça? Como faria para levantar mais cedo? Dormir cedo é impraticável, maior que a dificuldade de desapegar-se da cama é a relutância para render-se a ela. Durmo muito pouco, por conta dos dois empregos quase não paro em casa. Os números em contagem regressiva no painel do elevador anunciam mais um dia. Lembro-me dos óculos escuros, procuro-os na mochila para maquiagem meu despreparo diante da rotina e da chuva que acaba de cair como uma enxurrada de ironias, exclamando: “ele não tem um guarda-chuva!”.

Crônicas do cotidiano

Kleiton Luiz Nascimento Reis

“Licença, por favor!”, disse Lisa ao rapaz que estava sentado ao seu lado. Lisa estava em um assento na terceira fileira do ônibus, ao lado da janela. O ônibus estava lotado. Era assim todos os dias quando ia para o trabalho. O homem que estava ao seu lado, na cadeira ao lado do corredor, não pôde se movimentar. Além de não poder virar para o lado para que Lisa passasse, era complicado encolher suas longas pernas para dar passagem suficiente a ela.

A moça levantou-se e ficou olhando para o fundo do ônibus, já imaginando a dificuldade que seria para chegar até a porta de saída. Mas tinha de tentar, afinal, faltavam apenas duas paradas para o ponto onde ela desceria.

De algum jeito Lisa conseguiu passar pelo rapaz ao seu lado. Agora, faltavam apenas mais sete fileiras e pelo menos 30 pessoas a sua frente, se apertando dentro do ônibus. Naquelas condições, o número parecia na verdade de 1000 pessoas.

“Ai, meu pé!”, gritou uma moça quando Lisa tentou passar por ela.

“Desculpa!”, disse Lisa, já preocupada com sua parada.

“Licença, por favor! Eu preciso descer”, disse Lisa a duas senhoras a sua frente.

“Olha, minha filha, não dá pra passar, não”.

“Mas eu vou passar, que a próxima parada é a minha”. Lisa

disse isso quase sem fôlego, pois precisava passar logo ou perderia sua parada. Lisa se “espremeu” e passou.

Olhou para fora do ônibus e viu que sua parada estava chegando e ainda não havia conseguido chegar até a porta. Respirou fundo e recomeçou sua tentativa, agora tentando de toda maneira passar pelas pessoas que estavam a sua frente.

“Moça, se você sabe que tem que descer, por que não passou antes?”

Lisa não respondeu. Estava mais preocupada com sua parada.

“Licença!”

“Quer comodidade, pega um táxi!”, gritou alguém lá do fundo, rindo da situação.

Lisa estava vermelha de raiva, mas não conseguiu responder. O ônibus tinha acabado de parar no ponto em que deveria descer e ela não estava nem perto da porta.

O ônibus não a esperou.

“Ei, motorista, espera que eu tenho que descer.”

Lisa deu sinal novamente. O motorista parou, mas Lisa não conseguiu chegar à porta. O ônibus saiu outra vez. Nessa hora Lisa chegou à porta. Deu sinal de novo. Bateu na porta. Gritou. Mas dessa vez não teve jeito, o motorista não parou.

Dois quarteirões depois Lisa conseguiu descer, aliviada. Olhou para o céu e seu alívio passou imediatamente. Uma gota havia acabado de cair em seu braço. Era a chuva. Lisa correu, mas depois de um quarteirão a chuva a alcançou.

A moça já estava atrasada quase uma hora. A chuva não passava. Lisa então resolveu enfrentar a chuva e correu até o escritório em que trabalhava. Chegou, abriu a porta da frente, olhou sua mesa. Havia um recado. Era do seu chefe: “Lisa, precisei fazer uma viagem urgente e não vou poder vir hoje. Desculpa não ter avisado antes, é que foi de última hora. Então, você não precisa trabalhar hoje. Tire o dia de folga. Atenciosamente, Roberto Souza”.

Lembranças de um moleque do bairro do Guamá

Lindemberg Monteiro dos Santos

Ainda hoje, recordo os dias de minha infância, nos anos de 1970, no bairro do Guamá, período de minha vida marcado pelas aventuras de meninice. A minha casa ficava perto de um enorme sítio, pleno de grandes árvores que davam frutos saborosos, entre os quais estavam aqueles de que ainda me lembro: manga, ingá, taperebá, cutite, ameixa, cupuaçu, jaca, cacau, açai, jenipapo e fruta-pão. Dona Raimunda, “feia de cara e bo[nit]a de bunda”, era a dona daquela área. Muitos apelidos e frases feitas surgiam no meio daquela molecada, tais como o “Sobe e desce”, apelido dado ao seu Raimundo, figura famosa por ter um problema de nascença em uma das pernas. Dona Odília era outra moradora a qual o povo chamava de “Leão”, por ser fanática torcedora do Paysandu Sport Clube. Dona Leão era a minha avó.

O sítio da dona Raimunda era o refúgio dos moleques, espaço onde as brincadeiras aconteciam. Entre elas, destacava-se o jogo de “pira se esconde”, brincadeira que aproveitava o fato de o terreno ter, além das árvores frutíferas, uma densa mata virgem e alguns igapós. Para se ter uma ideia, naquela época, quando um preso da Delegacia do Guamá (que hoje é o Batalhão da Polícia Militar, localizado na Barão de Igarapé Miri, esquina com a Barão de Mamorê), conseguia escapar, a primeira rota de fuga escolhida era o sítio da dona Raimunda, uma vez que dificilmente a polícia conseguia localizar o

meliante naquele matagal todo. O sítio era de tão grandes proporções, que fazia conexão com outra rua na confluência da vila Santo Amaro, área em que habitava a comunidade concorrente à nossa; as duas comunidades eram como se fossem inimigas, pois os moleques da Barão e os moleques da Santo Amaro vivam em constantes rixas.

Outra brincadeira que se destacava era a construção de cabanas com galhos de árvores e papelões, numa atividade que durava o dia inteiro. De noite, levávamos velas para iluminar as assustadoras histórias que contávamos. Naquelas noites, às vezes, ficávamos em silêncio para ouvir o som dos animais (os ruídos eram constantes e, de vez em quando, avistávamos animais peçonhentos). Porém, as brincadeiras nas cabanas acabaram desde o momento em que surgiu um jacaré nas proximidades. A visão daquele enorme réptil foi assustadora, indesejado animal que, mesmo assim, não nos fez abandonar nossas atividades lúdicas no sítio; apenas evitávamos dali para frente, brincar de cabana à noite.

No caminho para a escola passávamos pelo sítio e aproveitávamos para pegar algumas frutas que serviam à degustação imediata; outras guardávamos para comer mais tarde, na hora do recreio. A minha fruta predileta era o cutite que dava numa árvore muito alta. Os cutites não precisavam ser tirados da árvore uma vez que quando estavam maduros caíam por si só. Fruto massudo e amarelo, pequeno, um pouco menor do que um tomate, o cutite era muito doce, super doce, eu diria. Quando despencava da árvore, bastava passar a mão, para limpá-lo e logo em seguida devorá-lo... Era uma delícia! Quanto aos outros frutos, tínhamos que, para alcançá-los, subir nas árvores. Eu era um dos poucos moleques que subia nas árvores para pegar os desejados frutos; os demais moleques ficavam embaixo, esperando que alguns caíssem de minhas mãos ou que eu os arremessasse para baixo.

Certo dia, eu e o meu amigo Moisa protagonizamos uma

aventura de infância do alto dos galhos daquelas árvores. Essas árvores possuíam copas generosas, densa folhagem, e quem ficava embaixo não conseguia ver quem estava em cima. Nós estávamos colhendo manga e dávamos o sinal para que os outros moleques aparassem o fruto. Aconteceu que, naquelas alturas, o intestino do Moisa deu sinal de evacuar, cheio que estava de frutos, e ele resolveu fazer ali, ao mesmo tempo em que gritava para os moleques debaixo: “– Lá vai!!!”. Esse grito foi o suficiente para os moleques se colocarem na posição de aparar o fruto, que àquela altura era, na verdade, o “resto” dos frutos que o Moisa havia comido antes. Divertimo-nos à beça com a desgraça dos companheiros “aparadores”, as gargalhadas na copa da árvore ecoavam, até nos fazer chorar de tanto rir. Essas aventuras marcaram a minha infância naquele sítio...

Com o passar do tempo, cabanas que não eram para brincar surgiram na área, foram se espalhando no sítio, a densa mata derrubada e, aos poucos, substituída pelas “construções”. Dona Raimunda foi mandada embora daquele lugar; o motivo não soubemos.... Hoje, no lugar do sítio, está a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Zacharias de Assunção e a Escola Barão de Igarapé Miri.

Naquele tempo, além das brincadeiras de construção de cabanas, existiam as famosas “cantigas de roda”, “bandeirinha”, “anelzinho”, “declaro guerra”, “baladeira”, “peçonha”, “canas de braço”, “bate figurinha” e, é claro, o futebol que era a minha diversão favorita, assim como a de meus amigos. Brincávamos quase todas as manhãs e noites sem nos preocuparmos com a hora de voltar para casa, mas eu sabia que um castigo imposto pelos meus pais me aguardava.

Acontecia que pela manhã, no momento do futebol, surgia sempre uma pessoa que me chamava, em especial, a atenção: era um vendedor que vinha todos os dias à rua de minha escola, a Barão de Mamoré; ele vendia polpa e suco de açaí e, passava pontualmente às dez horas. Naquela hora, parávamos de jogar futebol, pois era

o fim do recreio na escola, a molecada silenciava para observar e escutar a imensidão da voz daquele homem que, ao mesmo tempo em que caminhava, sacudia um sino em suas mãos e, empurrando um pequeno carro de mão, assim anunciava: “– Olha o açaí, açaí!!! Quem quer sair pra comprar suco e polpa do açaí?!?!”. A sua voz intermitente tinha uma forte projeção e firmeza como se um cantor de ópera fosse. Enquanto isso, a freguesia surgia das humildes casas para comprar o delicioso produto. Assim, o vendedor repetia as frases de efeito cantarolando. Ao término de sua cotidiana ladainha, executava pequenos passos de dança. Aquela cena de movimentos corporais, eu a observava todos os dias, e passei a admirá-lo pela sua performance. O seu Milton, assim era conhecido aquele negro alto e forte, que mais parecia um guarda-roupa de ébano, brindava-nos com um sorriso cativante e branco. Um dia, ele desapareceu de nossas vidas, e nós do Guamá ficamos a sentir a falta de sua voz, de sua dança, de sua presença...

Com o passar do tempo, já na adolescência, vivida nos anos de 1980, eu acompanhava sempre a minha pequena e querida irmã Rose às aulas de balé. Nós caminhávamos duas vezes na semana, desde a Barão de Mamoré até a rua Conselheiro Furtado, esquina com a Castelo Branco, onde ficava a Escola de Ballet Wânia Castro. Eu era o “responsável” pela pequena aprendiz, mas lembro que, no caminho da escola, nossas travessuras eram constantes. Em uma de nossas caminhadas, em frente ao Cemitério Santa Isabel, Rose e eu resolvemos pular o muro do campo santo, para pegar algumas mangas caídas sobre as sepulturas para logo saboreá-las.

Um dia, deixando e buscando Rose na escola de balé, a minha presença foi observada pela dona da escola, que me convidou para ali ingressar. A partir de então, não parei mais de dançar, tendo a mente sempre embalada pelas lembranças do canto e do sino do negro Milton e encharcada com o doce sabor dos cutites...

Efeito detergente

Luis Junior Costa Saraiva

Um supermercado é um grande labirinto no qual as pessoas aos poucos vão encontrando suas entradas e saídas, mas é também um lugar de lazer no qual olhar produtos pode ser um grande divertimento. Tenho um amigo, por exemplo, que gosta de passar horas no supermercado, lendo os rótulos dos produtos, sua composição e o lugar no qual foi fabricado.

Esse mesmo amigo, que aqui chamarei de leitor de rótulos, foi quem um dia me chamou atenção para minha forma sempre repetitiva de viver, e desenhou em uma folha de papel os meus percursos semanais, mostrando que eu sempre frequentava o mesmo supermercado e até mesmo no supermercado; traçava a mesma rota demarcada, o que me rendeu o apelido de homem circunscrito.

De todo modo, não é sobre o meu amigo leitor de rótulos, e nem sobre o homem circunscrito que quero falar, mas sobre um dia comum, um sábado no qual fazia compras em um supermercado na cidade de Marabá. Fiz o velho traçado já descrito por meu amigo e logo me preparava para encerrar minhas compras, quando percebi que um grupo de “índios”. Bem, na verdade, apesar de chamar o meu amigo de “leitor de rótulos” e deste me chamar de “homem circunscrito”, vou deixar claro que os “índios” eram Xikrín, dois

homens por volta dos trinta anos, uma mulher com seu filho de alguns meses e dois adolescentes.

A cena que foi se configurando, bem na minha frente, depois do grupo Xikrín entrar no supermercado, me transportou de volta a minha infância, quase de imediato. Lembro que devia ter seis anos de idade e passava minhas férias com meus avós e meus tios num interior chamado Rio Vermelho. Um dia minha avó lavava louça em um jirau feito de varas. No chão, uma bacia suja de gordura de um porco que foi abatido naquela manhã. A bacia aguardava para ser lavada, e a superfície da água estava totalmente coberta por gordura de porco e foi então que diante dos meus olhos se descortinou um fenômeno incrível para mim naquele momento, e que me fez passar alguns minutos repetindo a mesma experiência, que inocentemente julgava ter sido a primeira pessoa a descobrir. Ao fazer espuma com o sabão grosso, os pingos que caíam na água, cheia de gordura, abriam espaços de forma imediata em meio a água gordurosa, enquanto a gordura se espremia formando pequenas ilhas. Fiquei maravilhado com a velocidade com que a gordura se afastava da gota de sabão e repeti várias vezes o mesmo processo, até que minha avó, sem perceber a minha experiência, apenas pegou na bacia e terminou sua primeira tarefa do dia.

Mas agora estou novamente surpreso, pois no momento em que os Xikrín entram no supermercado, as pessoas se afastam, algumas disfarçam, outras simplesmente nem mesmo percebem que estão se afastando. Bem à minha frente vejo acontecer magicamente o efeito detergente. As ilhas humanas se formam e o fenômeno só não se repetia quando estes estavam no balcão de pagamento, pois os vendedores não podiam deixar de atendê-los, mas nos outros espaços do supermercado o efeito detergente era visível. O que os Xikrín possuíam que possibilitava esse efeito? Tentei lembrar da minha infância e pensar ingenuamente, mas hoje isso não é mais possível.

Voltei para casa e fiquei lembrando das figuras que se formavam quando os pingos de sabão caíam na bacia com água engordurada. Senti saudades dos meus avós e das minhas primeiras descobertas infantis.

Em que mundo eu vivo?

Luiz Gustavo Dias Ferreira

Hoje, durante o café da manhã, eu escutava um programa de rádio, daqueles voltados à dona-de-casa que acorda cedo e já adianta o almoço. Nele, o narrador, sempre com uma voz marcante e sedutoramente animada, leu uma mensagem de uma ouvinte. Não lembro quem, nem do que se tratava. Só guardei uma frase, uma pergunta, tão simples e, ao mesmo tempo, tão perturbadora, quando achamos a resposta: “em que mundo você vive?”.

Eu nunca tinha guardado minutos da minha vida tão frenética para refletir sobre isso, tentando achar a solução desta problemática. Eu vivo em um mundo problemático. Uma grande confusão organizada, onde todos se falam, mas ninguém se encontra. Onde o valor de uma palavra não está em sua verdade, e sim no seu contexto. Nem sempre o contexto é tão importante assim. Hoje as pessoas falam por falar, falam sem dizer, gritam em silêncio. Opressão. Depressão.

Eu vivo em um mundo em que nossos heróis vão morrendo, e o passado vai se perdendo. O tempo pesa, e chega como um presente, às vezes, de grego, traíndo qualquer protecionismo que possamos nutrir por figuras. Chico, Steve, minha mãe... Quem são nossos verdadeiros heróis? Efemeridade. Nós somos a humanidade do “qualquer um”, do “pseudo-alguém”.

Irônico é pensar e ver que, quanto mais próximas as pessoas são, mais distantes elas se tornam. O quanto você conhece o seu melhor amigo? Quantas vezes você o abraçou hoje? Agora, quantos RT's vocês trocaram? Que amizade é essa? Que mundo é esse, onde as fronteiras, ao invés de serem derrubadas, só aumentam? Não sentimos mais carência de nada, pois algo, geralmente inferior, está ali, pronto para suprir a falta.

Sentimos falta de um abraço? Mencionamos. Sentimos falta de um beijo? Mudamos o relacionamento no Facebook. Perdemos alguém? Ganhamos mais um seguidor. O dinheiro nunca comprou tanta felicidade quanto nesses dias de calor gélido e naturezas mortas. Literalmente. Somos a geração do cinismo, do “juro que não ouvi direito”, do “desculpa”, do “da próxima vez eu tento melhorar”. O ser humano nunca acreditou tanto que havia tempo para tudo. Nunca houve, nunca haverá.

Revoluções por minuto. Nunca antes na história deste planeta as coisas mudaram tão rápido. Paradigmas se quebram em segundos, verdades se desmistificam, o falso se torna real, e nós no meio dessa grande máquina de lavar roupas. Mas será que mudamos tanto? Penso, às vezes, que tudo não passa de uma simples repetição. Ciclos se fecham mais depressa, o ontem volta logo mais, apenas as roupas e os tons mudam. Diferenças? Muitas. Quais?

Até mesmo essas palavras. Crônica sobre a contemporaneidade, quem nunca fez? Apenas imito quem também sofre do mal dos tempos modernos: a confusão. Esclarecimentos não ganham vez neste verdadeiro caldeirão de histórias, versos e sons. Esse é o mundo em que vivo. Qual é o seu?

Madeiras e mãos: mundos miritizados da criação

Raphael Carmesin Gomes

Os que pensaram no heroísmo das mãos...

A construção procriadora que estremece: o edenismo em agonia. A fertilidade súbita dos dedos – rostos calejados – que, inobstante mortos, tremem de punhos em riste, levantando a marca genésica do *deus ex machina*.

Isso em linhas tão comuns desenhadas na palma da mão...

Sentir a raiz profunda, invadida de suor e sangue, das estirpes talhadas nas grandes copas, tecidas por séculos nas palmas do miriti: fibra boa e arteira, nem folha nem madeira, mas escultura oculta.

O gênese de todos os dias, escrito pelas linhas rotas de dedos cor de âmbar, cheirando a resina, a humo, à mecânica florestal...

Um desfile de autômatos assoma a floresta do mundo...

Pinocchio: o que é senão a mentira da criação, a dizer-nos, buscando a humanidade, que somos a mentira de Deus buscando a divindade?

Copélia: bailarina diabólica, boneca dançarina, travestida de vida, em Cracóvia, o que é senão a criação dizendo-nos que a solidão do deus criador perdeu as asas do cisne na mazurca branca de neve mortiça?

Boneca calunga: Preta vistosa, de beleza chumbosa e cheiro lacrimejante que toca o fervor e o frevo dos brincantes na autoridade dos deuses de Angola. Chama a chuva, lava os sexos, planta a fertilidade encarnada nos axés de seus antepassados!

Homem da Meia-Noite? O Boto das paragens olindenses; quando passa no mar de homens, ordena, e as mulheres levantam a saia para sentir o calor de suas baforadas. Elas o louvam como um lutador das arenas fesceninas, contendor dos cornos ensimesmados, entendido nas loas mais promíscuas e nos maracatus mais poderosos.

Um exército possuído pelo espírito miritizado se dá a mão em um mundo imaterial, virtual. Nossa gente sabe disso, por isso cria seu universo entalhado na madeira ancestral de nossas eras, como crônica sempiterna da criação: os amantes, o galo brigão, a casa simplória, a cotovia brejeira, os tocadores pachorrentos, entre tantas outras vidas dentro da matéria inesgotável do caboclo artesão...

A capital do miriti – Abaetetuba – é a capital da poesia artesanal, da eternidade em movimento cotidiano, tornando-se ela mesma árvore frondosa que provê a madeira (poesia) e a mão (poeta) mediante sua seiva vívida e ancestral: a cidade se transmutando, dessa forma, em abrigo da temporalidade.

As mãos gretadas: pequenas e grandes, suarentas, mãos de água, derretidas pela insolação, pela umidade emanada em esperma verdejante; são madeiras em extensões, sazonais, que enredam em uma só raiz, em chumbo incandescente, em ferro flamejante, as mãos de todos os homens: vivos e mortos (?): os espelhos miritizados da criação.

Só é quem cria.

A humanidade: do polaco ao firenzino, do olindense ao abaaetetubense, sabe disso... mas descreia...





Contos

Os desertos

Anselmo de Sousa Gomes

Há poeira na estrada. Os desertos talvez estejam próximos... Fica atento. Fica atento a esses sinais. Repara como as nuvens estão próximas de nós, como parecem cair do firmamento feito pedras fofas. Essas nuvens são o arauto. Elas vêm até nós para contar dos desertos. De como estão logo ali. Talvez atrás desse horizonte míope... Não, meu bem. Não sei que horas são. Meu relógio parou quando ainda cruzávamos o túnel. Talvez... Mas presta atenção na posição do sol. Lê o sol. Não sabe? Não é difícil. Aprendi ainda menino, com meu avô. É claro que não se tem a hora exata. Mas com a prática... Deixa ver... Estamos entre duas e meia e três horas da tarde. É. Isso mesmo. Ainda falta tempo para a noite. A noite densa que esconde. Sempre penso em como são os desertos à noite. Não têm mais fronteiras. Nem lua. Só um tipo de silêncio que não move as dunas... Ei! Não olha para mim. Repara nos sinais. Eu tenho que cuidar da direção. Aqui não se pode vacilar. Tem poeira à esquerda. Fina. Quase oculta no ar. Levanta o vidro. Mas antes joga esse cigarro fora. Isso. Isso. Vamos em frente.

Ali. Ali na frente. As carcaças dos coiotes. Horríveis. Os dentes expostos, como pecados... Vira o rosto, se acha melhor. Você sempre foi sensível. Não te culpo. Meu avô me acostumou a olhar na face das coisas mortas. Deste silêncio... Há poeira por cima do couro ressecado

deles. Poeira velha. Talvez de antes da existência desta estrada... O que você disse? Hum... Não. Não sei para onde estou dirigindo. Por que o susto? Você sempre soube disso. Eu não precisava ter dito. Aqui apenas se foge dos desertos. É essa a regra. Por isso a estrada não tem curvas. Por isso meu pé está cravado no acelerador, no desespero deste carro, feito uma sentença... Apenas fica atento.

Não pergunte sobre a noite nesse lugar. Esquece isso. A noite nos desertos, e mesmo nos arredores dele, é fria. De um frio escuro que respinga nos ossos. Um frio que parece que sempre esteve ali, vigiando sob a areia, aguardando o momento exato de... Está com fome? Não há o que comer por aqui. Em torno desta estrada, devora-se. Sem digestão. Sem que se alimente. Olha aí no porta-objetos. Tem um cigarro de outro dia... Mas não, não acende. Temos de manter os vidros fechados. Apenas faz de conta. Sim. Isso mesmo. Faz de conta com este cigarro murcho nos teus lábios. Sente o frio acumulado no papel, como parece inútil o tabaco. É assim que vem o assomo da noite. Não parece, quando pensamos nisso agora, mergulhados nesse sol onipresente. Mas é assim mesmo. A noite muda tudo, ainda mais se os desertos chegarem até você. Olha ali à direita, as casas mortas, sem gente, sem bicho, sem relva. As paredes estão caiadas de esquecimento... Eu me arrepio, e se pudesse pisava mais fundo. Se apertar bem os olhos, meu amor, meu querido, vai ver que os restos de telhado estão envoltos daquela poeira branca, a mesma que acalentava os coiotes lá atrás. Os desertos passaram com força por aqui, e ainda estão à espreita, atentos ao menor dos deslizos, ao menor dos equívocos... Sim, o carro é silencioso, a estrada é plana, minha voz é quase um sussurro, mas ainda assim há o perigo. Eles ouvem melhor quando a gente pensa que não pode ser ouvido, quando a gente imagina que é invisível e que não faz diferença nenhuma, que não dá motivo. Vem simples a noção de que a estrada longa e larga

nos engole e oculta, protegendo. Mas é aí que está o engano. Há poeira na estrada, jamais se esqueça disso... Ah, não fica assim, não me olha assim... Pode encostar-se a meu ombro se quiser. Mas com cuidado, e sem deixar de ficar alerta. E não chore. Eu te amo, e é por isso que te conto dos desertos e da morte. Só o amor pode ferir assim. Só ao amor cabe essa agressão. Segura essa lágrima dentro. Aperta teu corpo junto ao meu. Aperta. Logo pode surgir o nosso destino, a área segura, o salvo-conduto, os portões do Éden. A qualquer momento. Talvez quando tudo parecer perdido, quando o ocaso pairar terrível em nosso encalço, a área sã apareça.

(Engole o choro, criança. Isto foi preciso para que saibas do medo. Do fim. A tua inocência não vai te servir de nada, nem mesmo diante da própria Inocência. É preciso estar atento. É preciso saber decifrar a ameaça oculta no sossego. Há sinais por toda parte. Tu tens visto, e bem. O pó fino voa em torno deste carro o tempo inteiro, e mesmo que não vejamos ele gruda na lataria e nos pneus novos. Eles sabem. Os desertos desde o início sabem de nós. Meu desespero é vão, amor. Minha vigilância é inútil. Contudo, eu persisto nela, esperneio e afundo o meu pé no acelerador. Esqueço a necessidade do freio. Danço esta dança postiça, este placebo de esperança somente porque tu estás aqui, junto a mim, e a tua crença pueril é o que te mantém são. E que Deus te mantenha preso a ela quando formos deglutidos, quando as dunas... Dorme. Isso. Oh, adormece do sono negro e sem pensamentos. E deixa que eu guie. E que eu esqueça também, aliviando o peso que és tu. Até que não haja mais volante, nem pedais, nem vidro, nem cigarros, nem sol, nem noite. Pois há poeira na estrada. E os desertos sempre estiveram aqui.)

Seis sorrisos

Airton Ícaro Cantuária Gonzaga

Todo beijo dela terminava com um sorriso. E nas seis vezes que pude ver o seu sorriso tão de perto, gotas caíram do céu, como que comemorando. Pronunciei palavras sem sentido, como que rezando. E foi lá que fiquei sem medo de chorar, de sorrir, de chover, de viver.

Ela dizia:

– A gente fica bem por si mesmo.

E me deixava confuso, porque seu beijo nunca era de solidão. Sempre fora um convite, que eu nunca, nunca me atrevi a negar.

Quando fui criança, imaginava como era sentir Deus, antes de questionar acerca de existências, milagres etc. Eu fingia minha fé, em cada palavra decorada que emitia, sem significado algum além dos sons vinculados uns aos outros. E me sobrava uma certa tristeza, as velhinhas chorando de fé, Deus nelas e não em mim. Comecei a dar de ombros, diante de algo que, talvez, jamais fosse entender. E sobre o qual nunca tive coragem de perguntar.

Até que a mão dela encaixou todos seus dedos entre os meus, e vi que fé era uma certeza pequena daquilo pelo que vale a pena se dedicar. Pequena, mas contínua. Seguindo sempre para frente, onde os olhos ainda podem alcançar. Ainda mantenho essa fé, pois na cidade de muitas chuvas, eu me sinto em casa muitas vezes.

No dia certo em que os dedos dela fizeram o velho movimento de um adeus, parou de chover e não vi sorrisos. E vi que tem coisas que a gente vai lembrar enquanto tiver que viver. Chuvas sempre me lembram do que vivi.

Ela me mostrou um mundo de menos distorções. Nos sons, nos sentimentos, nas palavras. Guitarras guardadas nos armários, porque os violões pediram silêncio, por favor. Versos. Bolsos com versos. Peitos com alegrias, deliberadas e sinceras e tranquilas e intensas. E imensas. Mostrou outros tipos de distorções. Melodias quebradas, dançar em silêncio. Chover.

Cinco dos seis beijos me deixaram encharcado e feliz. O céu inteiro vinha junto com seus sorrisos. Queria não lembrar cada detalhe, logo após não querer esquecer de nada também. Ela me ensinou o que a chuva pode esconder. Cada gota é uma letra, e as frases se formam em nossa pele. As seis mensagens nos desejavam bons tempos e um bom amor. Aprendi a ler. E a escutar. Quase todas.

– Porque ficamos sempre assim, vê? Se quietos em nosso canto, a gente acaba sendo os que não se encaixam, os que não conseguem ficar insanamente felizes com tudo, todos e por qualquer motivo. E juntos, temos que aprender a dividir o que a gente é para criar uma felicidade frágil. Vê como é frágil? Vê como é difícil de fazer?

Tinha um cheiro que passava pelo mínimo contato. Fingia, dizendo que era só dela, a despeito do aroma aparecer repentinamente pelas calçadas. O estranho é que, de certo modo, era mesmo só dela. Não era mais apenas um cheiro, mas uma sequencia simultânea de outras sensações. Arrepios de gotas sobre a pele, palpitações dançantes. Suor. Memórias.

O que ela deixou passou a suscitar todas as memórias que construiu comigo. Com o tempo, elas se enfraquecem, eu

as vejo indo embora sem nenhuma despedida. Mas às vezes, sinto seu perfume e olho para trás, procurando alguém que, sei bem, não encontrarei. E, involuntariamente, olho mais atrás, para o que aconteceu. E as memórias voltam a brincar, distraídas.

– Não quero mais, entende? Dói. Não precisava, mas a gente não consegue fazer nada disso sem se machucar. Não é que eu queira desistir de tudo, mas tem dias que... tem dias que o amor não me cai bem, sabe?

Não importa o quão duro e triste fosse seu discurso, ela mudava o significado das palavras com seu jeito, deixando tudo mais leve. Me fazia prestar atenção. Se eu estivesse andando e de repente parasse, atento, era porque algum som tinha me lembrado aquela voz.

Eu seguia passos que, de repente, pararam de fazer pegadas. O último vestígio acabou sendo cinco dedos em movimento, indicando uma despedida, e um beijo solto pelo ar, que não tinha um sorriso no seu fim. Por isso, para mim, aquilo era um adeus e não um beijo. Um céu limpo, sem nuvens. Daí para frente, nada mais.

De vez em quando, a chuva cai mais uma vez. Seu idioma oculto relata coisas breves sobre a minha pele. Nem se eu quisesse conseguiria conter o meu sorriso. As gotas me servem como lágrimas e, de certo modo, aliviam algumas mínimas tristezas que afloram. Lembranças. Minha fé. Eu não reclamo, tudo o que senti me permitiu compreender a língua dos dias chuvosos. Por isso sei que em certos dias, qualquer solidão descansará. A chuva é um refúgio, ela escreve um mundo breve que escorre quando a luz invade as nuvens. Mas é um belo mundo.

Uma das últimas pegadas, antes que essa trilha terminasse, foi nossa última noite de gotas, mas estas não caíram sobre nossos corpos. Estávamos protegidos, de certo modo. E indefesos, por

outro lado. Das muitas conversas que colecionamos, foi nessa em que eu menos disse qualquer coisa. Escutei, quieto, no silêncio, enquanto nossas solidões se acolhiam.

– Eu gosto de estar só. Gostamos, não é? Nós gostamos... Sabe, uma vez ouvi que tudo o que fazemos é só outro modo de registrar o que somos dentro do mundo. Deixar nossas impressões, alguma coisa pra permanecer. Arte, religião, enfim... Mas tudo isso, pra mim, tem uma coisa em comum. Uma certeza nessa vida, além da morte. A certeza de que crescemos, seguimos, nos mantemos sempre juntos de nossas solidões, daquilo que somos quando ninguém está olhando. Isso sempre fica em nós. E naquilo que deixamos, sabe? Não sei se isso é algo que me preocupa ou só outra coisa com a qual tenho que aprender a conviver. Mas... bem, já não tenho medo de estar só. Isso não precisa cair bem, é o que sou. Quando ninguém mais está olhando.

Fim do raciocínio.

– Afinal, tudo é solidão, vê?

Vi. Meu braço passava pelas costas dela, enquanto a outra mão se apoiava em sua cintura. Ela fazia o mesmo no meu corpo, enquanto oferecia seu derradeiro convite, encerrando-o com o sexto sorriso. As gotas formaram frases de felicidades antigas, mas não pude escutá-las nem lê-las. Ficamos abraçados, secos e amedrontados. E foi assim que adormecemos, enquanto lá fora chovia.

O sono dos motores

Matheus Rossy Araújo Aguiar

Havia acabado de sentar sozinho no telhado de casa quando reparei que todos os automóveis das ruas haviam sumido de uma só vez. Por um momento mais breve que o piscar nervoso dos meus olhos, senti uma estranheza inédita, afinal de contas morava muito perto do mais barulhento cruzamento da cidade. Gritei pela mamãe do buraco no telhado de maneira que ela pudesse me ouvir da cozinha, e ela pareceu compreender o sentimento da minha voz porque veio muito rápido ao meu encontro. Não subiu no telhado de onde eu gritara, porque estava ocupada com uns cozimentos de almoço, então falou comigo de dentro do meu quarto. Ela perguntou o motivo do meu grito repentino, da minha palidez. E quando eu contei, ela não acreditou. Subiu incrédula no telhado, limpando as mãos de cozinheira no avental. Olhou o nosso horizonte, meu Deus, a paisagem havia mudado bruscamente. O cruzamento, as ruas, um viaduto logo ali, tudo estava desocupado dos carros que até poucos minutos transitavam normalmente por todos os lados, como todos os dias havia sido desde que nasci no mundo, há uns onze anos. Eu segurei forte o braço dela, estava nervoso porque não entendia aquela situação, aquelas ausências... Eu precisava de uma resposta, mesmo uma típica mentirinha que todos os pais contam ao filho, alguma coisa dentro da mitologia da cegonha, qualquer coisa, qualquer

coisa. Mamãe estava com a mão na boca, fitando aquilo que não estava ali. Pensou no papai, que havia dito que almoçaria em casa, e provavelmente voltava do trabalho naquele momento. Desceu rápido me levando consigo, parou no telefone e discou. A moça do trabalho do papai confirmou que ele tinha saído havia mais ou menos uma meia hora, e que teria até comentado que almoçaria sim em casa. Mamãe comentou do desaparecimento dos carros nas ruas, a moça já sabia e estava igualmente assustada, falou que os jornais exibiam imagens ao vivo enlouquecidamente e que não havia informações e muito menos soluções imediatas, e se houvessem, não teriam sido televisionadas ainda. Mamãe desligou e desabrocharam as lágrimas. Abraçou-me forte. Soltou um *vai ficar tudo bem* inconsciente. Apagou as bocas do fogão e deixou tudo ali como estava. Limpou as lágrimas. *Vai ficar tudo bem.*

Quando deixamos a porta de casa vimos que se encontravam quase todos os vizinhos no meio da rua, literalmente no meio da avenida principal. Alguns choravam, alguns andavam de um lado para o outro, alguém falava alto no celular, e alguns não exibiam expressão legível; aquele mundo era um dicionário de sentimentos que mamãe e eu compartilhávamos, entendíamos, escrevíamos... Entramos na roda de conhecidos, uma tia logo amparou a mamãe. A roda só crescia. Todos os vizinhos chegando com suas perguntas, seus desesperos, aguardando o amparo de uma resposta. Titia e família estavam todos com uma cara só, olhavam para os lados procurando pessoas, amparando e distribuindo lágrimas. Mamãe contou à titia sobre o papai, e com titia era o mesmo: haviam saído de carro fazia pouco mais de uma hora o marido e uma filha ao banco para tratar duns assuntos. Eu fiquei do lado da mamãe o tempo todo perdido nas sombras dos familiares, conhecidos, amigos, toda a gente e suas incógnitas fora de suas casas, eu mergulhado naquele mundo de

adultos. Mamãe e eu nos entreolhamos num momento e saímos daquele emaranhado de pessoas. Começamos a andar sozinhos, a nos distanciar de casa. A cidade estava tão calma, tão silenciosa. Estávamos muito preocupados com papai, mas conversávamos sobre outras coisas, também para acalmar a agonia. Entramos no cruzamento observando com estranheza tudo ao redor, e tudo parecia diferente: não apenas os carros haviam sumido, havia uma cidade diferente. Lembrou-me um dia que saímos com papai num acampamento e a natureza era calma, regida só por aquelas linguagens de animais e plantas... Sumiu o barulho de freadas, buzinas, a imponência dos ônibus e dos caminhões ocupando espaços e levando poeira e pessoas por todos os cantos da cidade. Vi as faixas de pedestre com estranheza, e pela primeira vez reparei que elas eram muito pequenas. Os sinais de trânsito, as placas, as faixas brancas e amarelas, tudo parecia dialogar com alguém que não estava mais ali para lê-las, alguém que veio de algum lugar, se instalou, passeou por aqui e ali, mas partiu, como um visitante da cidade. Aqui e ali surgiam grupos de pessoas de todas as idades, visitando o meio das ruas desérticas. Podíamos ouvir e entender ao longe as suas agonias. Todas preocupadas com as pessoas que haviam sumido, porque não só os automóveis haviam sumido, também davam como desaparecidos os seus motoristas, seus passageiros, tudo e todos que habitavam a um carro ou coisa com rodas no momento em que eu pisquei os olhos e todos os carros do mundo se esconderam de mim e das estradas...

Subimos no viaduto sem atropelamentos. Mamãe me segurando pela direita. Lá no topo, lugar mais plano, paramos e respiramos o cansaço. Soltei mamãe. Olhamos para as ruas lá embaixo, uns grupos de pessoas ali, umas crianças correndo. Olhei para o céu. Não vi a roda do sol, a cidade era nublada. Disse à mamãe que estava com medo e chorei. Mamãe me contou uma

história possível: todos os carros estavam se escondendo de nós, mas voltariam às ruas aos poucos, e logo, como num esconde-esconde que não deu certo. Ela tirou um pano leve que prendia o cabelo longo e jogou lá do alto do viaduto, o pano dançou como uma folha no ar e tocou o asfalto. Descemos daquele lugar. Atravessamos as pistas e entramos num estabelecimento, o farmacêutico grisalho não reparou a nossa entrada, e a meia dúzia de funcionários atrás do balcão também não acordaram o olhar quando o sininho da porta avisou nossa chegada. Estavam todos assistindo a uma pequena tevê num canto. Também olhamos. Um canal mostrava um aeroporto vazio, depois os portos, vazios de barcos, cruzeiros, navios, depois uma série de estacionamentos, as estradas do país, as estações de metrô e de trem, os céus, os mares, todo lugar sem meios de locomoção, milhões de pessoas desaparecidas, o país inteiro em enigma, em pranto, e em ausência. Mamãe pegou uma garrafa de água num refrigerador e deixou um dinheiro no balcão, os farmacêuticos ainda vidrados naquela diminuta caixa de imagens, seus rostos em dúvida. Deixamos o lugar sem esperar um troco. Voltamos à estrada, o tempo nublado trazendo um vento, dois, três... Trazia certo alívio de agonia, e dentro de mim, alheio ao frio, senti todo um país inconsolado. Mamãe e eu andamos por mais uma meia hora no meio das ruas, e não travamos nenhum diálogo até próximo a um posto de gasolina, quando começou a garoar. Perguntei a mãe porque tantos mendigos reunidos naquele lugar. Mamãe não soube responder. A verdade é que não havia apenas mendigos ali, estavam pessoas de todas as espécies, inclusive mendigos. Era a camada dominante daquele lugar. Entramos no espaço do posto. Ouvimos duas mulheres falando de suicídios na cidade decorrentes dos fatos, outras pessoas contavam onde estavam quando tudo provido de motor desapareceu de suas vistas, um homem, por exemplo, contava que acabara de estacionar

e sair de seu carro com a mulher quando o automóvel simplesmente sumiu, sobrando apenas a chave do veículo na sua mão.

Sentamos num canto daquelas falácias, os frentistas todos sentados, uns até cochilando, escondidos atrás de um boné. Do meu lado estava recolhido um mendigo adulto, um radinho a pilha bem encostado a orelha o mantinha compenetrado nos fatos. Não sei direito o motivo, mas ele me fitou bem fundo, e por trás da barba escura começou a falar comigo. Pois passo àquele anônimo maltrapilho o mastro da narração.

A vida do mendigo é ser acordado por buzina de carro, pelo menos eu vivia isso, menino. Um compadre meu foi atropelado por um carro uma vez, talvez não tenha sido nem culpa do motorista porque o mendigo desgraçado inventou de dormir logo na entrada do estacionamento. Olha as olheiras. Nunca dormi bem numa calçada dessa cidade que nunca sossega. Embaixo do viaduto é um inferno, parece que uma carreta passa por cima da minha cama. Sempre sonho que estou sendo atropelado ou que o mundo está desabando. E agora os carros de chão e de céu inventaram de desaparecer todos juntos e levando mil pobres coitados dentro. Então parece que vai melhorar alguma coisa. O problema é que a gente não pode nem sair daqui, nem com todo o dinheiro de vocês. Parece que tudo que é canto desse país inventou de ser ilha.

O príncipe encantado

Alan Victor Flor da Silva

Eu fui ou talvez ainda seja uma daquelas mulheres rebeldes que ainda acreditam no amor. No início da minha adolescência, sonhei com o príncipe encantado. Ele era bonito, forte, ajuizado, casto e corajoso. Ele não tinha defeitos. Ele era paciente, compreensivo, habilidoso, inteligente, apaixonado e solícito. Esperei-o por muito tempo, mas ele não veio. Mesmo assim, não deixei de acreditar no amor. Apenas deixei de idealizá-lo e resolvi procurar seu real significado, cujo conceito não deve ser tão diferente do qual eu imaginava. Aprendi também que o príncipe encantado não era como eu esperava. A perfeição com a qual eu sonhava não era qualidade de um homem. Percebi que, na verdade, eu sonhava com um anjo. Como os anjos não pisam no chão, eu parei de sonhar com príncipes encantados.

Passei a procurar por homens românticos que ainda mandam flores e escrevem versos de amor. Também não os encontrei. O romantismo que eu esperava era sublime, desinteressado e puro. O romantismo que os homens me ofereciam era mal-intencionado, interesseiro e arquetizado. Não encontrei homens que não se aproximassem de mim com alguma outra intenção, além de sexo e entretenimento. Ganhei jantares pseudorromânticos, roupas, flores e bombons, mas não ganhei nem uma ligação ao final do dia de

nenhum homem para me dizer que precisava escutar minha voz antes de dormir. Não ganhei nem um verso apaixonado de nenhum poeta amador. Nem os verdadeiros poetas, cujos poemas me entorpeceram e me conduziram ao universo lírico, eram românticos fora da poesia. Não encontrei nem um homem que não caçoasse dos meus pensamentos mais íntimos, das minhas tolices e das minhas idiossincrasias.

Não encontrei nem um homem que, verdadeiramente, apenas ouvisse meus problemas. Ou eles, realmente, ouvem o que eu digo e tentam me dar conselhos para solucioná-los, ou eles fingem que me escutam e tentam me persuadir de que suas carícias me ajudarão a relaxar, ou eles pedem para eu parar de lamuriar e aproveitar a noite em sua companhia, ou eles, simplesmente, não me deixam falar, pois são egocêntricos e narcisistas demais para se esquecerem por algum momento de si mesmos e, por essa razão, são incapazes de prestar atenção naquilo que eu digo.

Não ganhei nem um olhar ou um beijo que fosse capaz de transmitir delicadeza, afeto e respeitabilidade. Os únicos olhares e beijos que recebi eram de lobos famintos e salivantes. Eu não era uma mulher. Eu era a caça. A partir desse momento, comecei a perder as esperanças em relação ao amor sublime.

Quando o tempo passou e saí da adolescência, comecei a estudar no curso superior. Li muitos livros, principalmente romances. Depois de muito tempo, concebi uma definição de amor totalmente diferente daquela que eu tinha quando eu era mais jovem. Descobri que o amor é capitalista, é mercantil, é moeda de troca. Beleza, posição social, educação, grau de escolarização, sensualidade, riqueza ou delicadeza são atributos que os homens ou as mulheres querem encontrar em seus parceiros. O homem ou a mulher que apresentam essas qualidades têm mais chances de encontrar alguém especial.

Além disso, considerando ainda o amor na era do capitalismo, descobri também que um relacionamento custa caro, muito caro. O homem precisa ter condições de malhar em uma boa academia para ter músculos desenvolvidos e o corpo perfeito; de gastar muito dinheiro em roupas elegantes e em um carro bonito, possante e muito caro; de comprar para uma mulher flores, perfumes, bombons e outros presentes; de levá-la a um bom restaurante, a um bom motel, a um cinema ou a um teatro. A mulher, por sua vez, precisa ter condições de definir o glúteo, as pernas e o abdômen em uma boa academia; de comprar roupas bonitas e provocantes e produtos de beleza (cremes, hidratantes, xampus, condicionadores, batom, brilho labial, lápis de olho, delineador, sombras, esmaltes, protetor solar, perfumes, reparador de pontas, entre muitos outros); de ir ao salão de beleza, sempre quando for necessário, para fazer cabelo, unhas e maquiagem.

Embora, no auge dos meus trinta anos, eu já estivesse decepcionada com o amor e com os homens, não perdi a esperança de encontrar alguém para passar os dias ao meu lado, pois, por mais que a verdade esteja diante de nossos olhos, a solidão é uma companhia que nos deprime, nos sufoca e nos entristece. É triste tê-la como a melhor companhia. Já cheguei a pensar que a companhia da morte seria mais afável. Uma vez, para livrar-me das correntes que me prendiam à solidão, eu convidei a morte para me fazer companhia, mas não tive coragem para recebê-la em minha morada. Achei que a eternidade ao seu lado seria tempo demais. Preferi ainda a companhia da solidão na esperança de que, um dia, me libertasse do seu laço tão forte a mim atado, pois essa história de que mais antes sozinha do que mal acompanhada nunca me convenceu.

Por essa razão, para me livrar da companhia da solidão e da morte, cogitei a possibilidade de diminuir meus critérios de seleção

para escolher *meu homem não mais tão perfeito assim*. Pensei, então, em tentar encontrar um homem não muito burro, não muito feio e não muito pobre. Embora muitos homens já se adequassem aos meus critérios, não me estava sendo fácil. Alguns eram inteligentes, mas também eram feios e pobres demais. Outros eram bonitos, mas também eram pobres e burros demais. Pouquíssimos eram inteligentes e ganhavam razoavelmente, mas eram feios demais. Por mais incrível que se possa parecer, uns dois ou três eram muito pobres, muito burros e extremamente feios.

Hoje tenho cinquenta anos, não tenho mais a beleza da juventude, mas sou professora universitária; tenho um salário plausível, um apartamento em um bairro de classe média, um carro bonito, um plano de saúde, uma vida estável; viajo uma vez por ano para conhecer alguma região do mundo; falo português, francês, espanhol e inglês; moro sozinha com um gato de estimação; não tenho marido nem filhos; e o amor nunca me escolheu. Nunca me apaixonei verdadeiramente por nenhum homem que atravessou minha vida. Acho que nenhum homem se apaixonou verdadeiramente por mim.

À medida que meus anos avançavam, fui-me tornando uma pessoa menos seletiva, e meu sonho de encontrar o príncipe encantado tornou-se cada vez mais distante. Perto dos cinquenta anos, movida por um impulso de desespero para não passar o resto da minha vida sozinha, ainda pensei em ter apenas um critério para escolher *meu príncipe encantado às avessas*: ele precisaria ter única e exclusivamente um pênis, independente do tamanho, da espessura ou da cor. Quando percebi o tamanho da minha loucura, sentei-me atônita no chão de meu quarto e chorei. Como eu podia ter um lampejo tão inconsequente, tão irracional e tão fantasmagórico? Como alguém como eu poderia sair de seu apartamento à procura

de um homem qualquer por medo da solidão? Revoltei-me comigo mesma, e um filme de minha vida passou pela minha cabeça. Lembrei-me dos contos de fada que li quando era pequenininha, dos filmes a que assisti e das músicas que ouvi. Passei a me odiar. Senti-me iludida, ingênua e burra. Nunca a solidão e a morte me pareceram tão amigas como agora.

Não quero mais saber dos romances que li nos livros, principalmente dos contos de fadas que li na minha infância que me levaram a acreditar que amor era puro e ideal. Não quero mais saber dos romances que assisti nos filmes de comédia romântica que me fizeram crer que, não importa qual seja a situação, a mocinha sempre ficará com o mocinho no final. Não quero mais saber das músicas de amor que ouvi nos discos e nas rádios que me fizeram sonhar com um príncipe encantado que nunca será meu. Não quero mais saber das flores que nunca recebi. Não quero mais saber dos beijos apaixonados que nunca ganhei. Não quero mais saber do “eu te amo” que eu nunca escutei. Eu esperei por muito tempo pelo príncipe encantado, mas ele não veio. A bruxa malvada do meu conto de fada também cansou de esperá-lo. Minha fada-madrinha aposentou-se sem antes me transformar em princesa. Minha carruagem transformou-se novamente em abóbora. Meu vestido de baile já foi comido pelas traças. Eu fui uma daquelas românticas incorrigíveis que confundem a ficção com a realidade. Malditos romances! Malditas comédias românticas! Malditas músicas de amor! Maldito príncipe encantado! Eu esperei por você por muito tempo. Eu me guardei apenas para você para toda minha vida. Eu sonhei com você todos os dias. Mas você não veio. Queria que soubesse que eu não sei quem você é, mas eu o odeio mais que a mim mesma. Você se esqueceu de mim. Você me despedaçou em mil partes. Você me destruiu sem nem ao menos saber da minha

existência e sem fazer o mínimo de esforço. Eu acreditei em uma miragem. Estou em cacos no chão, mas tenha a certeza de que me levantarei e ficarei de pé. Ainda estou juntando os cacos. Ainda serei eu de novo, só que sem você.

Despedida

Allyson Allen Lima Pereira

O carro parou diante dele uns 15 metros. Apagaram-se os faróis. A película 5% e a precária iluminação da rua extinguíam qualquer chance de tentar identificar o motorista e o carona, se houvesse algum. Decidiu ficar imóvel depois de olhar para os lados e constatar a inexistência de seres vivos ao redor, exceto por um gato que se escondeu embaixo do carro ao sentir o início da chuva fina, quase orvalhar. Olhou fixamente para dentro do automóvel, mas nada, nenhum movimento. Pensou ter reconhecido a placa. Era de Augusto! O marido de Júlia. Era dele! Mesma placa, mesmo modelo, mesma cor. Por isso a mudança repentina dela. Por isso o pedido de afastamento. Ele teria descoberto tudo e a intimidou e veio tomar satisfações agora. Enfim, o momento pelo qual tem esperado há tantos meses. Contar a verdade e ficar com Júlia, ficar somente com Júlia, ter Júlia somente para ele. Augusto era calmo e educado ao extremo, jamais resolveria qualquer assunto ou problema irracionalmente; não brigaria; não mataria. Ainda havia o doutorado na École Polytechnique, em Palaiseau, na França, e a viagem iminente. Augusto não estragaria o futuro dele tão perto de realizar seu sonho. Conversariam. Augusto ficaria com o doutorado e ele com Júlia. O alívio se misturou às gotas da chuva que escorriam do cabelo para o rosto e logo se perdeu. Não era o carro dele! A cor

não era a mesma! A placa... N ou H? Duvidou. Não chegou a ter medo, mas a preocupação aumentou. Roubo, sequestro relâmpago, latrocínio, poderiam fazer qualquer coisa. Mas ele não era homem de correr, de fugir. Permaneceu parado. Ele, o carro e o gato escondido. Decidiu fingir que estava armado e pôs a mão no abdômen sem desviar os olhos do veículo. Poderia ser uma tempestade em um copo d'água. Coincidência. No carro deveria estar um casal de namorados que queriam apenas privacidade e um lugar calmo. Poderiam estar assustados com um homem que não parava de fitá-los. Retirou a mão do abdômen. Poderiam nem ter notado sua presença ali. Decidiu dar alguns passos para tranquilizar os passageiros e seguir seu caminho. Não tirou os olhos do carro. Mais alguns passos e pode ver apenas um vulto no banco do motorista. Era um homem. Parecia ser. Parou. Viu o vulto erguer os braços até o teto do carro e acender a luz interna. Entre aqueles segundos em que reconheceu o vulto e percebeu a arma apontada para si, lembrou do último abraço apertado, do último beijo fugidio, do último triste olhar de Júlia... quem lhe dera tê-los aproveitado mais...; sentiu também a mesma sensação que costumava sentir diante do novo, da surpresa, da decisão, momentos em que geralmente saía vitorioso, renovado, pleno... Seria mais uma situação superada; e isso lhe fez lembrar daquilo que sempre o motivou a enfrentar quaisquer obstáculos ou adversários: acreditava ser invencível. Não era.

O tempo da partida é da chegada

Antonia Nayane Muniz de Oliveira

Podia dizer que tempo é velho cabisbaixo no canto da esquina, espreitando-se, roendo as horas com os olhos curvos e mastigados. Por dia, eram toados pelas horas, aquela mesma que corria quando na espera. E do velho não se sabia nem de onde os vinham: era vários, sendo um. Parecia que há anos caminhava e de nada conversava com ninguém. Das poucas pessoas que lhe viram andando na rua, foi pouco que observaram, se indo.

Como uma mulher da taberna azulejada que passava dias sentada à espera da clientela, tendo, portanto, tempo para picuinhas, quis chamar o velho a fim de dar lorota de suas vendas – os casos esquecidos às prateleiras. Ensaiou o chamado, entendia que nada não havia no velho dos outros como naquele, e com a ausência passada em chinelo daquele homem, até podia vender pares novos aos pés do passante – com sandálias tão antigas e surradas daquela taberna vazia, pelas suas sandálias o velho não iria se chegar a ela.

Permaneceu no caminhado pequeno, e por tanta lentidão poderia até dizer que estava indo à direção da taberneira. Pra quem vai a algum lugar o olhar é que reflete o caminho. A mulher olhou dos seus para os olhos do velho, sentiu que, de certo modo, havia de parar ali. Esperou silenciosa o cruzar dos pés para sua direção, que de tão lento tirou a paciência da taberneira que se apercebeu do escorrer do tempo.

Correu as chaves com que fecha o dia de trabalho, quase sempre ocioso, e se foi para casa coberta de folha de bananeira nascida da árvore vizinha; as paredes, nem se podia nominar assim por sua falta de concretude, eram feitas com suas mãos, que sempre uma vez no mês eram retocadas com o barro catado da cidade à direita. Por dentro a casa era tão cheia de ventania, das janelas que só se abriam de noite, com a chegada da mulher, que de silêncio não se vivia. Era um cantar de vento que lhe esperava a noite, tinindo junto à solidão com que convivia a mulher.

Cedo do dia acordava como quem tem destino preciso e trabalhoso, mas era por efeito de viver as curvas daquela vida, que lhe colocavam reta. Quase sempre nada acontecia no vilarejo e a mulher em sua casa ou no trabalho acomodava-se guarda de um nada existente. Estendeu as roupas que dia passado havia espremido, tinha o mau hábito de lavar roupas de noitinha o que já lhe daria, por conta disso, sessões de gripes pela friagem convivida. No meio delas havia um vestido da época de sua mocidade, que para sua permanência era esticado a sombra; diferente dos outros que o sol forte secava. E que por isso mesmo guardavam diferenças de cor.

Depois da roupa, foi ela própria esticar-se até seu trabalho, caminhando pelo beiral da estrada avistou o mesmo homem que havia encontrado dia anterior. Aquela cumplicidade do tempo penteava a terra com um ancinho desgastado, como quem sabia dos passos que a terra precisava para dar de lírios a laranjais. A mulher olhou, mas pelo esticar das horas, seus olhos estavam para depois, precisaria estar na taberna antes das sete da manhã, pois era a única hora em que podia contar com freguesias, que não deixou de comprar seu leite fresco.

O velho, capinando o matagal, parecia capinar a si mesmo, tinha ausência de olhar ao redor, mas sem querer avistou a mulher que o fez perceber do dia anterior. Lembrou-se nos seus passos lentos que era por ela que procurava, ainda.

Além-mar

Daniel Prestes da Silva

Vamos, vovô Hans! Vamos brincar lá embaixo, na praia. Por favor! Deixe de olhar pela janela e vamos lá embaixo.

Essa era você, Sophia. Você em seus, recém-feitos, cinco anos. Você em toda a sua ansiosa vontade de correr por essas areias brancas e se jogar nas águas geladas e salgadas desse mar. E aquele era eu, mirando da minha janela, manhãs edênicas. Eram em manhãs como esta – sempre foram em manhãs como esta e sempre haverá de ser em manhãs como esta –, céu cristalino de mar, quando a areia fica mais branca e plumosa e o atlântico me perde no horizonte, que eu lembrava-me e cismava aqui do alto deste farol, sob os carinhos adocicados da morna brisa, ainda, com tudo o que passei. Tudo o que não havíamos sido e o que hoje sei que nós éramos. Contemplava o mar, que imenso cabia naquela janela, com olhos de mil navios zarpados, pois, para mim, ele significava o caminho de casa e era – sou e serei eu –, em todas as lágrimas dele não publicadas em versos. Em manhãs assim, dançando, balançando, avançando e recuando em minha frente, surgia ele em meus pensamentos, enorme, desmedido em costas largas, com seu amplo abraço de sempre-eterno, que, pesadamente, envolvia-me com seu aspecto sempre fulvo, tal qual um coral, e um sorriso enorme, com dentes brancos reluzentes. E

eu me recordava que, naquela época, mesmo com tal proximidade que tínhamos, percebia-o distante. É que me parecia que havia nele um mistério. Era algo tão incompreensível para mim, e, no entanto, eu o queria, sem medo de perder-me. E perdi-me. Em bailados e harmonias tecidos por aquela mítica figura, perdi-me. Sozinho e endoidecido caminhei em meu labirinto, no interior de palácios veementes e vermelhos, sucessivos e roucos. Aproximei meu rosto do silêncio e cortejei a sussurrada treva de paixões e traições inchadas de gritos; em busca de um dia limpo. Em busca dele. Saído desse labirinto, pensando ter encontrado o meu tão almejado Príncipe dos Lírios, perdi-me novamente. Zarpei... Era em coisas assim, querida, que eu pensava, enquanto você clamava pela liberdade da praia e eu me *rapunzeava*. Muitos anos se passaram, você cresceu e o oceano aumentou as distâncias entre eu e ele, criando um isolamento, um mundo indecifrável como a força nua do primeiro dia criado. Desde então, desde isso, que ele tenha morrido é ainda uma notícia desconhecida e longínqua e não a entendo bem, pois é como se fosse uma nau, que chega naufragada ao seu cais. E que seja isso, não poderia desejar despedida, essas coisas nunca nos pareceram necessárias. Nem quando, de fato, eram. Palavras. *Seriam apenas palavras aladas, faladas não para ficar, mas, encantadas, voar.* Entre nós, tantos outros gestos foram mais consistentes, do que qualquer jura de amor, do que qualquer soneto de amor camoniano. Então, eu entendi que, agora, não haveria retorno para mim. Eu jamais regressaria para eles, nunca havíamos-nos pertencido, não como eu havia sido dele. E em noites esvaziadas de luar, iluminadas apenas pelas brincantes estrelas – pirilampos de eterna luz, *Via-Láctea*, que guiam os meus pensamentos, ao sussurrarem-me palavras de carinho. Guiam-no a mim. *Farol*. Por conta disso, ele permanece presente como um reino e atravessa sempre meus sonhos como afluentes de um rio, parece-se

com a casa da minha primeira vida: primeiro estive nela e, depois que ela perdi, passou a morar-me. Era assim que eu olhava o seu tão desejado mar, Sophia, aquele no qual você queria se lançar, por que ele sempre me cuidava, porque eu o guardava. Hoje, olhar o mar é mais do que ver o caminho de volta para casa ou quem em mim mora. É, também, mirar o meu lar e em quem eu passei a morar, com todas as minhas lembranças, de quem todos nós fomos e as de quem viremos a ser, neste além-mar, tão aquém de mim.

Troca

Danilo Mercês Freitas

– O que tu fizeste hoje?

Não havia contato visual, ela estava sentada na cama fingindo interesse e eu fitava as cores da rua pela janela dela. Ela folheava um livro de poemas – de sua autoria –, não lia nada, mas parecia ver maior prazer naquilo do que em estabelecer o mínimo de comunicação comigo, apesar da primeira pergunta – feita em infindáveis dez minutos que haviam se passado – ter vindo dela.

– Nada, absolutamente nada. – Respondi um pouco sem pensar. Sabe? Às vezes eu me sinto como uma estrela cadente. Brilhante e cheio de desejos que se esvaem em poucos segundos. Do que adianta brilhar e cessar? Droga.

– Do que você está falando? – Ela havia parado a vista em um poema, a resposta foi de uma espontaneidade ordinária.

– Deixa pra lá.

– Por que você tá pálido... amor? O que tu fizeste hoje?

Ela havia fechado o livro e buscava os meus olhos, coloridos como o brilho lá de fora.

– Já disse, nada.

– Tu que sabes. Se você quiser conversar...

Aquele jeito dela de falar continuava me irritando. Sempre em uma indecisão entre “tu” e “você”. Além do mais ela não queria

conversar, parecia que ela estava lendo um roteiro mas sem o talento de uma atriz.

- Por que você tá tão calma? Não vê o que tá acontecendo?
- Não.
- Ela me ligou ontem.
- Ela quem?
- A doutora.
- E o que ela disse?
- Eu tô morrendo, tá bom?
- E quem não está?
- Faz sentido.

Erros vêm e vão. Depois daquele dia, passaram-se cinco dias para ela partir. Até hoje eu não entendo essa troca. No fundo parecia que ela sabia de tudo. Ela sempre sabia de tudo.

- Eu já vou, tenho coisas para fazer.
 - Você não vai fazer nada, pode ficar se quiseres.
 - Tenho que viver, pelo menos um pouco. – A minha voz ia se apagando a cada palavra dita.
 - Eu estava pensando hoje. Como vai ser daqui para frente?
- Daqui para amanhã muitas coisas podem acontecer.

- Não entendo.
- Eu tô bem, mas tudo o que rodeia me cansa.
- O que você quer dizer com isso?

Ela estava lendo trechos de poemas daquele livrinho verde em voz alta. Os poemas dela eram lindos, mas ela só lia trechos comuns. Comuns para mim, já que ela sempre dizia que a simplicidade era o maior “glamour estético”.

- Eu não estava prestando atenção. Você já vai?
- Sim.
- Eu irei contigo por duas quadras, preciso ir ao supermercado.

– Tudo bem.

O silêncio ecoava os nossos passos, a noite queria se guardar da vida, assim como ela se guardava da vida. É difícil entender, ela tinha muitos sentimentos não ditos, muita vida guardada nos braços do medo. A noite parecia saber disso e nos mostrava um céu limpo de estrelas, todas se escondiam atrás das nuvens.

– Não és uma estrela cadente. Não brilhas e nem és passageiro. Os teus desejos não são frutos alheios, mas ainda assim tu esquentas a esperança nas pessoas. Você é uma estrela, eu sou a cadente. Brilhe por muito tempo mesmo depois de sua morte, deixe-me ser passageira.

Não tive tempo de responder e ela tinha ido embora. Para sempre. Fiquei dilacerado. Como podia isso acontecer? A troca de vidas foi injusta. Até hoje eu ainda preciso dela do meu lado. Talvez ela esteja.

Por ela o mundo brilharia mais vivamente, ela seria o profético destino da suave felicidade universal, a coroada rainha de milênios, onde o seu governo prezaria os profundos sentimentos. Na troca, ela escolheu cair, as vísceras ficarão permanecendo incógnitas. Ela decidiu cortar a eternidade tornando-se uma estrela cadente, que brilha só para os meus desejos, irrealizáveis pelo fim do brilho do meu amor.

Intrínseco humano

Denise Araújo Lobato

O dia chegou chuvoso, nublado, como os olhos dela detectaram. Ou então, imperceptivelmente, a sua alma foi que amanheceu nublada, prenunciando que iria chover no seu íntimo. Ela estava a se sentir inundada. *São muitos os terremotos que abalam a alma da vida:* ela pensara. Mas o que ela tanto queria era ser lavada com águas tranquilas.

Acordara sonhando com um dia ensolarado. Para a jovem, o sol deveria rasgar aquele dia, aquecer sua mórbida solidão, iluminar suas frágeis emoções, fazê-la ver vida nas pessoas, pois há muito só conseguia vê-las, e a si própria, em preto e branco, em tons de cinza solidão, porém o nublado daquele amanhecer a fez se perder.

No caminho para o ponto de ônibus, a sombrinha, o som do *ipad*, o vento gélido e a fina chuva acompanharam os seus passos. Luci não suportava o frio, estava acostumada com o calor escaldante do Norte brasileiro, mas sua Belém dos trópicos também tem dias de nuvens pesadas. E quando o dia amanhecia assim, sentia-se como musgo; sentia-se pequena, diminuta, sombria. O calor amenizava as suas crises. O frio aquecia-as, como naquele dia, que acordou congelada em si, porém desejosa de que o sol explodisse e a invadisse.

Seus passos seguiam o ritmo calmo e compassado da canção que só ela ouvia por intermédio dos fones de ouvido, e cantava para si

mesma em voz quase muda, abafada: *“são as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida pro teu coração...”* E era realmente março, e era realmente verão! Mas chovia, chovia, chovia em suas desarmadas emoções...

Para não perder o ônibus que parado estava, atravessara a pista correndo, escorrendo o suor pelas costas, rosto e pernas. Sem entender o suadouro. Se o clima não está quente, por qual motivo suava tanto? Medo de levar carão do chefe, de ser demitida pelo atraso? Afinal de contas era ela apenas uma estagiária que precisava daquela oportunidade para concluir a faculdade. Mas não! Os eus outros estavam com ela; introduziram-se, misturaram-se com suas mazelas e anseios.

Infiltrara-se entre um carro e um ônibus como água que perpassa rochedos intransponíveis. Mas o coletivo estava entupido de gente, muita gente, gente espremida. Acabara pegando carona no transporte seguinte, ônibus de estudante, guiado por um homem desfigurado. Ela atravessou seu ego envergonhado, e subiu sob olhares ávidos de jovens curiosos.

Luci procurava em cada rosto, algo que em seu intrínseco falta. Encarou cada rosto que ali se encontrava. Sua busca não era por nada físico-material. Procurava fragmentos de pensamentos cerceados, de sentimentos frustrados. Mas sempre encontrava faces mascaradas; algumas maquiadas para não mostrar a dor, outras tantas para esconder o assombroso lado humano que nos invade. Se deixarmos ele finca raízes inquebráveis, torna-se ervas daninhas. E destrói o que de bom há.

As horas daquela manhã, na repartição em que trabalha, não tiveram o mesmo sabor dos demais dias. Luci acompanhou cada passar de segundo, cada caminhar de minutos e cada arrastar de horas, com uma descomunal vontade de ser só ela e seus transes internos, só ela e as outras vidas que no seu íntimo tinham suas histórias desaguadas.

Quando chegara ao campus da universidade, dirigiu-se à beira do rio Guamá, queria sentir sua tranquilidade, quem sabe ele seria a vida que respira sem medos, capaz de afugentar receios e solidão, ou somente um companheiro silencioso.

Luci, prestes a concluir seu curso de graduação, consegue olhar para aquele espaço e extrair de si olhares que antes jamais teve, ao longo de quase completos cinco anos. Para ela, que viu o tráfico de drogas consumir cada viva célula de seus irmãos, que viu o meio social que circunda há muito a sua realidade banhar de sangue jovens mentes, corpos e espíritos de excluídos, essa oportunidade, sabia ela, tinha também sabor de tanto privilégio.

O que estava a acontecer com Luci, não eram devaneios, era o encontro do sofrimento com o conhecimento, do eu e do outro, uma sinestesia de emoções, um enxurrada de particularidades humanas; encontro do passado com o presente, que pretende ver um futuro mais contente. Diferente daquele que aterrou com impiedosas mãos o que um dia foi chamado de futuro da nação. Ecoava em sua mente o que repetidas vezes sua vó, a sábia cabocla amazônica, lhe dizia em tom amoroso: Luci... Pra se viver nessa terra é necessário ser gigante. Tu, minha filhinha, tem que ser como tal.

Mesmo com este forte fluxo de pensamentos, seus olhos continuavam inertes no espaço da universidade, chegavam ao rio Guamá e ali repousavam. Lembrando-se dos arcaicos e sempre renovados comentários acerca da beira do rio: tão famigerada... Isso nunca a amedrontara, sabia e convivia com lugares que realmente mereciam a tal fama. Recordava do sonho que sempre tinha, de um futuro que não teve chance de ser verdade. Resquícios de um futuro que todos os seus amigos mereciam.

Os seus olhos se petrificavam, se encontravam e se perdiam, analisavam. Viam o macro e o micro, viam a técnica ordenar o ir e

vir, viam a maquiagem do espaço coexistir ao imaculado rio Guamá: atento a todas as transformações. Transformações climáticas, paisagísticas, transformações de mentes, de comportamento.

Ao final do dia, o retornar para casa, estava impregnado de uma esperança lancinante: apagar as lembranças de um hoje que já era outrora, pois urgente se fazia que assim o fosse. Precisava de silêncio, como ele anseia pelo som das palavras, encontrando o som do nada, somado ao barulho da vida.

Exausta, ao final do dia, Luci fez o seu percurso habitual, dessa vez levando uma carga pesada. Não quis pegar carona no bonde alheio. Foi para a estação de ônibus, todavia não pagou sua meia-passagem, estava exaurida de metades: meia vida, vida interrompida, meio amor, alegrias pela metade, nunca se está inteiro? Ela queria passar inteira no coletivo, inteira de corpo, de alma, de humano que busca cotidianamente não somente dinheiro, não somente reconhecimento, não somente amor... Que busca tudo que é intrínseco humano.

À sombra da chuva

Edir Augusto Dias Pereira

Também nela a verdade era muito protegida, o que não lhe despertava muita curiosidade, assim como nunca precisara da inteligência, nunca precisara de verdade; e qualquer retrato seu era mais claro que ela.

Clarice Lispector

mais um passo, o equilíbrio é raso – no escuro adivinhasse –, é frágil; outro passo, choca-se com o denso vazio das trevas indevassáveis. inúteis são os olhos abertos oprimidos pela escuridão.

o silêncio tornava a escuridão maior, insuportavelmente pesada, dura, imensurável. seus braços nadavam invisíveis no ar escuro, cautelosos, em movimentos lentos. e o silêncio gelatinoso fermentando o escuro... ficou imóvel um instante, sem ousar dar mais um passo. mal se mantinha em pé, como se o chão se dissolvesse ou oscilasse na escuridão. não havia onde se apoiar. estava nesse abandono irreconstruível de quem se afoga. a escuridão não tem cabelos. procurou segurar-se em si mesma, mas a escuridão a tornava intangível. era como parte da escuridão.

sobre as pedras... os pássaros longínquos mergulhavam na bruma lilás do crepúsculo. as cores no horizonte ganhavam aquele

matiz da noite caindo ou subindo paulatinamente. o tempo da noite que os relógios deixam escapar impotentes.

sobre as pedras seu corpo de barbante. seus pés como se não lhe pertencessem. não reconhecia aqueles pés, pareciam-lhe indefníveis. o vento não se deixou intimidar: cuspiu no seu rosto saliva do mar. seu corpo pesava aflito, mundo kafkiano; ainda não conhecia os cenários e os monstros dessa mente incompreensível, não havia penetrado nessa atmosfera fantástica e fantasmagórica, como o faria sutilmente mais tarde, com um misto indeciso de sensações: perplexidade, euforia, luminosa angústia...

sua inquietude não lhe pertencia, não tinha na sua face a marca inconfundível, disse ou apenas pensou dizer:

– devorar-se com amor e nojo, devo voltar!

o que o esperava? uma casa? uma mulher? uma cidade que dizia conhecê-lo desde menino? um destino que deixou para traz? era fácil, muito fácil voltar, difícil era saber por quê! e pra quê? mas, era preciso mesmo saber?

sobre as pedras, quis ver tudo que via, e diante dele viu apenas os pensamentos desfilando desordenados.

arriscou outro passo, apenas imaginou como seria e desestimulou-se, estava presa: não de pavor, o escuro silencioso a prendia, a visguenta escuridão a colava no chão. escuridão pastosa e viscosa, o medo a arrancaria dali, o medo seria uma potente propulsor.

gritou, nada ouviu, havia perdido a voz, quando? onde? não lembra, se aquilo fosse um sonho... se fosse realidade. fez-se aquela personagem mergulhada em profunda escuridão, e não havia ficção, não fazia o enredo...

a única consciência que tinha era que representava ela mesma e já não podia ser ela: seu papel. imitar-se é cansativo, imitar-se é distanciar-se de si.

por um instante quis de volta a imaginação. sorriu, não há como saber se sorriu realmente, fez um esforço sem esperança de ver ou sentir seu rosto sorrindo. na escuridão tudo se despersonaliza, a escuridão só reflete escuridão. fechou os olhos, sua inércia sem equilíbrio já a atormentava; sentiu-se subitamente submergir numa escuridão maior ainda. ergueu os braços e baixou bruscamente como se estivesse se afogando e quisesse subir pelo ar e simultaneamente abrir os olhos. era-lhe já familiar aquela escuridão toda, voltou a ser estátua. e como cega que era agora girou a cabeça de um lado a outro farejando o escuro imóvel e mudo... o escuro pregara-se nela.

o caminho, a cabeça lhe doía. há quanto tempo? soam longamente os passos... um dia estava chovendo e ele não foi à escola, tomou água da chuva na mão em concha, molhou os cabelos, havia conversa em casa... com uma sombrinha velha ela vinha descalça pela rua encharcada. a chuva havia diminuído o ritmo, ela o viu na janela, entre seus olhos estendeu-se um arco-íris, que combinava com o sorriso de ambos, ela baixou a sombrinha, a chuva bateu-lhe no corpo magro anguloso, molhou-lhe o meandro do sorriso, a cor ondulada dos cabelos e as flores do vestido.

como doía sua cabeça. e o caminho infundável. ela estendeu os dois braços pra frente, ensaiava outro passo, avançou quatro passos com os braços assim estendidos. se ele a visse andando assim... parecia um zumbi, uma sonâmbula, um robô... ele ria muito, ria... sua risada iluminava essa lembrança no escuro. sua risada luminosa... gesticulava como se tivesse na mão uma espécie de controle remoto: robô faça isso, vai pra ali, volta... o robô obedecia e desobedecia, ela vinha pra cima dele e lhe fazia cócegas. eram duas crianças ocupadas em viver. sua risada não a deixaria jamais no escuro. “eu vou cuidar de você e você cuida de mim”, e mesmo sérios seus olhos eram dois faróis, e mesmo dormindo seu corpo era um sol...

eles deitaram lado a lado na areia, olhavam para o céu, ele disse: olhe o céu, azul inigualável, nos invade completamente, é impossível resistir-lhe... mergulho nele meus olhos e me sinto também azul, é como quando olho pra você, sinto-me cheio de você. aquele azul de céu combateria a escuridão, porque ela estaria protegida nele, mergulhada no azul do céu que o preenchia.

a chuva molhou-lhe o sorriso e ela o chamou para chuva e os dois corriam pelas ruas, e a chuva era a benção do céu... o caminho acaba ali adiante, vencera grande distância. sentaram numa calçada, ainda chovia, chuviscava preguiçosamente, estavam batendo os dentes de frio, trêmulos e encolhidos. entre o soar dos dentes batendo suas palavras vinham cantantes: gosto da chuva. gosto que você esteja aqui comigo...

as luzes apagadas, a casa no escuro, não adiantou voltar? a casa está vazia, ela foi embora. no escuro ela chora uma lágrima grossa e pesada que se espedaça no chão invisível carregando todo sal de sua dor, mas essa lágrima não ilumina a casa. ela foi embora, as luzes estão apagadas, ou será que dorme? vou bater. e soam perto de seus ouvidos dois baques surdos. é a porta, alguém bate. ela estava com a cara quase encostada na porta. deu mais um passo com as mãos estendidas. achou a porta. deveria abri-la? a dúvida: quem estará batendo? o que quer? e se quiser lhe fazer mal? não deveria abrir, esperou mais duas batidas de leve. intervalo. outra batida rápida, intervalo, mais três batidas ritmadas. é um código, o código deles! só ele sabia, ninguém mais. será? não! ele está longe. não voltará, ela o fez sofrer, lhe amargou o coração, lhe humilhou terrivelmente... é um truque, é um fantasma a perturbar-lhe, fantasma vingador... e começou a sentir seu coração a bater naquele código, naquelas batidas deles dois...

não há ninguém... a espera fazia-o atravessar cada segundo como se o tempo fosse uma massa espessa, densa, uma espécie de

lama a segurar seus passos... seu pensamento também ficava pesado, pastoso, lento, se arrastava dificultosamente sobre seu próprio peso. ela não está. inútil ter voltado... talvez durma... tão cedo? a estátua do seu corpo pregada no ar, naquele chão...

abriu-se bruscamente a porta, o vulto ficou estático. não dava para saber quem era, mal o via. talvez apenas sentisse sua presença, ele também congelou. será ela? será ele? no escuro os dois vultos imóveis se contemplavam sem se reconhecer.

– é você?

– sim, é você?

– sim, também.

– você voltou...

– é... eu voltei. por que está escuro assim?

– não sei... de repente faltou luz!

– você está sozinha? com medo?

– não. sim. quer dizer, não sei...

– como consegue andar nesse breu?

– tateando, é dificultoso. entra. vou acender uma vela, não sei onde tem fogo.

– eu tenho um isqueiro.

acendeu. o rosto dele. o rosto dela. levemente iluminados. os dois naquela pequena ilha de luz no meio do mar da escuridão

– você envelheceu um pouco.

– você também.

– faz muito tempo, não é?

– é.

acederam uma vela, e ficaram em silêncio olhando um para outro. uma mulher, um homem. e estavam sozinhos. começou a chover, um relâmpago riscou a escuridão, pela janela seu clarão recortou rapidamente a silhueta dos dois.

- vai chover.
- é, faz tempo que não chovia.
- eu trouxe a chuva pra você. você gostava da chuva.
- ainda gosto, você carrega a chuva com você?
- por todos os lugares por onde ando.

novo silêncio. fitaram a vela oscilando, as cores da chama, queimando seu pavio. fitaram-se novamente quase ao mesmo instante. seus olhos brilhavam de alegria assustada. a chuva silenciosa lá fora, o vento silencioso. seus olhos calados.

- por que você voltou?
- não sei.
- imaginou que eu ainda estava aqui?
- é, mas também não esperava encontrá-la.
- você me odeia?
- não, não agora.
- e ainda me ama?
- não faça essa pergunta. deixe-me dormir aqui essa noite.
- está bem, durma comigo, sinto frio...

e dormiu lá... uma noite, mais uma noite, mais uma noite... por todas as noites restantes de sua vida. e sentiu antes de morrer que a amava. e ela sentiu um gosto de azul de céu na boca quando ele a beijou, e ficou azul como céu. e morreu um ano depois dele, muito velha. morreu descalça, de braços abertos e a chuva a bater-lhe no corpo, a molhar-lhe o sorriso...

Amor(as)

Edivan dos Santos Gomes

Acordou segundos antes de o despertador tocar, a rotina o acostumara mal, manter o despertador funcionando era quase uma formalidade. Levantou-se com a má vontade habitual de segunda-feira, apesar de o calendário acusar uma sexta, o peso das cervejas da noite anterior latejava em suas têmporas. Um pensamento sobre ter um dia ocioso cruzou sua mente, ignorou-o. Olhou pela janela, nenhuma nuvem no céu, apesar do frio cortante. Caminhou até a cozinha em meio a pensamentos vazios e incompletos, o sono impedia a construção de qualquer ideia. Pegou a garrafa térmica, despejou o café quente no copo, e tomou de um gole só. A sensação do calor crescente acordava ao mesmo tempo em que levava embora a dor aguda, tornando mais fácil pensar. Ligou o som no volume máximo, a guitarra de Clapton reverberou nas caixas de som, numa espécie de ritual que acompanhava o início de um novo dia.

Despiu-se e entrou embaixo do chuveiro, o vapor embaçava os espelhos. Levou pelo menos meia hora para sair, mas poderia garantir que o relógio mentira, não poderia ter passado mais do que cinco minutos. Fechou a mão e limpou o espelho com o punho, formando um círculo. Encarou-se para notar a presença de uma barba que acusava a falta de um tempo do qual, na verdade, dispunha, só não queria admitir.

Caminhou até a padaria e decidiu-se por uns pães de queijo, a atendente sorriu e lhe desejou bom dia. Indagou se ela faria o mesmo se o visse por trás dos óculos escuros. Com um clique metálico, acendeu um cigarro. Ficou observando as pessoas que passavam, sem rosto, pelo menos para ele. Pagou. Deixou algumas moedas no chapéu de um rapaz que dormia à porta da padaria, sem se importar com o cheiro de álcool que exalava dele.

Entrou sem nem mesmo cumprimentar o porteiro e nem tirar os óculos no elevador, o qual dividia com uma senhora, que torceu o nariz quando ele entrou, e seu poodle, que abanava a cauda freneticamente com a presença dele. Quando chegou, o som estava desligado, sinal de que Ela tinha acordado com o barulho. Já estava vestida, sorrindo como se não o visse há muito tempo. Não se preocupara em trazer nada para oferecer-lhe para o desjejum, pois assim que a pagou pelos serviços prestados, ela se fora sem dizer nada, apenas anuindo em agradecimento, como de costume.

Sentou-se ao piano e correu os dedos longos pelas teclas pensando em como completar a última música que vinha fazendo. Ao tocar quase que instintivamente a tecla mais aguda, como fazia quando buscava inspiração, seus dedos encontraram o que parecia um pedaço de papel, que parecia ter sido cuidadosamente colocado entre as últimas teclas. Era um bilhete dela:

*“A noite foi maravilhosa,
mas receio que não nos veremos mais.
PS: Fiz o suco que você gosta”*

Aquilo o perturbou de uma maneira que não esperava, sabia o que ela era, e sabia que não deveria ter deixado ela se envolver com ele dessa maneira, e agora percebia que aquele sentimento era recíproco.

Parou por um momento, pensativo, com o bilhete pendendo em sua mão direita. Enquanto isso, deslizou os dedos da mão canhota pelo teclado tocando algo que aparentemente não tinha sentido, mas que se mostrou um lamento. Pressionou o pedal esquerdo tornando a melodia ainda mais suave, e completou assim, seu trabalho. Um sentimento de satisfação pela sua composição ofuscou por uma fração de segundo sua perda, que logo retornou como um baque, deixando-o tonto.

Precisava de algo para beber, caminhou lentamente até a cozinha, refletindo a cada passo, que durava uma eternidade. Estava com a mão ao alcance do Bourbon quando lembrou-se do suco. Era a última lembrança que restara dela, pois ela sabia que seu orgulho não permitiria que ele ligasse novamente. Amoras, ela tinha feito novamente, mas pela última vez. Serviu-se, acariciando a borda do copo, como se fosse algo sagrado. Tomou um grande gole, como se esperasse que o gosto se prolongasse. Nesse momento, sentiu-se estranho, o gosto estava estranho. Morangos. Sua família sofria de uma alergia grave a morangos, foi quando ele percebeu o que acontecera. Pela primeira vez, desde que a conheceu, ela tinha tomado o controle da relação, e aquilo o deixou feliz. Sorrir foi a última coisa que conseguiu fazer, antes que a garganta fechasse.

Além daquela sala

Ingra Carla de Oliveira Cardoso

E de repente, tudo que eu queria era sair daquele lugar.

A sala, o cheiro de lavanda, as velas e as flores delicadamente dispostas na escada formariam um cenário perfeito para uma investida amorosa, se não houvesse na minha frente uma pessoa com as mesmas expectativas que eu, os mesmo desejos... E um pedido de casamento.

Um cargo de chefia era tudo que precisava naquele momento. Depois de passar anos vagando em empregos nos quais a única coisa razoável que conseguia era boas gorjetas, estava ali a oportunidade de fazer diferente. A oportunidade de provar para mim mesma que eu poderia ser alguém que minha mãe se orgulharia. “Você tem tudo para ser uma vencedora, meu docinho” era o que ela sempre me dizia, depois de servir-me os melhores bolinhos de canela que eu já pude experimentar.

Dois anos na Europa eram o pré-requisito para que eu conseguisse aquela tão esperada promoção. Meu coração sentia um misto de euforia e dor. Ao tocar no telefone, trêmula, chegara uma mensagem. “Amor, vem na minha casa, preciso muito falar com você!” Aquelas palavras que em tempos de outrora seriam tão afáveis, nesse momento pareciam lâminas cortantes que iam rompendo a pele, sorvendo de mim o resto de alma que ainda existia...

Não sabia o que fazer. Ou sabia. Meu corpo assim como minha mente, parecia mergulhado num torpor infundável. Ainda sim, ele continuava ali, com um lindo par de alianças – agora entendo porque, certo dia, ficara brincando com um barbante no meu dedo – e com a esperança que só alguém que ama pode sentir. “Como você pode agir assim? Você disse que me amava, lembra?” foi o que ouvi de um homem dilacerado diante de uma infundada recusa de casamento. Não diria o verdadeiro motivo. Isso o faria sofrer mais ainda. Seria melhor deixar as coisas sepultadas no vazio. Lutei contra mim, lutei contra a vontade de cair naqueles braços e esquecer tudo o que disseram sobre agir irracionalmente. Lutei contra o desejo de fazer-lhe um afago, lutei contra a ânsia que tinha de aconchegar o meu corpo ao dele. Ele não merecia minha repulsa, eu sei disso, mas eu não estava disposta a abrir mão dessa oportunidade que parecia única, e nos meus maiores devaneios, inalcançável. Permaneci irreduzível. Ele desiste, depois de muitas lágrimas derramadas. Acho que no fundo sabe que não adianta atropelar o ritmo da vida. Ela só age como quer. E quando quer. Ao abrir a porta para que eu fosse embora, encarou-me e disse: “Quando vi você pela primeira vez, não precisei de três segundos para saber que você era a mulher da minha vida”.

E assim virou as costas e se foi.

Posteriormente recebi um cartão de Natal, que fingi não estar interessada. “Por que que as coisas tem que ser tão difíceis? Eu não o amo mais, não mesmo!” Disse para meu amigo, que gargalhava da minha histeria, enquanto arriscava uns acordes no violão, que eu havia ganhado da minha avó. De súbito, lembrei-me dele, que sempre ria quando me via chegar da aula cheia de tralhas e um violão, cuja única serventia era me fazer perder o equilíbrio, e derrubar todos os meus textos de faculdade.

Tempos depois – de volta a minha cidade – lembrei-me daquele a quem eu havia jurado nunca abandonar, depois de escrever nossos nomes em um lenço de papel daquela simples lanchonete, que tinha cheiro de carro velho. Sempre íamos lá à tarde, quando queríamos discutir sobre o nosso futuro, que incluía um cachorro, uma piscina e longas viagens recheadas de aventuras. “E se eu tivesse feito diferente? E se eu tivesse ouvido meu coração? Será que ainda estaria em sua vida?” era o que eu invariavelmente me indagava. O peso do mundo cai sobre minhas costas. Se antes minha vida parecia um filme, no qual eu teimava em ser a estrela principal, agora ela era a pior realidade. Porque nos filmes, tudo dá certo no final e mesmo se não der, nós inventamos um. Talvez eu tenha descoberto da forma mais cruel que não é assim. Que nem sempre as pessoas estão dispostas a te ouvir, e você a elas. Penso se ainda posso sentir minha vida pulsar novamente, se é possível mudar o rumo dessa história antes que subam os créditos finais, e eu seja engolida por mim mesma. Eu tento. Uma, duas, três vezes. E em cada uma delas, sinto como se uma onda batesse em minhas costas, me levando em direção ao mar. E vou morrendo, sem poder fazer nada.

Quando desisto de tudo, inclusive de mim... Eu o encontro novamente. Ainda lateja em meu peito uma familiaridade que não consigo explicar. Uma sintonia única, que ninguém pode quebrar. É como se ele tivesse sido feito sob medida pra mim. A minha exceção. Nunca acreditei no destino, mas aquele homem, com um perfume amadeirado e cabelos levemente grisalhos, não pode ter voltado a toa para minha vida. Sei que não devo desistir agora, tudo que eu mais quero é mergulhar naqueles olhos castanhos tão expressivos e ver o reflexo do que fomos... E do que podemos ser.

Na sala está tocando *Rebirthing*. Em sua letra, eu encontro o mais profundo aconchego. “Renascendo agora, eu quero viver por

amor, quero viver pra você e por mim” o artista arrisca uns acordes, numa música que parece ter sido escrita por mim. Pela minha amargura. Sei que agora não estou só. Mesmo longe, é como se sua imagem já estivesse eternizada na minha mente. A lembrança mais terna que já tive.

Ao abrir a porta, encontro-o ajoelhado com aquele par de alianças que há dois anos fez meu coração palpitar. Finalmente, consigo dizer as palavras que ensaiei secretamente por tanto tempo: “Quando vi você pela primeira vez, não precisei de nenhum segundo. Meu coração sempre soube que você era o homem da minha vida.”

Ele estendeu sua mão. Eu a segurei... E pela primeira vez, pude ver além daquela sala.

As pálpebras que me abrigam

Isaque Felipe Carvalho da Silva

Sentados no telhado, eu e ele. Falávamos, então, da língua, desse idioma que nos inscreve na palavra. Era até comum que, entre nós, a conversa acabasse dando nesses assuntos. Ele defendia o uso da vírgula, a sua curva, o direito de respirar que é dado à frase. Eu não. Eu a negava – não gostava de pausas, elas suspendiam temporariamente a conversa, deixavam as palavras muito à mercê do pensamento. E pensamento trai, não tem rosto. Mas não negava em voz alta, não. Apenas mortificava a minha opinião no silêncio que eu criara dentro de mim. Era somente nessa instância que eu me sentia capaz de contrariá-lo, porque coragem eu não tinha. Falar assim, dizer “eu discordo” me dava um medo não sei de quê.

E o sol do Equador lambendo o mundo.

Eu me perguntava se ele sabia, se notava que eu me adaptava com aquela facilidade tamanha e tantas vezes. Não que esse negócio fosse algo realmente bom ou admirável, porque era sempre com a intenção de ser mais facilmente aceito pelos outros, de não bater de frente – porque eu quase não tolerava a rejeição. E se ele desconfiasse das razões que tornavam o meu assentir de cabeça quase instantâneo, eu ainda não saberia dizer se, naquela época, ele também me rejeitaria pelo medo que eu sentia e pela fachada que esse medo me fizera criar.

Mas nada é igual a ter 24 anos. É uma idade em que se pode sentar no telhado às 11 e pouca da manhã com aquela última garrafa de cerveja quente na mão... e curtir uma segunda-feira que ninguém mais vai curtir. Esse pensamento deve me ter feito sorrir, porque enquanto eu fixava os olhos na mulher que atravessava a rua, lá embaixo, o dia pareceu estranhamente iluminado. Com uma sacola plástica de supermercado e os cabelos mal tingidos, raiz por fazer, o cós do jeans lá embaixo, um andar de quem tem fome ou um amor. Mas nem isso eu notei. A imagem escorregou pra uma parte sem serventia da minha cabeça, uma sala entulhada de lembranças semelhantes, repetidas, anônimas, apenas mais um *frame* ao qual eu não voltaria. É que eu olhava sem prestar atenção, vagando no embalo da voz que defendia, agora, o uso do trema. E aquele novo acordo entre ortografias. A conversa podia parecer chata, papo de bêbado que vira intelectual depois de muitas geladas, mas aquele timbre me convencia da voz que distinguia entre os outros sons e cores da manhã. A mulher da raiz preta fora apenas o ponto de repouso que os meus olhos encontraram pra que o cérebro, por trás de tudo, pudesse se entregar à delícia da ausência de pensamento que cede lugar a um sentimento só, isolado e no início. Que é percebido meio que por acidente.

Que acaba de nascer.

Depois disso eu não consigo mais lembrar direito, mas acho que o celular dele ou o meu tocou, alguém falou do tempo, um cheiro de meio-dia escapou de alguma cozinha, um cão ladrou. Se mordeu, isso é lá com os sábios. O que sei é que depois desse emaranhado de pequenos eventos que se ligam frouxamente e dilatam, dilatam, dilatam as horas que margeiam essa concentração de vida à qual costumamos chamar simplesmente de “hora do almoço”, depois dessa sequência que deve ter durado menos de um minuto, eu me

estirei no telhado e fiquei encarando o sol por trás das pálpebras. Era o meu ato de coragem, encarar o mundo por trás das coisas. Primeiro aquele banho de luz cega, tanta claridade que é pior que o breu. Aí os olhos vão se acostumando, vão provando do perigo, tomando gosto até pelo que pode apagá-los para sempre. Depois a fina fatia de pele que vai se tornando vermelha sob o sangue, o calor em círculos. Até ali, nas pálpebras, corria vida.

A gente ia sentindo o corpo latejar e a pele afogar no suor da glândula. Ele continuava falando e rindo, passando da filosofia para uma piada que ouvira dia desses, na faculdade. Foi quando eu percebi que dentro daqueles últimos minutos, que pareciam tão extensos quanto horas inteiras, eu havia deixado de falar. Ou de concordar. A conversa tinha tomado um rumo de monólogo e eu parecia estar assistindo à apresentação de uma peça por cuja estreia mal tinha podido esperar. No flagrante dos bastidores, o ator começava a ceder espaço ao personagem, começava a ser ele antes mesmo de encarar a plateia ao lado, de um homem só. Mas também no íntimo, dentro de seu pensamento, ele já queria ser outro, já se olhava sob um ângulo novo, diametral. Foi quando capturei o momento fugaz e de todo inesperado dentro daquela manhã ordinária: a identidade que se despe do próprio reflexo e, completamente nua, estende as mãos para tocar outra pele.

A imagem foi se recompondo no refúgio luminoso das minhas pálpebras e eu fui agradecendo a Deus, ao cosmos ou a quem quer que se pudesse dever aquela nova onda. O ato seguiu embalando o estado de meio-sono em que entrei. Aquela voz apaziguava os meus pensamentos, punha uma trégua na briga eterna que se fazia dentro de mim, diminuía o valor de certas coisas, destacava o brilho de outras, um brilho que eu ainda não havia notado... e fui gostando. Então ele já não falava mais de filosofia, mas sim de uma fome viva

que trazia consigo, um apetite voraz que pretendia se alimentar do conhecimento do mundo. Ele se dizia capaz de se interessar por quase tudo, pela seiva que ascende o tronco, pela formação dos lençóis de água cristalina, pela neurociência, pelo mito, pelo outro. E quando disse “pelo outro” eu pensei que só podia estar falando assim, de mim, deitado ao lado, uma mão protegendo os olhos, a outra apoiando a cabeça. Ou então a minha mente desejava tanto que ele estivesse falando de mim que me pareceu a coisa mais certa acreditar. Foi isso, eu queria era crer, e como quem se converte a uma religião morta.

Mas é que toda hipótese era de uma ligação mútua. Eu nem sabia, ou talvez soubesse sem saber, como dizem.

Daí veio um tempo de silêncio. De uma rua distante escaparam buzinas, e depois disso o silêncio. Eu fui saindo devagar detrás do fino véu que me escondia... abri os olhos, a luz me cegou outra vez, o estômago abusou do álcool em excesso, me senti enjoado, perdido – mas dessas perdas em que a gente quer sorrir. Surpreendi o olhar dele, tranquilo, tentando descobrir se eu estava mesmo passando mal, se a ressaca havia finalmente batido. Ele não me perguntava nada e eu ficava achando que era só pra fingir desinteresse, mimetismo de desamor. A minha língua queria dar respostas prontas, ensaiadas, formuladas por intenções muito minhas, coisa de gente que pensa demais. Mas dele eu só tinha o olhar. Exagerei nos trejeitos de dor, segurei a barriga com as duas mãos, queria ser tocado. Queria mais. Aí, como um raio que aparece num dia sem nuvens, a sua voz rasgou o ar dizendo que ia buscar uma coca, que eu esperasse um pouco. Uma Coca. Fiquei olhando ele entrar pela portinhola do telhado e sumir no forro, lá dentro.

Uma Coca-santa-Cola pra sustar a ressaca que se anunciava. Tem coisas que só esse mundo é capaz de nos oferecer, eu pensei na hora. Ele me estendeu a latinha e sentou sobre as mesmas telhas – se

percebeu que eu me aproximei um pouco mais daquele ponto durante a sua breve ausência, nunca fiquei sabendo. O fato é que estávamos assim, mais próximos, e vez por outra os seus largos movimentos de quem explica uma nova teoria esbarravam na minha fingida prostração. Agora era a influência do aquecimento global sobre o nosso clima, que nunca estivera tão quente como neste século; “e estamos só no início dele”, dizia com voz de profeta.

Mas de repente eu achei tudo muito chato, muito academicista, forçado até. A voz me pareceu inflada de vaidade, os gestos exagerados em ares de mestre, a mesma pompa dos professores da faculdade. Uma raiva aguda nasceu e estourou na superfície do meu peito, como uma espinha. Mas logo depois secou. É que ele havia gargalhado ao final de uma frase sem sentido, e quando isso acontecia a minha vontade era de aprisionar aquele som que vinha de dentro dele e engoli-lo. E acho que foi o que fiz naquele momento, sem perceber a sede dos meus olhos, porque ele logo fechou a cara e a gargalhada terminou tão subitamente quanto começara.

A Coca descia rasgando tudo lá dentro e eu não podia mais deitar, o estômago violado queria mandar tudo de volta pra boca. Segurei um arrotto, coisa que eu nunca fazia, nem na presença dos meus avós.

Eu sentia uma urgência não sei de quê, me parecia que havia algo a ser dito, embora eu não soubesse exatamente quais palavras usar – ou se deveria mexer com palavras. Os pensamentos estavam todos lá, mais ou menos claros, mas as palavras... dizer qualquer coisa é sempre um risco, pode-se perder tanto quanto se pode ganhar. E o fato é que eu preferia ouvir. Ou ouvi-lo. E aí veio outro silêncio, mais uma pausa grande que me enchia de aflição, e ele parecia estar na iminência de se levantar e ir cuidar da vida, talvez cheio da minha presença desde a noite anterior.

Eu também estava cansado, queria dormir, a minha cabeça pendia no vão das pernas e os cotovelos apoiavam a minha consciência. Um mundo banal esse nosso. Eu estava ali, sentado no telhado, ele também, numa segunda-feira idêntica a tantas outras. Uma gota de suor caminhava pela minha testa já povoada de outras pequenas gotas e ameaçava se lançar. Eu queria vê-la molhar o limo vivo da telha, matar a sede imediata daqueles pequenos organismos. O sal nos meus poros, o açúcar correndo o sangue. Mas, então ergui os olhos como prefácio do meu próximo gesto, e a gota me escorreu no rosto. Estendi a mão, a que não segurava a latinha de Coca, e toquei o dorso da mão dele. Que educadamente foi retirada.

É mesmo verdade que, exceto pela concavidade da palma, a mão nunca se disse abrigo...

Mas quem disse isso? Deve ter sido algum cara famoso, não sei. Só sei que voltei às pálpebras, me escondi atrás delas. Sob a fina pele e o rosa-sangue é sempre permitido chorar.

Futuro de um pretérito mais-que-imperfeito

João Marcelino Pantoja Rodrigues

Foi acordado pelo barulho da ventania...

A barraca de acampamento teria sido arrancada praia a fora não fossem as fortes estacas fixadas feito raízes na areia amarelo-escura que se estendia às margens da grande ilha.

Era o quinto dia após o naufrágio. Os outros três camaradas – um cachorro vira-lata e duas mulheres, até há pouco tempo desconhecidas – multiplicavam, a cada minuto, as expressões de tristeza em seus semblantes já cansados. Preciosa matéria para criação de inúmeros quadros pelo pintor, se ele estivesse com suas tintas e pincéis ali. Mas não estava. No bote salva-vidas em que foram arremessados não houve tempo para colocar mais nada além da barraca de acampamento que lá já estava, espremida numa bolsa.

Após alguns minutos remando no bote, viram o navio adormecer melancolicamente na imensidão azul do Pacífico. E com ele pincéis, tintas e vidas...

De repente o homem viu-se ali: diante de três outros resquícios de vida. As duas mulheres, quarentonas e metidas a madames, que ele havia visto pela primeira vez em meio à gritaria da distribuição dos botes, agora reclamavam de tudo o tempo inteiro, num desespero só,

beirando quase à loucura. O cachorro, provavelmente nativo da ilha, era novato naquele trecho. Havia aparecido havia dois dias, fazendo-os acreditar que viesse, talvez, do outro lado, ainda desconhecido. Já deprimido pela falta de latas para virar, mal ousava erguer a cabeça para espantar os mosquitos que transitavam entre suas orelhas e os leques improvisados das madames.

Sem pincéis e tintas, o pintor não abandonava o ofício. Contemplava as feições sobreviventes e as desenhava cuidadosamente no ar, por horas a fio, parecendo até um maestro. Até que o sol se punha e as cortinas do Pacífico se fechavam...

Árvores nativas lhes forneciam frutos comestíveis. E havia bambus, de onde se retirava água doce. Era só. A barraca de acampamento era utilizada em um sistema de rodízio. E a rotina seguia sólida naqueles dias: o pintor colhia os frutos no princípio de floresta que margeava o litoral e os dividia com as duas mulheres; comiam e jogavam os resquícios para o cão; o cão comia; mandavam-no ir embora; entreolhavam-se e conversavam brevemente sobre o ocorrido; lamentavam; as mulheres choravam em tom de desespero até que o cansaço batia; o cão se aproximava novamente; dormia; eles também.

Como se conversassem pouco, não se conheciam profundamente. Mas já haviam descoberto os nomes, pelo menos: Elizabete e Ana, as madames; Jorge, o pintor. Ao cachorro haviam dado a óbvia alcunha de Bob. É o nome que normalmente se dá ao quadrúpede (e as circunstâncias não eram inspiradoras para se escolher outro). O cão pareceu aceitar. Ou, pelo menos, não se mostrou contrariado.

Ao subir em uma rocha, no quarto dia, o pintor havia visto quão grande era a ilha. Verde que parecia não acabar mais. Quem sabe o cão houvesse saído de um povoado por ali. Mas podia ser perigoso irem ilha a dentro. E se houvesse grandes predadores selvagens?! Ou, pior: canibais?!

Se havia tais criaturas, ainda não os tinham descoberto, ao passo que a misteriosa presença de Bob instigava cada vez mais o homem a desbravar as entranhas do desconhecido.

E naquele dia, o quinto após o naufrágio, com a ventania que se intensificava a cada minuto, anunciando uma enorme tempestade, era necessário procurar um abrigo mais seguro. O pintor, assim, abandona as últimas raízes de receio que o mantinham fixado à areia amarelo-escura do litoral; pega apressadamente as duas mulheres pela mão e corre para a floresta, ao que a tempestade começa a descer num estrondo assombroso.

Após alguns minutos de frenética correria, as mulheres caem de cansaço; o cachorro desaparece entre as árvores e um clarão corta o horizonte, seguido de um estrondo avassalador: um raio segue na direção do homem, como um míssil teleguiado. Ele esboça um grito de desespero e desmaia.

Acorda, suado, no interior de uma caverna. Ergue-se, atordoado, e vai em direção às paredes, pintadas. Entram duas mulheres, seminuas, em pinturas primitivas. Sim! Eram mulheres dele! Agora se lembrava. Olhou seu corpo, também pintado rusticamente. Estava em seu habitat. Não se chamava Jorge, nem as mulheres possuíam quaisquer nomes. Havia tido um pesadelo, ao que parece. Era sim pintor. Mas pintava paredes e não conhecia pincéis, nem navios, nem um oceano chamado Pacífico, nem cachorro algum com nome de gente. Tais imagens lhe surgiam frequentemente em vultos e *flashes*, quando adormecia, montando mosaicos em seu subconsciente. E os nomes das coisas que via lhe iam sendo soprados pelo acaso...

Estava a salvo e parecia feliz ali. Saiu da caverna. A ilha era verdadeira e bem assim o litoral, tão próximo! Foi até lá, sentiu a espuma das águas oceânicas acariciando seus pés. E concordou que Pacífico talvez fosse um nome apropriado. Mirou o horizonte e, pela

primeira vez, sentiu uma leve curiosidade em saber o que havia para além dele.

O sol se punha e ele pôs-se a pintar no ar o pesadelo que tivera, como um grande maestro regendo uma orquestra sinfônica. Atrás dele, as duas mulheres e o cachorro esboçavam milhares de expressões de preocupação em seus semblantes. Os pesadelos estavam cada vez mais frequentes e sua saúde podia estar em risco. Era tudo o que sabiam.

Enquanto isso, o maestro continuava seu show na penumbra do anoitecer litorâneo. Todo o resto era incerteza...

Percepção

João Victor Rocha Micuanski

As últimas gotas de chuva caem nas poças recém-formadas e valas abertas, fluindo em direção ao esgoto entupido, assim como o sangue flui através das minhas veias cada vez mais acabadas. A luz da lua se intensifica à medida que dou meus passos em uma rua qualquer com padronizados prédios antigos com suas antigas e derrotadas pinturas descascando, uma forma de externar a verdadeira natureza da cidade.

Meus pés encontram dificuldade para caminhar entre os restos de lixo que ocupam a calçada, lixo orgânico e inorgânico. Alguns são restos mortais como eu, jogados e atirados ao vento, se apoiando onde podem, dormindo onde existe algum tipo de proteção contra os tempos frios que se aproximam. É impossível não pensar como a luz cálida que me encobre complementa perfeitamente o vento cortante da noite, vento que faz minhas mãos se enterrarem nos bolsos de meu jeans rasgado.

Meu pé afunda alguns centímetros em uma poça, encharcando meu sapato desbotado e meia rasgada, os respingos se tornam lágrimas em um oceano a medida que desaparecem entre outras poças e na escuridão. O pequeno barulho não passa despercebido e acorda alguns moradores de rua que me olham com os olhos semicerrados, acompanhando agora cada passo que dou. Não me

preocupo, minha atual aparência e vestimenta não é tão diferente daquela que eles usam.

Meus olhos vão se cansando e começo a ver as coisas de forma diferente, minha exaustão já começa a se manifestar de forma mais expressiva, os moradores de rua se tornam figuras sombrias de características demoníacas que ficam à espreita, esperando, contando os segundos para se apoderarem de minha alma. Meu passo acelera. Um grupo de cães aparece e começam a atravessar a rua, aos meus olhos se parecem cada vez mais com uma matilha de lobos ou coiotes. O sinal está vermelho e nenhum carro está passando por perto e os cães caminham lentamente chegando ao outro lado da rua, onde um deles me fita com seus olhos pálidos. Eu consigo ver meu reflexo neles, pelo menos o reflexo do meu corpo, minha alma se mantém escondida nas sombras.

Percebo que fiquei parado durante alguns minutos observando os cães desaparecerem na imensidão de uma rua e na escuridão que parece estar avançando rapidamente com a meta de cobrir toda a realidade, apesar de não saber mais ao certo o que é isso. Meus sonhos se tornam mais reais e meu mundo mais distorcido. Volto a andar, arfando, a cada passo minha respiração parece piorar gradativamente, mas faço esforço para continuar andando e chegar rapidamente ao meu destino... Destino, uma palavra com duplo significado e ambos podem parecer igualmente desoladores e sem esperança.

Minha caminhada continua, mas agora distraído com luzes brilhantes de prédios modernos, espelhados e limpos que caracterizam a nova rua em que me encontro. Uma rua moderna, artificial, falsa, assim como as pessoas que transitam nela de manhã e se escondem nos prédios à noite. São apenas sombras distorcidas de suas desfiguradas imagens, sem nenhuma boa característica dentro

de si, movendo-se diariamente como figuras carnavalescas protegidas pelas máscaras que escolheram.

Porteiros e seguranças me olham de forma desconfiada, apesar da postura confiante e segura estão assustados com a minha presença quase fantasmagórica. Uma mortalha perambulando na terra dos vivos, pelo menos é isso o que eu noto ao ver meu rosto sendo refletido em uma janela perfeitamente clara, mas que parece ficar mais suja como minha presença então acelero o passo poupando-a de mais sofrimento. Minha boa ação do dia.

Admiro quietamente e de forma transitória um outdoor de perfume com uma moça bonita, a palavra felicidade tem grande destaque na propaganda, ideia reforçada pelo sorriso brilhante da modelo. Felicidade... Não passa de uma palavra que talvez significasse alguma coisa ou outra se eu soubesse a diferença.

Um carro passa de forma devagar pela rua com um som no volume máximo, a música é lenta e diz claramente “Eu já estive aqui antes, voltarei por mais, talvez dessa vez eu possa permanecer para sempre”. Um pequeno sorriso cínico é esboçado na minha face com esse pequeno recado irônico do mundo.

Vários carros agora correm nas ruas asfaltadas, deixando marcas de borracha na mesma, marcas que como as pessoas na terra desaparecem facilmente com o tempo. Espero por um movimento mais tranquilo ou inexistente para poder atravessar, mas enquanto aguardo olho um bar, quase ao meu lado, sendo fechado por seu proprietário, apesar de ainda ter um cliente no balcão tomando do gargalo de uma garrafa de uísque, sem intervalo para respirar. Sem carros na rua, eu volto a andar.

Eu chego a um prédio de somente três andares, aparentemente novo e bato três vezes na única porta que ele tem. Espero por algum tempo até que a porta se abre e uma figura escondida nas sombras

começa a me fitar com seus olhos brilhantes. Retiro de meu bolso dinheiro e entrego à figura sombria que em troca me dá uma pílula azul, de formato gelatinoso e rapidamente fecha a porta.

Encostando-me ao prédio, coloco a pílula na minha boca e engulo a seco, sem dificuldade alguma por já estar acostumado a isso. Sentado e com pupilas quase fechadas, me esforço a me manter acordado enquanto os carros que transitam por perto se tornam em luzes multicoloridas que desaparecem e aparecem com grande velocidade. Começo a questionar se já estou sonhando ou até mesmo se seria tudo que se passou até agora era na verdade um sonho dentro de um sonho. Belisco-me com força para sentir dor e saber se tudo isso é real, mas novamente, o que é de fato real? Meus olhos se fecham enfim.

Clarice e os outros

José Aremilton Alves de Oliveira

Naquela noite, quando retornei do trabalho, encontrei Clarice cercada de compras no meio da sala. Inúmeras sacolas se encontravam sobre o carpete e delas se derramavam vestidos suntuosos, tecidos de seda, casacos de pele, graciosas calcinhas e um emaranhado de sutiãs. Sobre o sofá, eram as joias que se espalhavam, produzindo uma orgia de brilhos raros. No colo de Clarice, cintilava um pingente de esmeraldas e rubis; nos pulsos e nos dedos, luziam o ouro e a prata, a safira e o diamante. Ela desmanchava uma infinidade de pacotes, distraía-se naquela atividade, sem se dar conta de que eu estava ali, parado na soleira da porta, a pasta de couro caindo da mão embasbacada, a boca se abrindo patética, estupefata. A empregada correu ao meu encontro, doutor, doutor, ela enlouqueceu, deve ter sido algum espírito que baixou no corpo da patroa, falou pressurosa, quase me arrastando pela gravata. Fui até minha mulher, tendo o cuidado de não pisar nas caixinhas de perfumes e nos potes e frascos de cosméticos jogados ao chão, Clarice, o que significa essa farra toda? Ela nem me olhou, rasgava um pacote amarelo que acondicionava uma peça de lingerie, não entendo sua língua, disse num francês impecável, justamente ela que nunca dominara a língua de *Flaubert*. Fiquei ainda mais atabalhoado, e desde quando sabes falar francês, Clarice?, perguntei também em francês. Ela examinava

agora a elasticidade de uma calcinha de *lycra* vermelha, eu me chamo Ema, não Clarice, disse de forma indiferente. Sacudi-a pelos ombros, tentando resgatá-la daquele transe psicótico, Ema?, perguntei, que Ema, mulher? Ela então voltou o rosto lentamente para mim, Ema Bovary, o tom de voz era de alguém que não se prendia totalmente à realidade, me leva pra Paris, pois morro de tédio neste lugar.

No dia seguinte, não havia vestígios de Ema Bovary em Clarice. Nem ela se lembrava do que acontecera, acordou com a mesma serenidade no rosto feliz. O tédio que a levava a se esbaldar em compras supérfluas não lhe pertencia. Fora um traço exclusivo de Madame Bovary.

Algum tempo depois, fomos ao velório de um amigo. O lugar tinha o odor de velas derretidas, misturado ao perfume de flores murchas. De quando em quando, soluços e gemidos emergiam daquele silêncio fúnebre. Clarice consolava a amiga viúva junto ao caixão. O morto jazia ali com o rosto solene, o terno impecável. As mãos postas e rijas sobre o peito. Pareceu-me então que vi em Clarice um súbito estremecimento, seus ombros foram sacudidos como se recebessem breves choques elétricos. Depois chorou em silêncio, tentando dissimular as lágrimas. Sabia que eu a observava. Quando olhou pra mim, vi que tinha belos olhos de ressaca, dentro dos quais se escondia o brilho de uma traição não bem configurada. Aqueles não eram os olhos de minha mulher, sabia a quem pertenciam. Capitu. Eu me aproximei dela. Uma euforia sacudia o meu peito, minha pergunta explodiu impetuosa, seca e direta, você realmente traiu Bentinho? Um sorriso floresceu na boca possuída de Clarice, de que adiantará a minha resposta? Todos conhecem o relato de meu marido!, e então ela se contorceu violentamente, caindo desfalecida ao chão. Quando tornou a si, Clarice era novamente Clarice.

Clarice quis ir ao psiquiatra, atormentada pela ideia de que estivesse ficando louca – os lapsos de memória após cada um daqueles estranhos episódios lhe torturavam. Submeteu-se a baterias intermináveis de exames. Nada. Não se tratava de esquizofrenia, nem de qualquer outro transtorno mental. O médico a achou bastante normal, além de expressar admiração pelo gosto refinado que ela demonstrava possuir. A fluência verbal de Clarice, discorrendo sobre a literatura universal, era realmente algo espantoso.

Como de costume, às quintas-feiras, fomos mais cedo para a cama. Havíamos tomado vinho após o jantar. Ao fundo, a música suave, quase sussurrante e o desfile harmonioso dos acordes. Deixei-a na cama, enquanto retornava à sala para apanhar nossos discos favoritos. Quando retornei ao quarto, ela estava lá, sobre a cama, bordando um pequeno lenço. Quis tocá-la, ela se esquivou, disse qualquer coisa numa língua incompreensível – que depois eu soube ser grego – e, com gestos, me fez entender que deveria esperá-la terminar sua estranha atividade. Imaginei que aquela tarefa levaria alguns minutos e esperei, não sem alguma impaciência. Ela bordava com uma habilidade que eu desconhecia, nunca a vira empenhar-se em tal ofício. Clarice cantava baixinho. Suas mãos descreviam movimentos precisos, conduzindo a agulha para sucessivos mergulhos no tecido fino, de onde logo emergia arrastando a linha vermelha atrás de si. Pouco a pouco, no lenço, esboçava-se a figura de uma rosa. Algum tempo depois, reparei que aquele trabalho estava quase completo – as pétalas, as folhas e os ramos emergiam na superfície branca do tecido, compondo um desenho primoroso. Ela voltou a falar e, vendo suas mímicas, logo compreendi que me pedia um copo d'água. Fui à cozinha atender seu pedido e logo retornei. Levei um susto que quase fez cair o copo de minha mão. Ela desfizera tudo e reiniciava pacientemente todo o bordado. Quando estava prestes a

concluir o trabalho, sempre recorria a um artifício para que eu saísse do quarto. Eu retornava e lá estava ela reiniciando o que desfizera na minha ausência. Isso durou a noite inteira e eu percebi que ali não estava Clarice. Era Penélope esperando por Ulisses.

Alguém já havia dito que Clarice possuía o dom da mediunidade, mas, até então, não tínhamos levado isso muito a sério. Decidimos, assim, procurar ajuda além da ciência e da lógica. Cerimônias de umbanda. Espiritismo. Sessões de descarrego em igrejas evangélicas. Ninguém tinha explicações coerentes para aquilo que se manifestava em Clarice. Mas, certo dia, um velho caboclo do Marajó – grande conhecedor dos mistérios da pajelança – nos disse que se trata de um caso raríssimo de encantaria. Clarice possui um grau muito elevado de mediunidade, abrindo seu corpo para as entidades mais sublimes que possam existir. Não se trata de maldição; antes, é uma bênção, um privilégio, um dom divino. Isso muito nos acalmou.

Hoje, pela manhã, levei um susto daqueles quando acordei. Clarice prendera os cabelos numa bela trança e corria pelo quarto, como se estivesse no encalço de alguma coisa, que eu não conseguia enxergar. Saltei da cama e ela quase me atropelou, saía da frente, senhor, saía da frente, por favor!, gritava meio aflita, num inglês de forte sotaque britânico. Que está acontecendo?, perguntei-lhe confuso e curioso, tentando adivinhar de quem se tratava desta vez. Estou perseguindo um coelho, ela respondeu e estacou diante do espelho, você não o viu? Ele fugiu por ali, disse, apontando para a superfície do vidro. Não tive dúvidas. Era Alice quem fazia tamanha algazarra no meu quarto. Lá fora principiava uma bela manhã e eu saí para o trabalho, sem maiores preocupações. Quando voltar para casa, talvez eu encontre Lolita ou Ana Karenina ou Diadorim ou Clarissa Dalloway. Quem pode imaginar a próxima personagem de Clarice? Mas tudo isso passa, eu sei que logo passa.

Strawberry fields forever

Leandro Cavalcante Lima

*O que tornava Ms. Kilman penosa de suportar
era que sempre falava de seu sofrimento.*

(Mrs. Dalloway, Virginia Woolf)

Feroz rasgou o roxo véu da uva. “Mas que despropósito”. Estava-lhe amarga. Cascas amargas. A vida se tornara traventa. Embora de seu interior lhe restasse o succulento sumo. Agrotóxicos, pensou. Sem dúvidas o parreiral fora tratado com pesticidas. E as frutas, ainda ingênuas, vestiram-se quimicamente contra as vicissitudes mais adversas. Aprendera aquelas coisas em um daqueles documentários de sexta-feira à noite. As empresas do mundo diziam-se ecologicamente responsáveis, mas em verdade não davam conta de produzir uma mísera uva palatável por completo.

“Que houve homem?” Carol o via mal-humorado por outra manhã. “Nada.” Escutou ríspida resposta. Solveu o ar o mais profundo que pode. Usando o diafragma. Claro. A lembrar-se do que lhe disse a psicóloga. Como aquele casamento se transformara em tormento depois que a filha foi estudar longe. Conviver com o marido já não era o agradabilíssimo sonho que compartilhavam em 1983. E agora tinha que lidar com “transtorno de ansiedade generalizada”. Diagnóstico esse que exigiu da psicóloga. “Ora, como tratar-se sem

saber ao menos o nome do problema?”. Heitor lhe chamava de louca, vez ou outra. A verdade é que ele não sabia suportar as vacilações, as fraquezas e a vulnerabilidade de uma mulher na menopausa. 30 anos de relacionamento. E um “nada.” Sabia muito bem o significado do nada.

Não tens o que fazer com as panelas? Por que me olhas assim, mulher? “Nada, Heitor, por nada”. Odiava quando ele lhe chamava de “mulher” daquela forma. “Um homem não pode pensar sobre as coisas em paz”, falou para si enquanto cuspiu as sementes. Contra aquele olhar severo, Carol não podia. “Devia ir mesmo lavar a louça do café”. Em frangalhos, molhar os dedos e polir a textura de si nas colheres e nos pires. “Sim, lá vai ela aborrecida de novo”, disse. “Se ela sabe que depois de acordar, e especialmente aos domingos, fico ‘indisposto’, era a palavra que Heitor usava. “Por que me aborrecer? Ela com suas ‘neuroses’ e ‘ansiedades gerais’. Tinha agora, ora essa, mais uma conta para pagar, isso sim. Psicóloga! Phruuu! Coisa de Nádia, a amiginha burguesinha dela”.

O amarelo invadia a casa pelas janelas e frestas agitado pela ventilação e pela poeira da manhã. Agradável manhã de domingo. Um dia inteiro para se escolher o que fazer.

Na cozinha Carol espreitava a pequena horta no quintal. Recebia a luz no rosto e no busto. Seu cabelo devia brilhar um pouco ao sol, agora que usava aquele xampu do comercial da novela. Como gostava da delicadeza da água nos dedos, nas mãos, no pulso. Era tão reconfortante, afável. Sentia-se bem. Gostava de ser dona de casa, como sua mãe e a avó e a avó de sua avó. Uma nobre linhagem de mulheres dispostas à vida doméstica, a nobreza deliciosamente as obrigava. “Engraçado”. Quando pensava em Daiane. Sua filha, sua única filha, sentia como se ela desrespeitasse o pacto. “Era até bonito de ver Daiane na universidade. Tudo bem, em outra cidade”. O que

lhe entristecia um pouco. Mas se sentia irritada só de lembrar que o seu bebê lhe dissera que o casamento era uma instituição falida. “Ora essa. E família era empresa agora, para falir? Devia ser essas ideias malucas de universitários”. Era como Heitor quando o conheceu. “Sim, exatamente como o pai. Heitor tinha aquela besteira de se achar socialista, troteskista, não-sei-quê”. Rsrtrs. Depois que casaram era só dinheiro. “Só se preocupa com o dinheiro”. Hahaha. “Ah, a juventude”.

Em meio ao tapete uma poça de luz se formava com os feixes que deixava adentrar a janela da sala. Heitor recebia as ondas quentes naquela margem brilhante com os dedos dos pés. Suas havaianas gastas, pretinhas, como gostava, eram seu escape do mundo concreto. Fechou os olhos e se viu no campinho do clube, a fazer suas embaixadinhas para contento dos camaradas. Daqui a pouco iria bater aquela “pelada” com o pessoal do bairro e após o jogo eles se reuniram no Beto’s Bar para uma... Não. Três cervejinhas. “Eita, que agora senti aquele gostinho”. Depois viria para casa e sairia com Carol para o almoço de família, na casa da sogra. Virou-se para ligar o som. Queria escutar The Beatles. Baixinho. “A pilha do controle já tá é meio gasta”. Ajeitou as pilhas e, agora, na terceira tentativa os botões ligaram o aparelho. “A sogra gostava de reunir todo mundo no domingo”, continuava a pensar. “Principalmente, agora, depois que o velho Nicanor morreu. Nunca vi homem mais chato. Carol tava era ficando como ele”.

“Às vezes acho que sempre ouvirei a voz de minha mãe nos chamando”. Ponderou Carol enxugando um prato. “Strawberry fields forever.” “Nossa!” Como gostava daquela música. Ela sabia que depois de escutar as baladas dos The Beatles Heitor sairia. Terminou de guardar nos armários a louça e foi ver o marido. “Não se esqueça de comprar refrigerantes na volta do campo”. Quando ele pegou a

mochila com as chuteiras lhe deu um beijo no rosto. Sabia de algum modo que a repetição dos dias tornava seus hábitos sagrados. Era a própria concretude do seu casamento. Sentiu que naquela amanhã foi feliz, apesar de tudo.

Artemis 902

Maurício Leal Dias

*Nunca sobra corpo pra viver o que se aprende,
mas vou tentar ser breve, sei que é foda. Aliás,
histórias de amor costumam mesmo ser breves...
mas, também podem ser foda.*

LEO BUFONE

Em 1994, o Peixotão já era conhecido como “O Favelão do Centro”, mas nunca me importei com o tom depreciativo. Na verdade, sentia até certo orgulho de passar fome no centro da cidade. Algumas pizzarias tinham um lixo genial. Éramos os escravos urbanos do blues e do jazz. A Campina era o nosso Cotton Club, nossa Roseland e a Carlos Gomes, nossa Times Square. Tinha de tudo naquele bairro: sexo, drogas e rock’n’roll. Plena Belém de Gomorra, que era como nos referíamos ao fedor da querida capital.

Sonâmbulos de todos os sexos, todas as idades, desciam, apareciam às duas da manhã, todas as noites; e ficavam lá curtindo som, puxando um fumo, conversando sobre música, teatro, cinema, livros – política não, que política é coisa de gente normal, respeitosa, séria, acima de qualquer suspeita.

Ao longo da rua, os cantos escuros eram concorridos por

sexualidades dúbias: Sexo escroto, barato, uma mistura única de cabeças pensantes, falantes em várias línguas e androgenia verbal, do clássico ao brega.

Eu ensaiava um grupo de teatro na época, e consegui comer todas as alunas num período de três meses. É impressionante como algumas alunas têm um tesão automático, quase caricatural por professores. Leo era porteiro de condomínio, mas estudava música, tocava saxofone. Largou a classe média para conhecer o mundo e fazer o seu som. Tinha um sobrenome engraçado, assim como o meu. Sempre passava minhas namoradas pra ele. Morávamos juntos na quitinete mais vagabunda do bairro: sem água, sem luz, sem banheiro... sem chave. Perfeito para os nossos dezenove anos. Como a grana era curta, nos tornamos bandoleiros dedicados à vagabundagem culta: eu vendia poemas por um real, pelos bares, os casais se amarravam nos improvisos; ele tocava qualquer coisa, em qualquer espelunca.

Carlos Gomes com Campos Sales. Bar do Pirata. Chamavam assim por causa do papagaio do Toninho Diabo, dono do Bar, aposentado como doido. O apelido era porque tinha tentado a carreira de ladrão, que não deu certo. Pois é, e o “Lôro” era muito sacana, pegou o jeito de falar de todos os clientes do boteco. Chamava-me de “Brôu, Brôu, Brôu”. Ao Leo, chamava de “Luner, Luner”.

Sempre nos metíamos em confusão. Normalmente começava por mim, tentando passar a perna nas caras novas. Mas o Leo sempre aparecia e me safava.

Uma vez, levei uma facada nas costas por sua causa, por ser seu amigo. Encurralaram-me na Gama Abreu, disseram que era só um recado. Fiquei lá, sangrando, estirado na sarjeta. Como havia chovido, pensei ter notado um barquinho de papel tentando atravessar a cordilheira vermelha pelo sangue, entre o asfalto e meu braço direito.

É engraçado como lembro sempre daquele barco.

Quando o Bufone me encontrou, andou comigo no ombro do Comércio ao Pronto Socorro. Passou o caminho todo contando piadas sem graça, dizia:

– Pelo menos ri, seu filho da puta, senão vai à pé, da próxima vez.

– Deixei duas pagas no Toninho. Se eu morrer, talvez ele libere mais duas para o velório. Talvez você até consiga vender um órgão ou outro, dizem que é grana certa. No pulmão vai ter que rolar um desconto.

– Ih, rapaz, acho que não vai dar. Já tô devendo três pro Diabo desde ontem. Quanto a vender os órgãos, que tal vender a tua cara de pau, ô, Pinóquio?

Dessa vez eu ri.

Chegando à enfermaria, segurou minha mão até me atenderem cinco horas depois. Roubou comida dos outros enfermos pra que eu não ficasse na broca. Ficou três dias sem dormir, ao lado daquela cama imunda, naquele corredor, achando que eu ia morrer. Meu amigo, Leo Bufone.

Quando melhorei e voltamos, ainda sem dormir, foi atrás dos caras. Nunca me disse o que se passou, só sei que os sujeitos desapareceram.

Época das vacas magras. Bebíamos e fumávamos com o que conseguíamos roubar dos outros sonâmbulos. Maior papo furado: arrumávamos umas mulheres pros aposentados, pros defeituosos, bebida e cigarro pros casados, doces pros diabéticos e boquetes juvenis para as coroas solitárias. Mas as únicas mulheres com vida útil que desciam, desciam acompanhadas de namorados, amantes... e gigolôs.

– Olha a pupunha cozida!

Era o Macarrão: Ex-radialista, ex-vendedor de Q-Boa, escritor

falido e, é claro, manguaceiro de pai e mãe. Vendia de tudo pra beber, mas jamais roubava. Uma voz de trovão. Tinha quase dois metros de altura e uma magreza de vestibular pra faquir. Aparecia muito pra contar as novidades dos taxistas e putas, e tinha sempre a aparência de quem acabara de sair do banheiro.

– Já souberam? A dona do 902, a dona Jazzmin foi abandonada pelo marido. Está vendendo tudo que tem na casa. Uma maravilha: corpo febril, uma mulher de estilo e tudo o mais. Seríssima. E, olha? Quer falar com os dois. Mandou chamar os dois malandros.

Eu, que estava concentradíssimo nos movimentos suspeitos de um pão com mortadela abandonado na mesa do lado, mal ouvi. Mas o Leo, sim. Tanto, que quase se afogou com a cerveja quente. Dona Jazz, como todos a chamavam, habitava solidamente suas fantasias “poeteiras”. Também tocava violoncelo e o Leo sempre ia para a esquina, para ouvir melhor ela ensaiando Villa Lobos.

– Dona Jazz? Com a gente? Mas o que a grã-fina ia querer com dois pedaços de bosta? – Leo sempre esbugalhava os olhos quando ficava nervoso. Era o homem mais destemido que se possa encontrar, seu único defeito era a insegurança com mulher. Qualquer mulher o deixava vesgo de medo. Dizia que só não era mais virgem por causa da família numerosa, cheia de primas devotas.

– “Vamo” lá, porra! Levanta, que deve ser coisa de grana. Ela deve querer que a gente venda alguma coisa pra ela. Vai rolar comissão, aí a gente toma uma sopa com ovo cozido no Verol – Dois e cinquenta, na época.

Levei o Leo quase arrastado pelos cabelos. Dobramos a Frutuoso e me lembrei do pão com mortadela.

– “Guenta” aqui, que eu já volto.

Voltei com a boca cheia de mortadela com manteiga. Sempre fui “pedinchão” e um morto de fome muito do descarado.

– Toma a tua parte, Cabeçudo.

Ela morava numa casa bonita, de estilo antigo, talvez herdada da família. Batemos palma e aquela doçura veio atender só de camisola. Pensei: – “Hum.”. Ao meu lado, o Leo só gemia: – “Ai (...), mamãe”.

DONA JAZZ

– São vocês?

Olhamos um pro outro, balançando as cabeças. Comecei a desconfiar de algo estranho. Tive um pressentimento claro, mas deixei pra lá.

– Entrem. Preciso de um favor muito especial.

– Prontamente, Madame.

A casa estava quase vazia, sem energia elétrica. Sentamos em caixotes de verdura. Seu cello era a única coisa na sala.

Segurando uma vela nas mãos, altiva, ela disse tudo de uma vez, a história toda do abandono do marido que levou tudo, deixando ela sem nada, que ia ser despejada em menos de um mês e no final, acrescentou:

– Me disseram que vocês conseguem vender qualquer coisa. Tenho uma coisa pra vocês venderem. Pensei muito.

– O violoncelo? Pode dar uma boa grana. – perguntei, ansioso para comer, tentando me concentrar na situação.

– Não, ele não. Outra coisa.

Fez uma pausa sofrida e completou:

– Meu corpo. Quero ser puta, mas não sei por onde começar. Preciso de um cafetão... ou dois, pra ser mais exata.

Tentem imaginar nossa cara quando ela, sem dizer mais nenhuma palavra, afastou as alças da camisola, movendo levemente os ombros, deixando a seda cair aos pés e perguntando, pragmática:

– O que vocês acham? Dá pra cobrar quanto?

Ficamos alguns mudos segundos olhando aquele corpo cheio de uma nudez chorosa, largada à própria sorte da beleza que a compunha. Ela era realmente a mulher mais linda que eu já tinha visto na vida.

– Alto. A senhora vai ficar rica, dona – foi a primeira coisa que me veio à cabeça dizer.

Leo se levantou e pediu a ela que se vestisse de novo. Daríamos a resposta na noite seguinte. Mas, é claro que aceitamos. Com uma condição do Leo: não haveria varejo, nem atacado. Faríamos um leilão entre os vizinhos e ninguém poderia saber quem ela era, pelo menos até o momento certo, um pseudônimo seria melhor: O dono do melhor lance passaria uma noite com ela. Isso seria suficiente para que ela começasse vida nova em outro lugar e nós tirássemos a barriga da miséria.

Antes de sairmos, ela se virou para o Leo e perguntou:

– Não vai me perguntar por que não vendo o violoncelo?

Bufone olha para os pés, depois para os olhos dela:

– Não preciso. Eu já sei.

Uma semana depois, um cartaz improvisado no Bar do Pirata, dizia:

“QUE TAL UMA FARRINHA?”

Artemis 902.

Mulher de fino trato, pele aveludada.

Sensual, provocante, educada, cheia de charme.

Venha enlouquecer com essa novata atrevida, estilo mulherão.

Uma gata de tirar o fôlego, com curvas de cair o queixo.

***Apetitosa, recém-desquitada de marido broxa,
apaixonada pelo prazer.***

1,70 de pura beleza para você que está

cansado de arrependimentos.
Jeito de menina, uma boquinha ultra suculenta,
molhada até o final.
Uma garganta profunda, uma faminta.
Verso Total.
Venha se deliciar com seu beijo grego.
*Contato para o leilão: ****-1990”*

Exagerei ao máximo. Levou apenas uma semana para que todo o bairro da Campina soubesse da novidade: uma mulher, vulgo Artemis 902, levaria seu corpo à leilão no próximo sábado, em horário e local não divulgados.

Todos perguntavam: – “Quem é, quem é?”.

Cuidei de tudo, de todo o marketing do negócio. O mistério só seria revelado na hora. Paguei uma garrafa de tatuzinho pro Macarrão não abrir o bico. Nossa parte seria de trinta por cento, quinze pra cada um. O sigilo seria total na venda dos ingressos. Leo ficaria com ela, dando proteção e não deixando que nenhum urubu curioso aparecesse e melasse a oportunidade de negócio.

Tudo arranjado. Ingressos esgotados. Mas faltava um leiloeiro, então chamei o Diabo. Ele cederia o bar e aconteceria tudo às quatro da manhã da noite seguinte, um sábado.

SÓ, EM BELÉM

A Carlos Gomes parou. O bar superlotou, não cabia tanta gente.

– Assim é ralado. Que negócio é esse? Não dá, não dá.

O primeiro show foi da Cheiro Verde, a *stripper* mais cobiçada do Comércio. Sua especialidade era “gozo com esguicho” na cara

dos espectadores. O segundo foi de um casal que ia transar, mas na hora o cara broxou legal. Todo mundo gritou, até o papagaio: “bicha, bicha”.

Tivemos que guardar as mesas e cadeiras. Gente de todo lugar: empresários, policiais, padres, taxistas, pedagogos, advogados, pastores evangélicos, moribundos. Todos se apertaram gritando: – “Eba!”, quando Dona Jazz, visivelmente triste, porém, mais linda do que nunca, e eu, chegamos. Só o Bufone tinha sumido. Não o via há uma semana, ocupado com os arranjos.

Primeiro lance: mil reais, segundo lance: mil e quinhentos...

Não me toquei na época, não percebi o quanto toda aquela vizinhança tinha uma tara por dona Jazzmin. Até mulheres davam lances apressados.

– Cinco mil. Cinco mil e quinhentos.

– Olha a ordem. Olha a ordem, porra!

De repente ouve-se um grito do lado de fora do bar:

– Trinta mil!

Todos olharam surpresos para o dono da voz. Era o Leo, segurando uma valise.

Toninho Diabo olha em volta e diz, gaguejando, pela primeira vez: – “Trinta mil, dou-lhe uma...”.

Dona Jazz levanta o rosto pela primeira vez, olha para fora e vê a cara do Leo com as mãos levantadas, segurando a valise. Comecei a pensar que aquilo ia dar em merda.

– Trinta mil, dou-lhe duas.

O clima escurece dentro do bar. Alguns cavalheiros, aparentemente armados, aproximam-se da porta de saída.

– Trinta mil, dou-lhe três. É SUA!

Ao ouvir estas palavras, dona Jazzmin corre de braços abertos na direção do Bufone. Agarra-o como se fosse espancá-lo. Beijam-se

como se suas vidas dependessem disso. A chuva lá fora faz o resto. Leo a carrega no colo e sai andando em direção a Frutuoso, ao som das vaias de todos.

Quanto a mim, estava lá dentro, cercado, tentando responder a todos onde o Leo tinha conseguido trinta mil reais de uma hora para a outra. Eu já imaginava, mas só conseguia sorrir amarelo e apaziguar os humores.

Depois que todos foram embora, bêbados, fui atrás daqueles dois. Atrás do dinheiro e de uma explicação. Chego ao 902, portão aberto, porta aberta. Em cima de um caixote, um bilhete escrito: “no congelador”.

Vou até a cozinha. Nenhuma geladeira. Apenas alguns talheres em cima da pia. No quarto, um colchão surrado por uma semana de amor. Um isopor abandonado atrás da porta. Levanto a tampa. Dentro, a valise vazia e um embrulho com três mil reais e um outro bilhete escrito:

“Desculpe o cambalacho, a confusão. Fujo com a Jazz. Nós nos amamos. Não podia deixar ela fazer aquilo. Vendi o saxofone e o violoncelo. O dinheiro é pra você. A gente se arruma. Só em Belém, meu amigo, só em Belém. Cuide-se bem”.

Uma gargalhada explode no meu peito. Fiquei feliz por ele. Eu sabia, porra. Filho da mãe!

Amanheceu. Caminho até o portão. Guardo o dinheiro e o bilhete no bolso. Acendo um cigarro e sopro a fumaça olhando para o alto, a fumaça sobe, como um sinal, subindo a colina para avisar os viajantes:

– “A bênção, Peixotão” – Mas o Leo estava mesmo certo: “só... em Belém”.

Subo até a Praça da República. O vento frio da manhã, de resguardo, me acorda enquanto contemplo a paz do teatro do outro

lado da rua. Encosto num poste pra me ouvir pensar melhor em que rumo tomar. Um cartaz dizia: “Diga não à divisão do estado”.

Acrescento mentalmente “Diga não à divisão do estado de espírito”. Sorrio e me atrevo a pensar no futuro... pela primeira e última vez.

Eu matei Maísa

Thaís Christina Coelho Siqueira

A noite estava fria e Maísa lia as últimas páginas de um García Márquez. Era setembro, um setembro mais solitário que outros setembros nos quais ainda tinha com quem conversar. Naquele ano planejava mudar de bairro, de emprego, de sonhos. O ano encaminhava-se para o fim e Maísa não havia mudado nem a cor dos cabelos. Por vezes era uma mulher equilibrada, outras vezes uma menina impulsiva.

Naquela noite eu matei Maísa.

Três décadas depois minha memória já não é a mesma. Coisa de velhos homens que já viveram muito e não compreenderam tudo. Mas posso dizer que lembro do seu rosto todos os dias com uma nitidez absurda. Do seu sorriso, das suas palavras boas e ruins, dos seus olhos fechados e sem vida.

Maísa era bonita. Para alguns, linda, mas para mim era bonita, apenas isso. O que a deixava linda era sua capacidade de controlar sem que as pessoas soubessem que eram controladas. Era manipuladora, insensível, adorável.

Trinta e dois anos após Maísa chegar à página 443 de uma obra de 447 páginas, uma história que não foi lida até o fim porque o fim de Maísa chegou primeiro, recebo novamente o melhor dos presentes, aquele que entreguei ao destino naquela noite na qual a visitei: liberdade. Mas não sei o que fazer com ela.

Estou na rua em frente a um muro de quatro metros e meio de altura e cercas elétricas. Poucos carros passam por mim, três garotos brincam de *skate* na pista. No outro lado da rua uma garçonete serve café da manhã a um casal de meia idade em uma lanchonete a qual posso ver quase completamente através do vidro. Invejo a juventude da moça. Invejo o casal de velhos, eles têm um ao outro.

Caminho sem rumo porque qualquer lugar serve. Não tenho planos nem intenções. Só tenho um par de sapatos, duas camisas e uma calça, uma carteira de cigarros e óculos. Parece clichê, e é. Ex-presidiários costumam ter apenas coisas assim no momento que saem da cadeia, além da confusão e do êxtase que sentimos, sem isso não temos mais nada. A carteira de cigarros não me serve muito, eu não fumo há quase vinte anos, mas era a única coisa que meu amigo podia me dar como presente de despedida. Não vamos mais nos ver, pois ele vai morrer ali. Ao despedir-se, afirmou que se pudesse voltar no tempo não teria cometido todos os quarenta e nove crimes que cometeu. Quem sabe.

Nunca pensei tanto em Máisa quanto hoje. Se acreditasse nestas coisas diria que caminha ao meu lado agora, como na época em que nos conhecemos. Eu tinha catorze anos de idade, ela devia ser um ou dois meses mais velha. Havia acabado de chegar à escola. A primeira vez que conversamos disse que era órfã, na semana seguinte descobri que era mentira. Na verdade, foi abandonada pela mãe e o pai casou-se outra vez, mas a esposa não a aceitava e por isso foi morar com a avó, uma senhora de dupla personalidade. Mas, em geral, cuidava bem de Máisa. O pai, a mãe, a madrasta e a avó foram os primeiros a matar Máisa, disso eu não duvido. Ficamos amigos, nos apaixonamos e namoramos. Tudo muito simples. Quatro anos depois entramos na faculdade. As coisas iam bem para nós dois, sempre tivemos sorte. Eu fui seu primeiro amigo na escola, seu primeiro namorado, seu

único homem. E quando sua avó morreu, fui seu único motivo para continuar. Maísa me amava demais, e eu a ela.

Foram exatos nove anos de relacionamento, chegamos a morar juntos por dois anos. Maísa sempre acordava mais cedo e preparava um café, mesmo sabendo que eu detestava. Ainda detesto. Escrevia frases sem sentido em pedaços de papel higiênico e espalhava no banheiro, em todas elas referia-se a si mesma em terceira pessoa. Arrumava minhas coisas e eu não encontrava mais nada. Ela era perfeita.

Trabalhei em uma grande empresa e conheci Laura. Era uma mulher mais velha, bem sucedida e experiente. Divorciada, possuía a elegância dos cinquenta e a jovialidade dos vinte. Tinha trinta e oito. A primeira vez que saímos não sabia como me portar na sua frente, eu não passava de um rapaz de vinte e três anos. Laura me educou para o mundo do trabalho e para outras coisas que prefiro não citar nestas páginas. Em poucos meses eu estava louco por ela. Laura sabia da existência de Maísa, e de certa forma Laura também a matou.

No dia em que Maísa nos viu foi estranho. Alguém contou sobre o lugar onde eu costumava encontrar Laura após o trabalho e ela foi ao nosso encontro.

Uma semana depois eu me mudei, deixando Maísa em nosso apartamento. Mesmo sabendo da traição, insistiu para que eu ficasse. Era início de agosto. Parti com certo remorso, mas nos dias que se seguiram, Maísa não me deixava em paz, fazia escândalos na frente da empresa onde eu trabalhava, me seguia, chegou a visitar Laura para pedir que me deixasse. Foi humilhada pelos próprios sentimentos a minha pobre Maísa. Quando decidi dar um basta, fui visitá-la. Ainda fazia frio naquela noite de setembro em Florianópolis. Toquei a campainha e ela atendeu com um livro espesso nas mãos.

– Meu amor!

– Me solte Maísa, vim apenas conversar. Preciso que você pare de fazer o que está fazendo.

– Eu paro quando você voltar pra casa. Você não entende? Somos um casal de muita sorte, ah se você soubesse! Mas não vou lhe contar, você não está merecendo saber.

– Que seja. Só vim avisar que Laura e eu vamos morar juntos e não vou mais tolerar que você nos persiga, estou cansado disso, está ouvindo?

Posso lembrar nitidamente de seu rosto ao ouvir estas palavras. Ela parecia destruída. Após servir-me uma dose de vodca em um copo transparente com bordas azuis, Maísa continuou:

– Eu estou grávida.

– Mentira.

Assim. Foi com esta palavra que matei Maísa. Não lembro ao certo onde coloquei o copo, só lembro que deixei o apartamento e voltei para a casa de meus pais.

No dia seguinte um policial tocou a campainha, foi nos informar do falecimento de Maísa. Disse que uma amiga foi visitá-la cedo para levá-la ao médico e, como não foi atendida, chamou o porteiro. Com a ajuda de mais dois moradores arrombaram a porta. A encontraram no chão da sala com a jugular cortada com o vidro de um copo de bordas azuis. A perícia estava cuidando do caso.

Fomos ao velório de Maísa, todos me olhavam, mas ninguém tinha a coragem de dirigir-me a palavra. Estavam com raiva. Maísa tinha muitos amigos e nem os meus me apoiaram quando saí de casa. As coisas pioraram quando o porteiro testemunhou que fui a única pessoa a entrar no apartamento naquela noite. Em poucos dias saiu o resultado da perícia e as minhas digitais foram confirmadas no copo. Fui preso e condenado a trinta e dois anos. Maísa estava grávida.

Dias após eu ser condenado, recebi uma encomenda enviada pela amiga de Maísa. O pacote dizia: “*a ser aberto somente pelo destinatário. Ass.: Maísa*”. Dentro havia um livro. O livro que ela lia na noite em que morreu. Ao folhear o livro sem muita vontade de ler, encontrei um lenço de papel no qual se lia uma única frase. Tanto a letra do pacote quanto a da frase eram de Maísa, sem dúvida. Além de estar escrita em terceira pessoa, a frase não possuía ponto final, um detalhe que apenas eu conhecia da personalidade dela, que dizia que as coisas nunca terminam, por isso não gostava de pontos finais. Uma única frase em terceira pessoa. Trinta e dois anos. Foi assim que Maísa me matou, com um simples bilhete no qual confidenciava: “*esta noite, meu amor, eu matei Maísa*”.

Ènigmatique

Thayanne Tavares Freitas

Nelson acordou no meio da noite e lembrou-se dos cabelos dela; eram negros, curtos e cacheados. Ela dançava suavemente com um vestido branco, leve que deixava as formas do seu corpo mais evidentes. E chamava-o com as mãos como em um feitiço. Seus olhos fitavam-no com tanta intensidade que seus passos involuntariamente seguiram em direção dela e chegou perto, mas foi nesse momento que acordou.

Passou o dia inteiro pensando naquela imagem, naquela mulher, naquela dança, puro encantamento. O dia passou rápido, no trabalho se sentiu um pouco disperso, mas tudo ocorreu como o habitual, nada diferente, tudo normal como em todos os dias. A diferença estava nele. A imagem dela não saía da sua cabeça, tinha vontade de tocá-la, sentir sua pele macia, acariciar seu rosto, beijar seus lábios delicados, tocar levemente em seus cabelos, sentiu um desejo inexplicável.

Chegou em casa, o cachorro o recebeu na porta, e alimentou-o, tomou um banho relaxante e foi fazer a sua leitura antes de dormir. Não conseguiu ler uma página. Ador-meceu. Não sonhou com ela novamente. E acordou no dia seguinte com a sensação de não ter dormido. Ficou mal humorado e aparentava um cansaço no rosto e no corpo fora do normal. Seria um dia difícil e muito cansativo.

Papéis sobre a mesa, relatórios dos quais não lembrava a procedência, não percebia o telefone tocar, a mente cansada se esforçava para produzir, mas nada mudava, ele estava ausente daquele lugar.

No meio do expediente, já sem forças, adormeceu sobre o teclado do computador. Ouviu uma voz cantando suavemente e um cheiro de rosas correu sobre o ambiente. Foi quando a viu de longe, com o mesmo vestido do último sonho, mas não era tão visível, sua aparência desfocada bailava em um jardim florido. Chamava o através do pensamento. E mais uma vez não pôde alcançá-la. Acordou.

Faltava pouco para o horário do almoço chegar, então, resolveu sair alguns minutos antes. Passou no banheiro e lavou o seu rosto, olhou para o espelho e a viu refletida atrás dele, olhou rapidamente para trás e não tinha nada. Ficou assustado. Então, saiu do prédio e resolveu pegar um caminho diferente para o restaurante. Entrou na avenida das Oliveiras onde ficava o Museu de Arte, parou inexplicavelmente em frente ao museu. Olhou para sua fachada lentamente e sentiu uma vontade enorme de entrar. Andou meio desorientado pela exposição. Havia inúmeros quadros impressionistas com suas múltiplas formas e cores, seguiu involuntariamente para o fim da exposição onde os quadros realistas estavam expostos.

Ao fundo percebeu uma imagem familiar, então se aproximou aos poucos, em passos lentos caminhou sem tirar os olhos da tela, e pôde vê-la com clareza. Era ela, a mulher dos seus sonhos, com o mesmo vestido branco, colo à mostra e o olhar que lhe embriagava. Tudo ao seu redor ficou imóvel, seu corpo paralisou. Nelson olhava fixamente para aquela tela como se estivesse hipnotizado e lá ele ficou até fechar o museu. Quando deu por si estava em casa sentado na poltrona da sala. Não lembrava como havia saído do museu, muito menos o caminho que passara. Não percebera o quanto a sua vida já tinha mudado completamente.

Acordava muito cedo e, sem tomar café, seguia em direção ao museu. Simplesmente, aguardava as portas se abrirem e quando isso acontecia, corria desesperado para ver a tela novamente. Passava horas e horas admirando aquela pintura. Tudo acontecia misteriosamente, como se suas pernas já soubessem aonde ir e seu pensamento ficava somente naquela imagem. A cada dia no museu percebia o quanto a pintura ficava mais bela.

No dia seguinte, acordou cedo novamente, desta vez nem tomou banho, pegou a primeira roupa que viu pela frente e correu para o museu. Como sempre, aguardou as portas se abrirem e quando isso aconteceu, correu desesperado para ver a tela novamente. Passou horas e horas admirando aquela pintura. A cada dia no museu percebia o quanto as cores da tela ficavam mais fortes, vívidas.

Nelson mais uma vez, acordou cedo tinha a barba por fazer e olheiras profundas pelas noites mal dormidas correu para o museu. Aguardou as portas se abrirem e quando isso aconteceu, correu ansiosamente para ver a tela. Manteve sua rotina de ficar horas e horas admirando aquela pintura. A cada dia percebia o quanto o tecido do vestido parecia ser mais real.

E como um zumbi, não percebeu o quanto estava distante de tudo e de todos. Aos poucos seus amigos se afastaram, largou o emprego e a sua lucidez ficava cada vez mais ausente. Passou a não dormir, não se alimentava bem por falta de apetite e os dias se tornavam mais longos. Estava pálido, desfigurado, sem vida. Como um ser que vegeta e vive em função do outro, preso numa mente obcecada e a beira da loucura. Nelson já tinha perdido o controle de sua vida sentia-se atraído por uma ficção, inatingível. Nelson estava doente.

Certo dia, não acordou, ficou preso num sonho: caminhava em um bosque meio desorientado e de repente sentiu um cheiro

inebriante de rosas e o seguiu, passou por um corredor de palmeiras imperiais e avistou um chalé. Entrou nervoso, mãos trêmulas e os olhos curiosos pelo lugar. Subitamente o coração acelerou os batimentos ao ver aquela mulher delicadamente sentada, costa desenhada com perfeição e pés descalços, a qual ao perceber a presença de Nelson, voltou-se suavemente a ele. Levantou-se e com as mãos o chamou, sorriu. Enquanto ele no auge de sua tormenta olhou incrédulo e se aproximou. Enfim, tocou as mãos dela, olhou-a nos olhos e beijou-a intensamente. Nelson jamais acordou daquele sonho.

– Como vocês podem ver esta é uma obra de François Poirot retratista do século XIX intitulada “Ènigmatique”, com traços delicados e realistas. O quadro retrata uma donzela de cabelos curtos e cacheados, com um vestido branco que realça o seu colo, está sentada em uma poltrona típica da época. Ao lado dela, vê-se o seu amado com trajes atípicos para aquilo que se esperava daquele tempo, fitando-a com amor. Até hoje não se sabe ao certo o que levou Poirot a pintar este quadro com pessoas aparentemente de períodos distintos. E mais à frente podemos observar as obras impressionistas...



III PRÊMIO PROEX/UFGA DE LITERATURA

Poesias

Joséclis de Souza Santos
Anselmo de Souza Gomes
Elizier Junior Araujo dos Santos
Airton Souza de Oliveira
Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior
Caroline Pinheiro Lobato
Esther Mirian Cardoso Mesquita
Fabiano da Silva Pereira
Francielis Freitas Viana
Jacqueline Lima Coelho Sampaio
Jaqueline do Socorro Costa Silva
Jeferson Conceição Araújo
Jorge Fernando Negrão de Lemos
José Raimundo Barreto Trindade
Luciana Cristina da Silva Rego
Marcela Maria de Paiva Azevedo
Marcos Mascarenhas B. Rodrigues
Rita de Cássia Paiva
Roberta Conceição Tavares
Thayanne Tavares Freitas

Contos

Anselmo de Souza Gomes
Airton Ícaro Cantuária Gonzaga
Matheus Rosy Araújo Aguiar
Alan Victor Flor da Silva
Allyson Allen Lima Pereira
Antônia Nayane Muniz de Oliveira
Daniel Prestes da Silva
Danilo Mercês Freitas
Denise Araújo Lobato
Edir Augusto Dias Pereira
Edivan dos Santos Gomes
Ingra Carla de Oliveira Cardoso
Isaque Felipe Carvalho da Silva
João Marcelino Pantoja Rodrigues
João Victor Rocha Micunaki
José Aramilton Alves de Oliveira
Leandro Cavalcante Lima
Maurício Leal Dias
Thais Christina Coelho Siqueira
Thayanne Tavares Freitas



Crônicas

Natália Abdul Khalek Mendonça
Robson Heleno da Silva
Alan Frick de Queiroz Muniz
Airton Ícaro Cantuária Gonzaga
Alex Junior Azevedo Lobo
Ans Lúcia da Conceição R. Maracahipe
Arthur Correa Mendes
Bruno Elzires Soares
César Augusto Martins de Souza
Daniel Prestes da Silva
Dielly de Castro Silva
Elias Abner Coelho Ferreira
Francielis Freitas Viana
João Marcelino Pantoja Rodrigues
Jorge Wesley de Souza Bezerra
Kleiton Luiz Nascimento Reis
Lindemberg Monteiro dos Santos
Luiz Junior Costa Saraiva
Luiz Gustavo Dias Ferreira
Raphael Carmesin Gomes

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



III PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63728-10-4



9 788563 728104